Onivan Elias de Oliveira
Álvaro Cavalcante Filho
Valdomiro Bandeira de Sousa Neto

REVISTA · AMPLIADA · ATUALIZADA
3ª EDIÇÃO

"É UM ASSALTO!"

E SE EU REAGIR?

Um Guia de Sobrevivência



Prefácio
Rogério Greco

ideia

Entre janeiro de 2015 e dezembro de 2024, no Brasil, foram registradas 16.544 vítimas de roubos com consequência fatal, ou seja, latrocínios, segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública. Esses números representam histórias de vidas e famílias afetadas pela criminalidade violenta. A decisão de não reagir nesses casos foi a mais adequada para as vítimas? Ou a reação precipitou suas mortes? Essa questão é complexa e merece uma análise cuidadosa. Este estudo visa contribuir com essa discussão, compartilhando as centenas de horas de pesquisas realizadas sobre a vitimização em casos de roubos.

"É UM ASSALTO!" E SE EU REAGIR?

Um Guia de Sobrevivência

ONIVAN ELIAS DE OLIVEIRA
ÁLVARO CAVALCANTE FILHO
VALDOMIRO BANDEIRA DE SOUSA NETO

"É UM ASSALTO!" E SE EU REAGIR?

Um Guia de Sobrevivência

3ª edição

Ideia – João Pessoa – 2025

Todos os direitos e responsabilidades sobre os textos
e imagens são dos autores.

Projeto Gráfico: Magno Nicolau
Capa: Álvaro Cavalcante Filho

Revisão: Anthony S. e Silva – SD PMPB

Ilustração da capa
https://spark.adobe.com/pt-BR/

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O482a Oliveira, Onivan Elias de.
"É um assalto!" E se eu reagir? Um guia de sobrevivência / 3ª edição. Onivan Elias de Oliveira, Álvaro Cavalcante Filho, Valdomiro Bandeira de Sousa Neto. – João Pessoa: Ideia, 2025.
282p.:il.
ISBN 978-65-5608-038-3

1. Roubo – vítimas - prevenção. 2. Delitos contra a propriedade – medidas preventivas.3. Delitos contra a pessoa – medidas preventivas. I. Cavalcante Filho, Álvaro. II. Sousa Neto, Valdomiro Bandeira de. II. Título.

CDU: 343.71

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810

ideia
EDITORA
(83) 3222-5986
www.ideiaeditora.com.br

Impresso no Brasil – Feito o Depósito Legal

"Bem-aventurados os pacificadores,
porque eles serão chamados
filhos de Deus."
(Mateus 5:9)

"Todo produto tem a sua
matéria prima. O nosso é a
realidade brasileira."
(Valdomiro Bandeira de Sousa Neto)

"Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de
uma centena de combates.
Se nos conhecemos, mas não ao inimigo,
para cada vitória sofreremos uma derrota.
Se não nos conhecemos nem ao inimigo,
sucumbiremos em todas as batalhas."
(Sun Tzu)

Em memória do
3º Sgt Claudemi José de **França** e do
Soldado Éwerton **F**ernandes de **Barros**,
ambos da Polícia Militar da Paraíba,
que perderam as suas vidas para que
outros desfrutassem dos seus patrimônios.

Dedicamos este trabalho aos policiais militares, civis, penais, federais, rodoviários federais, bombeiros militares, guardas civis municipais e integrantes das forças armadas, masculinos e femininos, que, mesmo estando fora do horário de serviço, sendo vítima ou presenciando um ato criminoso violento, arriscam as suas próprias vidas para que outros brasileiros possam usufruir do seu patrimônio.

Agradecimentos

A **Deus,** por sua extrema bondade e misericórdia para conosco, mesmo quando por circunstâncias da vida, afastamo-nos de Seus mandamentos e ensinamentos, tem propiciado momentos de extrema alegria e aprendizado.

Ao Coronel Veterano do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba José Walber **Rufino** Tavares, pela leitura dos capítulos, sugestões de correções e orientação acadêmica. Comandante nosso muito obrigado e continência 'científica.'

Ao Major da Polícia Militar da Paraíba **Onierbeth** Elias de Oliveira, pelas traduções realizadas, leitura dos capítulos e sugestões de conteúdo. *Little brother, thanks so much.*

Ao Coronel veterano da Polícia Militar do Estado de São Paulo Márcio **Santiago** Higashi Couto, Juiz Federal **Tiago** Antunes de Aguiar, Promotor de Justiça do Mato Grosso do Sul **Élcio** D'Angelo, Agente da Polícia Federal Eduardo **Bettini** e Dr. **Mário** Gomes de Araújo **Júnior**, Ouvidor de Polícia da Paraíba, pelo compartilhamento de vídeos, reportagens, sugestões e análises na 2ª edição.

As senhoras Josephine Bezerra Simões, Edmara Luana de Araújo Cavalcante e Thais Melo Mendes, pelas leituras dos capítulos, compreensão e paciência para que pudéssemos ter o foco necessário e escrever palavras que contribuam para preservar vidas de inocentes.

Sumário

Prefácio / 17
Apresentação / 21

VITIMIZAÇÃO POLICIAL / 33
1 Ambiência / 34
2 Percurso Metodológico / 41
3 Análise e Discussão / 45
3.1 Quanto ao ano / 45
3.2 Quanto ao estado e cidade / 47
3.3 Quanto ao dia da semana / 50
3.4 Quanto ao horário / 51
3.5 Quanto à corporação da vítima / 54
3.6 Quanto ao gênero da vítima / 57
3.7 Quanto à decisão de reagir da vítima / 60
3.8 Quanto à quantidade e gênero do criminoso / 72
3.9 Quanto à arma usada pelo criminoso / 75
3.10 Quanto às consequências à integridade física do criminoso / 78
3.11 Quanto ao meio de aproximação da vítima usado pelo criminoso / 80
3.12 Quanto ao local do crime / 82
4 Morte Violenta de Profissionais de Segurança Pública / 86

ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO NO CARRO / 97
1 Contextualizando / 98
2 Percurso Metodológico / 101
3 Resultados e Discussão / 102

3.1 Quanto ao ano / 102
3.2 Quanto ao estado / 105
3.3 Quanto ao gênero da vítima / 106
3.4 Quanto ao horário / 106
3.5 Quanto à corporação da vítima / 108
3.6 Quanto à posição da vítima no interior do carro / 109
3.7 Quanto à condição que a vítima estava em relação ao carro no momento do primeiro disparo / 110
3.8 Quanto à empunhadura na arma de fogo da vítima no primeiro disparo / 111
3.9 Quanto ao momento de reação da vítima / 113
3.10 Quanto ao resultado à integridade física da vítima / 114
3.11 Quanto à presença de passageiro no interior do carro / 115
3.12 Quanto à quantidade de criminosos / 116
3.13 Quanto ao meio de aproximação usado pelo criminoso / 118
3.14 Quanto ao lado de aproximação do carro e exibição da arma pelo criminoso / 119
3.15 Quanto ao local do crime / 121

ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO NUMA MOTO / 123
1 Cenário / 124
2 Percurso Metodológico / 127
3 Resultados e Discussão / 129
3.1 Quanto ao ano / 129
3.2 Quanto ao dia da semana / 130
3.3 Quanto ao horário / 132
3.4 Quanto ao gênero da vítima / 133
3.5 Quanto ao local do crime e uso do capacete / 134
3.6 Quanto à posição da vítima em relação à moto e desembarque no momento da abordagem criminosa / 137
3.7 Quanto à decisão de reagir da vítima e consequência à integridade física / 139

3.8 Quanto à quantidade e gênero dos criminosos / 141
3.9 Quanto à aproximação e exibição de arma pelo criminoso / 144
3.10 Quanto ao roubo da moto ou de objeto / 146
3.11 Quanto ao disparo de arma de fogo pelo criminoso / 147

ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO A PÉ / 149
1 Contextualizando / 150
2 Percurso Metodológico / 152
3 Resultados e Discussão / 154
3.1 Quanto ao ano / 154
3.2 Quanto ao estado / 156
3.3 Quanto ao dia da semana / 158
3.4 Quanto ao horário / 160
3.5 Quanto ao gênero da vítima / 162
3.6 Quanto à corporação da vítima / 164
3.7 Quanto à decisão de reagir da vítima / 166
3.8 Quanto ao momento da reação da vítima / 170
3.9 Quanto à quantidade de criminosos / 176
3.10 Quanto ao meio de aproximação usado pelo criminoso / 179
3.11 Quanto ao local do crime / 181

TIPOLOGIA DE VÍTIMAS POLICIAIS / 185
1 Contextualização / 186
2 Vítima direta / 193
3 Vítima indireta / 194
4 Vítima diligente / 196
5 Vítima vigilante / 199
6 Vítima de crime evitável / 200

NA HORA DA VERDADE EU SOBREVIVI / 205
1 O teatro dos horrores / 206

FATORES QUE INFLUENCIAM PARA A SOBREVIVÊNCIA / 229
1 Introdução / 230
2 Sorte / 233
3 Treinamento mental / 237
3.1 observar / 243
3.2 orientar / 243
3.3 decidir / 244
3.4 agir / 244
4 Treinamento prático / 247
5 Inversão da surpresa / 254

CONSIDERAÇÕES FINAIS / 259

REFERÊNCIAS / 267

ANEXOS / 275
ANEXO A - *Workshop* de Proteção Pessoal / 275

PREFÁCIO

É um assalto! E se eu reagir? Um guia de sobrevivência. Essa dúvida atormenta a todos nós. O que fazer numa situação em que nos deparamos com um criminoso, geralmente armado com uma arma de fogo, que anuncia o roubo? Em fração de segundos, várias alternativas nos vêm à mente. Reagir ou não reagir?

Na verdade, não existe uma resposta absoluta, definitiva. Cada caso importará em uma análise da probabilidade ou não do sucesso da reação. Pode ocorrer que o impulso em se defender, no momento errado, conduza à morte da vítima. Em outras situações, a sua inércia, quando possível a defesa, também poderá recair em seu prejuízo. Enfim, cada situação deverá ser considerada para que a vítima tenha melhores chances de ser preservada.

Esse livro, na sua segunda edição, devido ao sucesso com que a anterior foi rapidamente esgotada, tem como uma de suas finalidades analisar justamente essas dúvidas, e ninguém melhor do que seus autores, meus queridos amigos Ten. Cel. Onivan Elias de Oliveira, Major Álvaro Cavalcante Filho e o Cb Valdomiro Bandeira de Sousa Neto, todos pertencentes à gloriosa Polícia Militar da Paraíba, para poder discutir, com a profundidade que o caso exige, esse dilema: Reagir ou não reagir.

Os autores tiveram a preocupação de, antes de justificarem seus posicionamentos, trazerem dados estatísticos sobre os resultados levando em consideração os diferentes comportamentos assumidos pela vítima, ou seja, quando ela reage ou se submete à ação criminosa.

O estudo considera variadas hipóteses, todas ligadas ao nosso dia a dia, e que ocorrem com assustadora frequência, a exemplo do roubo quando a vítima se encontra no interior do seu veículo, ou mesmo pilotando uma motocicleta. Os autores, com a precisão que lhes é peculiar, partindo da análise de casos concretos, passam a identificar e a classificar as espécies de vítimas, a saber: 1] vítima direta; 2] vítima indireta, 3] vítima diligente ou 4] vítima vigilante, aduzindo que em algumas dessas tipologias o policial pode ou não optar em ser vítima, sendo que em outras não lhe cabe essa escolha. Essa nova edição traz, ainda, mais um capítulo, que analisa a situação do roubo com a vítima estando a pé.

Impressiona, ainda, que o livro não somente cuida de fatos estudados pelos autores, ou que fizeram parte de seu trabalho preventivo como militares, mas também aqueles em que experimentaram a posição de vítima, a exemplo do que ocorreu com o Cb Bandeira, conforme o leitor verificará durante a leitura das páginas desse livro.

A obra é recheada de ensinamentos que, com toda certeza, ajudarão os leitores a lidarem da melhor forma possível se, em algum momento, por infelicidade, passarem a figurar na condição de vítima de um crime de roubo, foco principal dos estudos desses brilhantes autores.

Enfim, o livro é um misto de doutrina abalizada e conhecimento prático dos autores, que nos brindam com ensinamentos até então negligenciados no Brasil.

A mim, só me resta agradecer aos queridos amigos pelo privilégio de ter tomado conhecimento antecipado desse trabalho que, certamente, passará a fazer parte dos livros de consulta obrigatória quando estivermos diante desse tema tão comum entre nós: o roubo e a (não) reação da vítima e suas consequências.

Rogério Greco
Pós Doutor pela Universidade de Messina (Itália)
Doutor pela Universidade de Burgos (Espanha)
Mestre em Ciências Penais pela UFMG
Professor de Direito Penal
Secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública MG
Autor de várias obras jurídicas

APRESENTAÇÃO

Digno(a) Leitor(a),

Em 1998 cinco capitães da Polícia Militar do Estado de São Paulo publicaram a 3ª edição do livro **Reaja!** Prepare-se para o Confronto: técnicas israelenses de combate[1]. Em virtude da referida publicação, sofreram sanções administrativas institucionais. Passados mais de vinte e dois anos da primeira edição do citado livro, nos perguntamos: qual a diferença do Brasil atual, principalmente nas capitais e regiões metropolitanas em termos de tranquilidade e sensação de (in) segurança do cidadão, para o cenário de quando o livro mencionado foi publicado? Para ajudar os leitores que não eram nascidos à época, transcrevemos um trecho do aludido livro para melhor compreensão

> A violência gerada pelo crime organizado, assusta e impressiona, dada a ousadia como seus atos são executados, tráfico de drogas, redes de jogos e prostituição, cartéis internacionais organizados como eficientes empresas, controlam e coordenam ações que afetam a vida do mais simples dos cidadãos, a tal ponto, que ao se tomar consciência do real perigo que a cerca, a sociedade já estará inerte e estupefata. Tudo isso posto no colo das pessoas, dentro de

[1] GOMES, Sérgio Olímpio; BARROS, Ricardo Fernandes de; LEMOS, Márcio Tadeu Anhaia; SANTOS, Afonso César Evaristo; BORTOLETTO, Rogério da Rocha. **Reaja!** Prepare-se para o Confronto: técnicas israelenses de combate. 3ª ed. São Paulo: S. O. Gomes, 1998.

> suas casas, via satélite, pela força das grandes redes televisivas. Mas ainda, o mais tangível, continua sendo a violência comum, diária, que ocorre nas esquinas, nos estacionamentos dos shoppings centers, supermercados e dentro de nossas próprias residências. (GOMES *et al.*, 1998, p. 14-15)

Em contrapartida, Lordello e Ribeiro[2] (1998) recomendam que as vítimas jamais reajam e com isso aumentarão as chances de sobrevivência. No âmbito das discussões sobre o paradigma do 'nunca' ou 'sempre' reaja, entramos com o pensamento de 'mediar' as posições divergentes porém, ambas, têm um só escopo: a SOBREVIVÊNCIA da vítima.

Sobre o paradigma do 'nunca reaja', temos várias visões e posicionamentos entre policiais, 'especialistas', articulistas e pesquisadores. Cada um desses posicionamentos, tem suas metodologias para se chegar aos resultados. Além dos mencionados no início desta apresentação, temos outros exemplos, ou seja, pessoas defendendo "o melhor é sempre não reagir ao assalto[3]", bem como em sentido contrário ao "não reaja[4]". Afinal, qual deles tem mais robustez na assertiva?

No mundo onde vivemos, algumas coisas ou fatos quando acontecem com o envolvimento de três partes tornam-se interessantes. Podemos mencionar a Santíssima Trindade para os cristãos, ou seja, Deus-Pai, Deus-Filho e o

---

[2] LORDELLO, Jorge. RIBEIRO, Lair. **Como Conviver com a Violência**. São Paulo: Moderna, 1998.

[3] Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/o-melhor-e-sempre-nao-reagir-ao-assalto-orienta-delegado-no-acre.ghtml. Acesso em: 20 jun. 2020.

[4] Disponível em: https://www.cadaminuto.com.br/noticia/298812/2017/02/01/nao-reaja-a-justificativa-do-bandido. Acesso em: 20 jun. 2020.

Espírito Santo. No universo cinematográfico encontramos os clássicos a exemplo de: Os Três Mosqueteiros, Os Três Patetas e Os Três Porquinhos. Trazendo para o campo policial, visualizamos o *Federal Bureau of Investigation* (F.B.I.) e Central de Inteligência Americana (C.I.A.). Desse modo, três policiais militares paraibanos uniram-se para compartilhar saberes e *expertises* no intuito maior de contribuir para a sobrevivência das pessoas quando vítimas de crimes violentos, com destaque para o crime com característica inicial de roubo.

"É um Assalto!" E se Eu Reagir? Um guia de sobrevivência, é fruto de uma tríade que norteia o pensamento dos autores da obra, qual seja: **FÉ**, **AMOR** e **CIÊNCIA**. A **Fé** que teremos em algum momento um Brasil mais pacífico e com índices de criminalidade violenta mais 'toleráveis'; o **Amor** em desenvolver uma atividade profissional focada em ajudar as pessoas a serem humanos melhores e a **Ciência** com dados empíricos e devidamente sistematizados, para propiciar o suporte metodológico necessário aos nossos pensamentos e falas.

Presenciamos nas últimas décadas um crescimento significativo nas taxas de crimes violentos no nosso país, em especial o homicídio, o latrocínio, o feminicídio, a violência doméstica e o estupro. Nós brasileiros e as autoridades gestoras do sistema de justiça criminal, devemos entender e admitir que temos uma espécie de epidemia, um câncer ou coronavírus espalhado nessa seara e que para a sua 'cura' necessitamos de algumas medidas mais enérgicas, sempre pautadas no respeito às leis, à ética e às convenções sociais.

De acordo com o Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública[5] (Sinesp-VDE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), de 2015 a 2024, tivemos no Brasil **458.677** vítimas de homicídios dolosos, lesão corporal seguida de morte e roubo seguido de morte (latrocínio), perfazendo uma taxa de **17,25** por cem mil habitantes. São números indubitavelmente de guerras declaradas e, por mais que se queira empregar termos 'politicamente corretos', nem assim o quadro será menos impactante.

De modo similar, a 14ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública[6], produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nos demonstra que entre 2011 e 2019 nosso país computou **506.967** Mortes Violentas Intencionais[7] (MVI), chegando no ano 2017 a alcançar a taxa de **30,9** por cem mil habitantes.

É reconhecido que as forças de segurança pública por mais boa vontade, inteligência, tecnologia e logística que possuam, não têm o condão de estarem presentes nos mais diversos rincões e locais de crime, cabendo, portanto, uma parcela de contribuição e responsabilidade à própria vítima. Mesmo porque, está esculpido na nossa Carta Magna de

---

[5] Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyjrijoin2m2n2i0otmtmjawzi00mdq2ltlioditzwmxodi5mthkymvhiiwidci6imvimdkwndiwltq0ngmtndnmny05mwyyltriogrhnmjmzthlmsj9. Acesso em: 21 jan. 2025.

[6] Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf. Acesso em: 04 fev. 2021.

[7] Corresponde à soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora (em alguns casos, contabilizadas dentro dos homicídios dolosos.

1988 que a segurança pública é dever do Estado, direito e RESPONSABILIDADE DE TODOS.

Os policiais que integram as várias forças de segurança estaduais ou federais (Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal ou Polícia Penal), constituem o que, os autores, chamamos de 'cidadão qualificado', ou seja, é uma pessoa que fora do horário do seu expediente e atividade laboral, passa a integrar a coletividade de uma cidade e, por isso, também é vítima da criminalidade violenta que atinge diariamente a população brasileira. Cidadão qualificado, pois, de algum modo, em maior ou menor grau, possui um treinamento no manejo de arma de fogo e defesa pessoal, embora seja um cidadão comum estando fora do local de trabalho, tem algum nível de qualificação (não necessariamente específica para o contexto) para enfrentar à criminalidade quando vítima dela.

A partir de dois casos ocorridos com policiais militares paraibanos, sendo um deles coautor, que trará um capítulo específico relatando em detalhes todo o ocorrido quando foi vítima da criminalidade violenta e conseguiu sobreviver ileso, bem como outro em que a vítima é um oficial operacional, muito bem qualificado, principalmente pelo fato de ser instrutor e competidor de tiro que, vítima de roubo e ter reagido, terminou ferido e os criminosos ilesos; nos inspiraram a procurar entender quais fatores podem contribuir para uma reação (ou não) se tornar exitosa.

Diante dessa inquietude, em 2013 começamos a discutir sobre a temática VITIMIZAÇÃO POLICIAL FORA DE SERVIÇO nos eventos de roubo ou roubo resultante em morte (latrocínio) que tenha sido consumado/tentado, procurando, assim, formas de colecionar casos para estudos. O

foco originário estava em responder a um paradigma já estabelecido há muito tempo na crônica policial, ou seja, o famoso 'em caso de assalto, NUNCA REAJA.'

Mesmo sendo policiais militares, sabemos do desafio que é ter dados catalogados e sistematizados nas diversas polícias e instituições de segurança pública no Brasil para fins de pesquisa. Diante disso, recorremos à tecnologia que está à disposição de qualquer pessoa com acesso à *internet*.

Decidimos então criar um correio eletrônico (e-mail) no *gmail.com*. O passo seguinte foi acessarmos o serviço do Google chamado *Google Alerts* que envia para o correio eletrônico do usuário as reportagens (textos) ou vídeos sempre que a palavra-chave da pesquisa for usada no idioma selecionado.

Desse modo, o capítulo 1 é o resultado da catalogação, sistematização e análise das reportagens publicadas nos anos de 2017 (a partir do mês de julho) a 2024, aplicando a palavra-chave POLICIAL REAGE na ferramenta acima mencionada.

Nos três capítulos seguintes usamos como fonte primária os vídeos publicados no YouTube, bem como em redes sociais de casos de roubos/latrocínios consumados ou tentados ocorridos tão somente no Brasil. Os textos (reportagens) nos mostram O QUÊ, QUANDO e QUANTOS ocorreram; no entanto, o COMO aconteceu fica prejudicado, podendo ser sanado apenas no nosso modo de entender, com imagens (e sons, preferencialmente).

No ano de 2016 apresentamos ao Diretor do Centro de Educação[8] da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), um projeto intitulado *Workshop* de Proteção Pessoal (WPP) para compartilhar os primeiros achados de pesquisa que tínhamos realizado nos dois anos anteriores. Assim, a partir daquele ano, iniciamos as primeiras turmas do mencionado *Workshop*, a princípio somente para os alunos do Curso de Formação de Sargentos (CFS) e do Curso de Formação de Cabos (CFC)[9] que estavam em funcionamento na Unidade Escola da PMPB e, atualmente, também é ministrado para a população em geral.

No ano de 2020, em virtude da pandemia causada pelo coronavírus, decidimos então apresentar o mesmo projeto do WPP na versão *on-line*[10], tendo em vista que as aulas presenciais foram suspensas no país, bem como na PMPB. A primeira turma foi constituída de todos os alunos do Curso de Formação de Soldados (CFSd) que estava em funcionamento nas diversas organizações policiais militares paraibanas.

Esta obra está alicerçada em pesquisas inicialmente realizadas pelos autores, principalmente a partir da coletânea de centenas de reportagens de casos ocorridos tão somente no Brasil, em que policiais (militares, civis, penais, federais e rodoviários federais), quando fora de serviço e foram diretamente (predominantemente) vítimas ou estavam na cena onde uma pessoa fora vítima de tentativa de roubo ou latrocínio (roubo com resultado morte), capitulados no

---

[8] Equivalente aos Reitores de Universidades ou Diretoria de Ensino para as Polícias Militares no Brasil.

[9] Publicado no Boletim Geral da PMPB nº 90, de 13 de maio de 2016.

[10] Publicado no Boletim Geral da PMPB nº 134, de 21 de julho de 2020.

artigo 157[11] do Código Penal Brasileiro, e decidiram intervir. Além disso, ampliamos e atualizamos para os casos envolvendo qualquer cidadão brasileiro estando numa moto, carro ou a pé e portando arma de fogo. Nos capítulos respectivos apresentaremos de forma mais pormenorizada esses dados.

Aos leitores mais rigorosos com os métodos acadêmicos, pedimos *data máxima vênia*, pela possível carência de dados ou análises mais robustas e criteriosas tendo em vista que no nosso país essa temática é recente e, portanto, pouco explorada pelos estudiosos das ciências policiais, criminais ou outras. Fizemos um esforço hercúleo para, desde o ano de 2015, coletar, sistematizar e desenvolver categorias (variáveis) de análise. O desejo e a boa vontade em contribuir para debates e reflexões acadêmicas foram bem maiores comparadas a eventuais fragilidades empíricas-científicas. De modo que estimulamos e incentivamos cada leitor a desenvolver a própria metodologia de pesquisa e compartilhar para que possamos cada vez mais ajudar às vítimas a sobreviverem de forma consciente.

A obra está dividida em oito capítulos. No primeiro deles, VITIMIZAÇÃO POLICIAL, trazemos à baila a análise de **1.954** (mil novecentos e cinquenta e quatro) reportagens publicadas em portais de notícias entre o mês de julho de 2017 até 31 de dezembro de 2024, em que a vítima era um policial (estadual ou federal) ou guarda municipal, de um crime com características iniciais de roubo, estando fora de

[11] Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

serviço. A partir da leitura das matérias, desenvolvemos as categorias de análises para entender o perfil desses (des)encontros violentos entre vítimas e criminosos.

No capítulo dois, ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO NO CARRO, demonstramos o estudo de **58** (cinquenta e oito) vídeos em que a vítima, quando foi abordada, estava inicialmente no interior de um carro e reagiu usando a arma de fogo. Usando os recursos inerentes aos vídeos, a exemplo de *slow motion* (câmera lenta) e *pause* (pausa), podemos analisar com mais riqueza de detalhes a conduta de cada pessoa envolvida na cena, ou seja, as vítimas e os criminosos estabelecendo desse modo um perfil da dinâmica dos acontecimentos.

No capítulo três, ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO NUMA MOTO, de forma similar aos cenários em carros, conseguimos catalogar **69** (sessenta e nove) vídeos de fatos ocorridos também no Brasil, independente do ano ou estado da Federação, quando a vítima estava embarcada (em movimento ou parada) ou ao lado de uma moto e foi abordada por criminoso(s). Assim, traçamos o *modus operandi* predominante do(s) criminoso(s) e o desfecho dos casos de acordo com o comportamento da(s) vítima(s).

No capítulo quatro, ROUBO CONTA VÍTIMA ESTANDO A PÉ, seguindo o padrão dos dois anteriores, catalogamos e analisamos **167** (cento e sessenta e sete) vídeos em que a vítima, estando no momento da abordagem criminosa exclusivamente a pé, independentemente de ser policial [tivemos casos com comerciantes, colecionadores-atiradores-caçadores (CAC)] ou local, portava uma arma de fogo. Objetivamos com isso fazer comparações com alguns estudos e

reportagens sobre o êxito ou não em usar arma de fogo para a proteção pessoal.

No capítulo cinco, TIPOLOGIA DE VÍTIMAS POLICIAIS, apresentamos nossa classificação ou divisão das vítimas policiais. Fundamentado em partes da vitimologia, estabelecemos CINCO quatro tipos, sendo: **1]** vítima direta; **2]** vítima indireta, **3]** vítima diligente, **4]** vítima vigilante e **5]** vítima de crime evitável. A diferença crucial é que em algumas dessas tipologias o policial vítima pode optar por ser vítima; noutras ele não tem escolha.

No capítulo seis, NA HORA DA VERDADE EU SOBREVIVI, descrevemos o relato detalhado da experiência vivida por um dos autores, o Sargento PMPB Bandeira, quando foi vítima de um sequestro relâmpago perpetrado por três criminosos que, a todo o momento, ameaçavam-lhe tirar a vida caso não fosse colaborativo.

No capítulo sete, FATORES QUE INFLUENCIAM PARA A SOBREVIVÊNCIA, detalhamos o corolário das nossas pesquisas, debates, discussões, reflexões desde o ano de 2015 quando iniciamos essa caminhada de entender o fenômeno da criminalidade violenta com destaque para o roubo ou latrocínio e, em seguida, sugerimos comportamentos que tendem a ajudar a vítima a sobreviver. Ancorando em saberes da neurociência, Programação Neurolinguística (PNL), estatística, artes marciais e tiro policial, buscamos fazer um *mix* para, reforçamos, contribuir à SOBREVIVÊNCIA DA VÍTIMA.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS colocamos nossos pensamentos em forma de um 'grande' resumo do que apreendemos até então com as análises, visualizações das imagens

e oitiva de relatos de policiais que foram vítimas e conseguiram sobreviver ao (des)encontro criminoso com características iniciais de roubo.

Por fim, desejamos estar humildemente contribuindo e estimulando para que pesquisas outras sejam realizadas e aprofundadas com a realidade brasileira, sempre com o foco em auxiliar a vítima a SOBREVIVER nesses (des)encontros violentos e nefastos do cotidiano nacional enfrentados pelos residentes das metrópoles, grandes e pequenas cidades nos mais variados rincões brasileiros. Compartilhamos com você, centenas de horas e dias, de análises, discussões entre os autores e alunos, em dias úteis, feriados ou finais de semana, para oferecer a nossa preocupação e comprometimento com a vida da vítima.

Que o Deus-Pai, o Deus-Filho e o Espírito Santo abençoem nossas decisões.

Afinal, "É um assalto" e se você reagir o que poderá ocorrer?

Conte conosco para as boas práticas!

Os Autores
Fevereiro de 2025

VITIMIZAÇÃO POLICIAL

"Durante um crime violento, não há segunda chance, intervalo ou próxima vez para a vítima"
Onivan Elias de Oliveira

Policial civil reage a tentativa de assalto em lanchonete em Araruama
O caso foi registrado na 118ª Delegacia de Polícia de Araruama[12]
O homem morreu em atendimento hospitalar.
Escrito por Redação |30 de setembro de 2024 - 10:34

Uma lanchonete em Araruama, Região dos Lagos, foi alvo de uma tentativa de assalto que resultou em tiroteio, entre os criminosos e um dos clientes que é policial civil, nesse domingo (29).
O crime ocorreu no bairro de Bananeira, por volta das 10h40. O estabelecimento, que estava com clientes, foi invadido por um homem que anunciou o assalto. Em seguida, um dos clientes, que era policial civil, levanta e pede para o criminoso ficar parado.
Após essa movimentação, os tiros são efetuados. Câmeras de segurança do local registraram a ação criminosa.

---

12 Disponível em: https://www.osaogoncalo.com.br/regiao-dos-lagos/148691/policial-civil-reage-a-tentativa-de-assalto-em-lanchonete-em-araruama. Acesso em: 10 out. 2024.

> O assaltante joga a arma para longe depois dos disparos. Um dos clientes pega a pistola e entrega para o policial.
> De acordo com a Polícia Militar, agentes do 25º BPM de Cabo Frio foram chamados ao local para atender a ocorrência. Quando os policiais chegaram no estabelecimento, constataram que o policial civil estava de folga quando reagiu à tentativa de assalto do estabelecimento.
> Ainda segundo a PM, o suspeito teria sido baleado, mas conseguiu fugir do local. A pistola usada no crime, foi apreendida e o caso está sendo investigado pela 118ª DP de Araruama.

1 AMBIÊNCIA

Nesta 3ª edição, atualizamos os dados das edições anteriores e acrescentamos os integrantes das Guardas Civis Municipais (GCM). Como reforçaremos adiante, a série histórica passa a ser de julho de 2017 a 2024. Continuamos compartilhando nossas análises dos achados de pesquisa, bem como contextualizando para o leitor o cenário da criminalidade violenta no Brasil com base em várias pesquisas, relatórios, entrevistas e reportagens publicadas em diversos institutos e órgãos de imprensa.

O Brasil vivenciou até 31 de dezembro de 2017 uma reta ascendente nos índices de criminalidade violenta, em particular nos crimes que resultaram em morte para a vítima (homicídio, latrocínio, lesão corporal seguida de morte, dentre outros). Nessa esteira, todas as classes sociais, faixas

etárias, regiões do país, gêneros e graus de escolaridade foram contemplados nas cifras trágicas. O crime violento foi o mais democrático possível.

De acordo com os dados do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinesp-VDE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), no período compreendido entre 2015 e 2024, o Brasil alcançou a marca de **459.285** vítimas de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e latrocínio (roubo com resultado morte).

O *Atlas da Violência 2019,*[13] produzido pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mostra que, no ano de **2017**, o Brasil atingiu a marca de **62.602** homicídios, gerando uma taxa de aproximadamente **31,6** mortes para cada cem mil habitantes, o que corresponde a 30 vezes a taxa do continente europeu.

Ainda no ano de **2017**, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018[14], publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), nos informa que ocorreram **63.880** Mortes Violentas Intencionais[15] (MVI), representando 175 mortos por dia. Desse modo, o documento mostra

---

[13]Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

[14] Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISSN 1983-7364 ano 12.

[15] Segundo a mesma publicação, corresponde à soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora (em alguns casos,

que a taxa em 2017 alcançou 30,8 mortes por grupo de cem mil habitantes, em nível nacional, representando um crescimento de 2,9% quando comparado com o ano de 2016.

Nesse contexto, também incluímos os policiais militares e civis, que são tão vítimas quanto o cidadão comum. Analisando as mortes de policiais (civis e militares) ocorridas no ano de 2017, publicadas no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014 a 2017, Edição Especial 2018, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o total de 371 policiais tiveram suas vidas ceifadas. Desses, 290 estavam fora de serviço, representando 78,2%. É importante destacar que o policial tem o direito de portar uma arma de fogo, tem treinamento adequado (obrigatoriamente em serviço) para usá-la, além da *expertise* operacional que o próprio dia a dia traz com a *práxis*.

De acordo com Mello[16] (2015, p. 12), estudando as mortes de policiais militares do estado do Pará, afirma que morrem mais policiais de folga do que em serviço e que "a maioria das técnicas, procedimentos e comportamentos aprendidos nos cursos de formação e especialização não se aplicam a esta situação." Ainda afirma Mello (2015, p. 12),

---

contabilizadas dentro dos homicídios dolosos, conforme notas explicativas). Sendo assim, a categoria MVI representa o total de vítimas de mortes violentas com intencionalidade definida de determinado território. O número de policiais mortos já está contido no total de homicídios dolosos.

[16] MELLO, Cesar M. A. **"Mesmo com o Sacrifício da Própria Vida":** A multiplicidade dos riscos na profissão Policial Militar. Belém, 2015. 75 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública - PPGSP, Universidade Federal do Pará, 2015.

que "todo treinamento aprendido tem pouca aplicabilidade no cenário onde ele será morto ou ferido."

Segundo Duarte[17] (2019), no mesmo caminho de Mello, estudou as mortes de policiais militares do estado do Pará e evidencia que estes também sofrem as consequências do aumento da violência e, de igual modo à população em geral, são vítimas de homicídios e latrocínios principalmente fora de serviço.

Seguindo a linha da vitimização policial fora de serviço, Diniz[18] (2018) diz que morrem três vezes mais policiais militares no Brasil em confronto policial durante o período de folga do que no serviço fardado. Afirma ainda que, na Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), no período compreendido entre 2012 e 2017, das **37** mortes de policiais militares ocorridas, **22** foram em circunstâncias fora de serviço.

De modo similar, Ferreira, Cabelho e Rondon Filho[19] (2020), estudando a vitimização policial na Polícia Militar do Mato Grosso durante o período de folga, mostram

---

[17] DUARTE, Erika Natalie Pereira Miralha. **O Risco Não Cessa Quando o Turno Termina:** Um Estudo Sobre a Morte de Policiais Militares Fora do Serviço. 2019. 109f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública), PPGSP, Belém: Universidade Federal do Pará 2019.

[18] DINIZ, Gustavo Henrique Pereira. **Medidas de Autoproteção Face à Vitimização dos Policiais Militares de Minas Gerais, de Folga e em Trajes Civis**. 2018. Monografia (Curso de Especialização em Segurança Pública), Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2018.

[19] FERREIRA, Rodrigo Varela; CABELHO, Victor Hugo; FILHO, Edson Benedito Rondon. **Vitimização Policial:** estudo das violências sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso durante o período de folga. RIBSP- Vol 3 nº 01 – Jan/Jun 2020.

que a falta de preparação na formação representa uma causa possível para vitimização do policial nas situações em que se encontra fora de serviço.

No estado da Paraíba, em particular na Polícia Militar, numa pesquisa realizada pelo Tenente Coronel Onivan Elias de Oliveira, constatou-se que, no período compreendido entre 1º de janeiro de 1990 e 31 de dezembro de 2020, houve **179** (cento e setenta e nove) policiais militares da ativa vitimados por homicídio ou latrocínio. Desses, 65% (**116**) estavam fora de serviço e 35% (**63**) em serviço.

Nessa mesma direção, em matéria publicada no portal de notícias UOL, sob o título "Um policial militar é morto a cada 5 dias no estado de SP; são **1.147** desde 2001"[20], comprovou-se que **85%** deles estavam fora de serviço. Afirma ainda a reportagem que, no ano de 2017, dos **43** policiais militares assassinados, três estavam em serviço e **40** fora de serviço. Mostrando dessa forma o perfil predominante dos policiais vítimas de homicídio/latrocínio estando fora de serviço.

Reforçando o risco dos policiais militares de São Paulo, e do Brasil como um todo, serem vitimados estando fora de serviço, Fernandes[21] (2015, p. 196), estudando os casos de mortes violentas dos policiais militares paulistas

---

[20] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/12/03/um-policial-militar-e-morto-a-cada-5-dias-no-estado-de-sp-sao-1147-desde-2001.htm. Acesso em: 03 dez. 2017.

[21] FERNANDES, Alan. **Vitimização Policial:** análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-2014). Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo v. 10, n. 2, 192-219, Ago/Set 2016. P. 192-2018.

entre 2013 e 2014, afirma que "em 2013 e 2014, **118** policiais militares (**79,73%**) foram vitimados durante a folga e **30** (**20,27%**), durante o serviço."

De igual modo, o Instituto Sou da Paz, ao realizar a pesquisa intitulada 'Linha de Frente: vitimização e letalidade policial na cidade de São Paulo'[22], quando tratou das mortes praticadas e sofridas por policiais paulistas na capital entre 2013 e 2014, entre outros dados interessantes, constatou que a "vítima [policial] típica é do sexo masculino, branca, com idade entre 30 e 44 anos, e é alvejada com arma de fogo no seu horário de folga (**70%**)." Continua a pesquisa constatando que "três entre dez policiais morreram durante tentativas de roubo contra si próprio. Entre esses, **45%** reagiram ao roubo." E finaliza dizendo que "um a cada dez policiais foi morto ao tentar intervir em crimes em andamento durante o seu horário de folga."

Essa realidade também se aplica ao estado do Rio de Janeiro. Nesse estado em particular, os números são tão impressionantes que geraram matéria de capa da revista *Veja*, na sua edição nº 2.544, de 23 de agosto de 2017. Ainda no mesmo ano e estado, a matéria publicada no portal G1 com o título "Latrocínio é a principal causa de mortes de PMs no RJ, diz estudo do MPRJ"[23], contabilizou **138** óbitos

---

[22] Disponível em: http://www.soudapaz.org/o-que-fazemos/documento/linha-de-frente-vitimizacao-e-letalidade-policial-na-cidade-de-sao-paulo. Acesso em 10 jan. 2017.

[23] Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/latrocinio-e-principal-causa-de-morte-de-pms-no-rj-diz-estudo-do-mp.ghtml. Acesso em: 08 fev. 2018.

no ano de **2017**. Desses, 7 em cada 10 policiais militares que morreram estavam fora de serviço.

Podemos dizer que temos uma boa notícia: o ano de 2019 foi o menos violento no país após vários anos de indicadores crescentes da criminalidade violenta. Em 2019 foram registrados 41.635 assassinatos e em 2018, alcançamos no Brasil, 51.558[24]. Com isso em mente, a redução de 19% representa o melhor desempenho nacional desde que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública iniciou a coleta, sistematização e análise dos dados.

Esse mesmo cenário pode ser aplicado no tocante à vitimização policial. Pensando em vidas humanas, temos duas notícias: uma boa e outra má. A boa notícia é que as mortes de policiais militares e civis no Brasil estão em queda. Nos anos de **2016**, **2017** e **2018**, foram registradas **453**, **374** e **307** mortes, respectivamente, de policiais militares e civis da ativa, sendo que aproximadamente **75%**[25] estavam fora de serviço. A má notícia é que esses números ainda não alcançaram a soma e percentual iguais a zero.

Trataremos portanto, de crime que é caracterizado pelo emprego da ameaça ou violência. Afirma Araújo[26]

---

[24] Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/02/14/numero-de-assassinatos-cai-19percent-no-brasil-em-2019-e-e-o-menor-da-serie-historica.ghtml. Acesso em 15 fev. 2020.

[25]Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/19/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-no-brasil-cresce-em-2018-assassinatos-de-policiais-caem.ghtml. Acesso em: 20 abr. 2019.

[26]ARAÚJO, Leonardo Novo Oliveira Andrade de. **Direito Operacional**. São Paulo: Ícone, 2019.

(2019, p. 184), que "o tipo estudado, a violência ou ameaça caracterizada por uma psíquica, é requisito fundamental para a capitulação do crime de roubo." De modo harmônico, Greco[27] (2017), reforça que as qualificadoras – lesão corporal ou morte, são aplicáveis as duas espécies de roubo: próprio ou impróprio. O crime de latrocínio – roubo com o resultado morte da vítima, é o final mais perverso e cruel nesse (des)encontro violento entre o criminoso e a vítima. Deixaremos de aprofundar as questões doutrinárias e jurisprudenciais dos tipos penais citados por não fazerem parte do escopo central da obra.

Partimos então para a questão-problema, sendo: em que medida o policial brasileiro (militar, civil, penal, federal ou rodoviário federal), sendo vítima de um crime inicialmente com características de roubo, estando, no momento da abordagem criminosa, fora de serviço e, decidindo reagir, armado ou não, tem a sua sobrevivência como resultado desse (des)encontro?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançarmos a resposta à questão-problema levantada anteriormente, descreveremos o caminho metodológico percorrido para compreender o fenômeno ora estudado. Como dito, nesta 3ª edição atualizamos a série histórica para o período de 2017 a 2024, incluindo os integrantes das Guardas Civis Municipais (GCM) de várias cidades

[27]GRECO, Rogério. **Atividade Policial:** aspectos penais, processuais penais, administrativos e constitucionais. 8ª ed. Niterói: Ímpetus, 2017.

brasileiras que já possuem essa força policial municipal. Nesse sentido, utilizamos os seguintes materiais e métodos:

1º Passo: Criamos um correio eletrônico (vitimizacaopolicialbrasil@gmail.com) para receber as reportagens publicadas envolvendo casos de roubo/latrocínio que envolvam policiais e guardas municipais brasileiros.

2º Passo: Fizemos uso da ferramenta GOOGLE ALERTA, com a palavra-chave 'POLICIAL REAGE' para catalogar as reportagens publicadas envolvendo a temática estudada e selecionamos as seguintes opções: 1) Frequência (quando disponível), 2) Fontes (notícias), 3) Idioma (português), 4) Região (qualquer região) e 5) Quantos (ver todos).

3º Passo: O correio eletrônico foi criado em 13 de julho de 2017 e, portanto, começamos a receber as notícias a partir dessa data, que foram publicadas e cujo corpo do texto continha as palavras 'policial' e/ou 'reage'.

4º Passo: Fizemos a transcrição (copiar e colar) das reportagens para o editor de texto da *Microsoft Office Word* (.doc), separando-as por estado, excluindo as notícias oriundas de países de língua portuguesa, como Portugal, além dos casos em que cidadãos comuns, integrantes das forças armadas, bombeiros militares ou policiais vítimas estivessem em serviço, vitimados em crimes de roubo ou latrocínio (tentado ou consumado), além de matérias relacionadas a telenovelas ou filmes que retratassem esse contexto.

5º Passo: Depois disso, criamos uma planilha no *Microsoft Office Excel* (.xls) com as seguintes variáveis: Uni-

dade Federativa, Ano, Cidade, Dia da Semana, Horário, Corporação da Vítima, Gênero da Vítima, Reação da Vítima, Meio Utilizado para a Reação (se reagiu), Consequência para a integridade física da (não) reação, Quantidade de Criminosos, Gênero dos Criminosos, Arma Utilizada pelos Criminosos, Consequência para a integridade física dos Criminosos da (não) reação por parte da Vítima, Meio que os Criminosos utilizaram para se aproximarem da vítima, Local do crime e, por fim, o endereço eletrônico da reportagem.

Desse modo, o que apresentaremos a seguir é o resultado da análise de 1.954 (mil novecentos e cinquenta e quatro) reportagens publicadas no período compreendido entre 13 de julho de 2017 e 31 de dezembro de 2024. O critério de inclusão para a pesquisa foi que a(s) vítima(s) fosse(m) **POLICIAL/GCM** e estivesse(m) **FORA DE SERVIÇO**, ainda que fardado(s) e em deslocamento(s) para assumir(em) ou deixar(em) o(s) plantão(ões), vítima(s) de um crime com características iniciais de roubo.

Antecipadamente, informamos que, das **1.954** (mil novecentos e cinquenta e quatro) reportagens, ou seja, casos ocorridos, tivemos **2.000** (dois mil) profissionais vítimas, considerando que em **89** (oitenta e nove) delas, a reportagem noticiou a presença de, no mínimo, dois policiais vítimas na cena, conforme os exemplos a seguir:

Agentes da PRF reagem a assalto e trocam tiros com bandidos em SP[28]
10/12/2020 - 08H17 Balanço Geral Manhã

Um motorista de aplicativo ficou no meio do fogo cruzado entre policiais rodoviários federais e três assaltantes, em São Paulo. O condutor do veículo transportava **três agentes da PRF** quando foi abordado por criminosos durante a corrida. Ele ainda conseguiu arrancar com o carro e não ficou ferido depois da tentativa de assalto (grifamos).

Delegado morre ao reagir a assalto em São Paulo; assista[29]
Mauro Guimarães, de 59 anos, caminhava com sua mulher, Ana Paula Ramalho, também delegada; um assaltante morreu no local e o outro fugiu.
PODER360 21.set.2024 (sábado) - 18h23.

O delegado da Polícia Civil de São Paulo Mauro Guimarães, de 59 anos, morreu neste sábado (21.set.2024) ao reagir a um assalto na Lapa, cidade na zona oeste de São Paulo. Caminhava com sua mulher, Ana Paula Ramalho, também delegada, quando foi abordado por 2 assaltantes. Um dos assaltantes, Enzo Wagner Lima dos Campos, 24 anos, morreu no local e o outro (ainda não identificado) fugiu. O caso foi registrado como latrocínio (quando há roubo seguido de morte).

---

[28] Disponível em: https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/agentes-da-prf-reagem-a-assalto-e-trocam-tiros-com-bandidos-em-sp-10122020. Acesso em: 10 dez. 2020.

[29] Disponível em: https://www.poder360.com.br/seguranca-publica/delegado-morre-ao-reagir-assalto-em-sao-paulo-assista/. Acesso em: 10 jan. 2025.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 Quanto ao ano

Destacamos que um critério de exclusão da amostra é o cenário em que as reportagens relatavam a condição de o(a) policial vítima estar em serviço (a maioria constituída de policiais militares) ou ainda situações de execução sumária, ou seja, homicídio doloso.

Como dito anteriormente, criamos o correio eletrônico em 13 de julho de 2017 e encerramos a catalogação em 31 de dezembro de 2024.

Mesmo com o início da catalogação no final da primeira quinzena de julho de 2017, constatamos que esse ano gerou o segundo maior número de publicações (casos) no período analisado. Não temos como estabelecer motivos razoáveis para a diminuição das publicações, mas julgamos que seguiu a tendência do país como um todo, conforme dados mostrados anteriormente, principalmente as quedas ocorridas nos anos de 2018 e 2019 no tocante às Mortes Violentas Intencionais (MVI) na população.

Tabela 1.1 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o ano e matérias publicadas, Brasil, 2017*-24.

Ano da matéria	Qtde.	%
2017	362	**19%**
2018	275	**14%**
2019	194	**10%**
2020	312	**16%**
2021	137	**7%**
2022	371	**19%**
2023	148	**8%**
2024	155	**8%**
Total	**1.954**	**100%**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Dessa amostragem de reportagens, constatamos que 2022 (371) e 2017 (362) tiveram, respectivamente, 19% do que conseguimos catalogar. O ano de 2021 (137) ficou com 7% do total de matérias, sendo o ano com menos publicações. Isso pode ter alguma relação com o período da pandemia de COVID-19, que originou uma menor circulação de pessoas nas cidades em virtude dos *lockdowns* decretados por prefeitos e/ou governadores.

Por ter sido a única fonte da pesquisa, os fatos que chegaram ao conhecimento da imprensa também constituem uma das limitações. Temos a convicção de que os dados estão subnotificados e não entramos no mérito ou discussão sobre as razões para isso, por não ser objeto do trabalho. No entanto, também consideramos que a sistematização e análise da forma como foi feita nos traz elementos para ter uma noção, ainda que incipiente, das características desse fenômeno.

3.2 Quanto ao estado e cidade

Conseguimos catalogar reportagens dos 26 (vinte e seis) estados e do Distrito Federal, portanto, temos uma amostragem de todo o país. O mapa seguinte nos traz um panorama desse contexto. Destacamos que, em alguns casos, as vítimas pertenciam a corporações de um estado do país distinto de onde ocorreu o caso.

Mapa 1.1 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com estado da federação onde ocorreu o fato, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

De acordo com o Mapa 1.1, constatamos que os cinco estados onde mais tivemos reportagens publicadas foram: São Paulo **463** (23,6%), Rio de Janeiro **269** (13,7%), Ceará **132** (6,7%), Piauí **102** (5,2%) e Pernambuco **91** (4,6%). Isso reforça o caráter de amostragem da nossa pesquisa, tendo em vista que, por exemplo, o Amapá, em toda a série histórica, teve 2 registros (reportagens), e podemos

dizer que, nesse período, apenas dois policiais estiveram envolvidos nos cenários de roubo estando fora de serviço.

Catalogamos também as cidades onde ocorreram os fatos[30]. Assim, que tivemos um total de **424** (quatrocentos e vinte e quatro) cidades distintas. Dessas, filtramos as que tiveram pelo menos dez registros (casos) no período estudado.

Do total de cidades onde os fatos ocorreram, **52,8%** (**1.031**) das reportagens catalogadas e analisadas foram registradas nas capitais. Esse percentual fica ainda maior quando incluímos as cidades que compõem as respectivas regiões metropolitanas, o que não é o escopo do estudo.

Entre as capitais, os destaques para as cinco com maiores registros são: São Paulo (**189**), Rio de Janeiro (**150**), Fortaleza (**98**), Teresina (**88**) e Natal (**54**). As que tiveram os menores registros foram: Florianópolis, Macapá e Palmas, com **1** caso cada.

Destacamos que a subnotificação dos crimes é uma característica além do Brasil, mas também em vários países. Nesse sentido, assevera Kahn[31] (2002, p. 4):

> É difícil conhecer com precisão a quantidade de crimes que ocorrem na sociedade. O que os governos têm em seus registros policiais são apenas uma estimativa dos crimes

---

[30] Em alguns casos o policial vítima foi socorrido e faleceu numa cidade distinta de onde ocorreu o crime, nesse caso, de latrocínio.

[31] KAHN, Túlio. **Pesquisa de Vitimização 2002 e Avaliação do Plano de Prevenção da Violência Urbana – PIAPS.** Ilanud. FIA – USP. Gabinete de Segurança Institucional, 2002. Disponível em: http://wp.unil.ch/icvs/files/2012/11/Pesquisa-de-Vitimiza%C3%A7%C3%A3o-2002-e-avalia%C3%A7%C3%A3o-do-PIAPS.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

> ocorridos, estimativa esta que se sabe, de antemão, ser subestimada. A primeira pesquisa de vitimização norte-americana de 1966 descobriu que os crimes relatados eram mais de duas vezes maiores do que as estimativas produzidas pelas estatísticas oficiais (Paixão, p.47). O British Crime Survey calculou no começo dos anos 90 que ocorrem na Inglaterra 4 vezes mais crimes do que são registrados pela polícia. O fenômeno da subnotificação, ainda que possa variar em grau de país para país, é algo que atinge a todos: na média dos 20 países pesquisados pelo UNICRI – instituto europeu de criminologia da ONU - entre 1988 e 1992, levando em conta 10 diferentes tipos de crimes, cerca de 51 % dos crimes deixaram de ser comunicados à polícia.

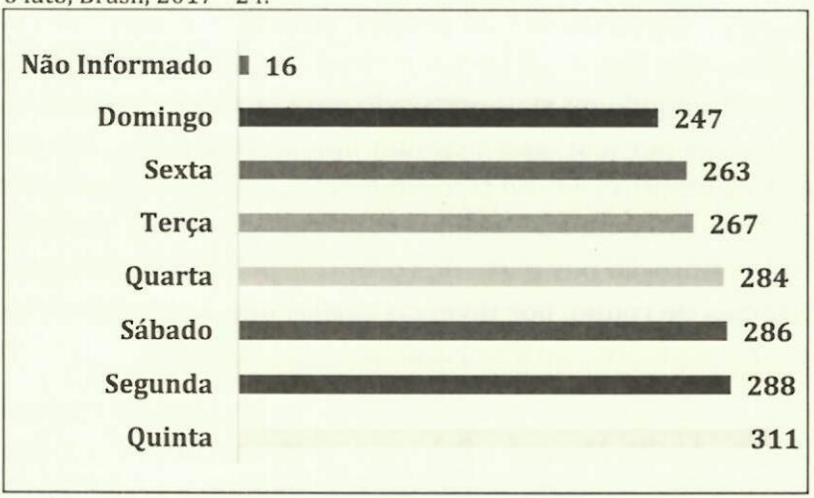
Entendemos que o maior ou menor número de registros não implica dizer que o estado ou cidade, de fato, seja mais tranquilo ou mais arriscado para se viver ou transitar. Optamos por não fazer nenhum tipo de estimativa para essas subnotificações no caso em estudo, ou seja, dos policiais vítimas. No entanto, estamos convictos de que há também subnotificação por parte dos próprios policiais quando são vítimas de roubo, por diversas razões que aqui não vamos entrar no mérito ou discussão mais aprofundada.

Dizendo de outro modo, é razoável pensar que em Florianópolis, Macapá e Palmas ocorreram mais de um fato envolvendo policiais fora de serviço em todo o período pesquisado. Isso reforça o entendimento sobre a subnotificação e que estamos trabalhando com amostragem e não com a totalidade desses eventos, bem como apenas com os que chegaram ao conhecimento da imprensa.

3.3 Quanto ao dia da semana

Buscamos, de igual modo, investigar qual(is) dia(s) da semana têm mais incidência(s) nesse tipo de evento. Partimos do princípio de que a maioria dos policiais realizam suas atividades predominantemente de segunda a sexta-feira, nos turnos matutino e vespertino. Ressaltamos que aqueles que estão em regime de plantão ou escala extra também estarão em serviço aos sábados, domingos ou feriados locais, estaduais ou nacionais.

Gráfico 1.1 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o dia da semana em que ocorreu o fato, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

O gráfico 1.1 demonstra que a quinta-feira (311), seguida da segunda-feira (288) e do sábado (284), foram os três dias da semana em que mais ocorreram registros de casos. Esses três dias, somados, representaram 45% do total dos dias. Tivemos 16 (dezesseis) reportagens em que, pelo

teor dos seus textos, não foi possível determinar o dia da semana, embora tenhamos a data de publicação. No entanto, não tivemos a certeza de que ocorreram no mesmo dia ou em dias anteriores.

Frisamos ainda que 39 (trinta e nove) casos ocorreram na madrugada de segunda-feira. Dessa forma, teríamos o domingo entre os dias em que prevaleceram os casos de policiais vítimas.

Esses números se contrapõem com os achados de Diniz[32] (2018), que, ao analisar as mortes de policiais militares de Minas Gerais fora de serviço e em trajes civis, encontrou uma predominância no final de semana (sexta, sábado e domingo), com **54%** dos casos. Ou seja, é o momento em que a maioria dos policiais militares, em geral, encontra-se fora de serviço.

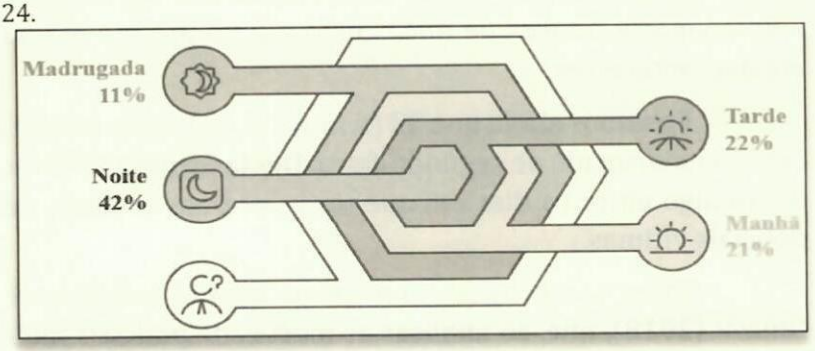
3.4 Quanto ao horário

Ao estudarmos a variável horário, resolvemos agrupá-la em quatro períodos da seguinte forma: **manhã** (06h01min às 12h), **tarde** (12h01min às 18h), **noite** (18h01min às 00h) e **madrugada** (00h01min às 06h). É importante conhecer essa variável, tendo em vista a necessidade, entre outras, de estimular os docentes nos cursos de formação e atualização profissional a contemplar exercícios nos períodos sob baixa luminosidade solar, como será justificado a seguir.

---

[32] DINIZ, Gustavo Henrique Pereira. **Medidas de Autoproteção Face à Vitimização dos Policiais Militares de Minas Gerais, de Folga e em Trajes Civis**. Monografia (Especialização em Segurança Pública) - Centro de Pesquisa e Pós-graduação da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2018.

Gráfico 1.2 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o horário do fato, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Constatamos que o período em que tivemos o maior número de registros foi à **noite**, com **821** casos, representando **42%** do total, seguido pela **tarde**, com **435** (**22%**), pela **manhã**, com **404** (**21%**), e pela **madrugada**, com **217** (**11%**). Em **85** (oitenta e cinco) reportagens (**4%**), não foi possível determinar o período do dia em que a ocorrência foi registrada.

Ainda de acordo com Diniz[33] (2018), um percentual similar foi encontrado no caso dos policiais militares de Minas Gerais, prevalecendo o horário de 22h às 06h da manhã, com **59%** de incidência.

No estudo de Ferreira[34] *et al.* (2020), ao investigarem a vitimização policial no estado do Mato Grosso no pe-

---

[33] *Op. Cit.*

[34] FERREIRA, Rodrigo Varela; CABELHO, Victor Hugo; RONDON FILHO, Edson Benedito. **Vitimização Policial:** Estudo das violências sofridas

ríodo de folga, afirmam que **67,2%** foram vítimas no período **noturno**, enquanto **32,8%** foram nos períodos **matutino** ou **vespertino** somados.

Duarte[35] (2019), pesquisando as mortes de policiais militares do estado do Pará quando estavam fora de serviço, no período compreendido entre 2011 e 2018, afirma que **48%** dessas mortes ocorreram no período **noturno**, seguido de **21%** à **tarde**, **16%** na **madrugada** e **15%** pela **manhã**.

Esses dados nos autorizam a pensar na necessidade de reavaliar, por exemplo, os treinamentos de tiro nas academias e locais de formação inicial dos policiais. Sugerimos que a carga horária destinada à prática do tiro contemple um percentual considerável de exercícios sob baixa luminosidade solar, não implicando dizer que seja no escuro total. Podemos afirmar que nenhum policial foi vitimado, ou mesmo frequenta, estando fora de serviço, locais que exijam o uso de equipamentos de visão noturna, além de criar um contexto de ser vítima de roubo/latrocínio. Quando agrupamos os índices alcançados na madrugada e à noite, constatamos que **53%** dos fatos ocorrem sob as condições de iluminação já mencionadas.

---

por integrantes da Polícia Militar do Estado *de Mato Grosso durante o período de folga. RIBSP- Vol 3 nº 01 – Jan/Jun 2020. p. 9-52.*

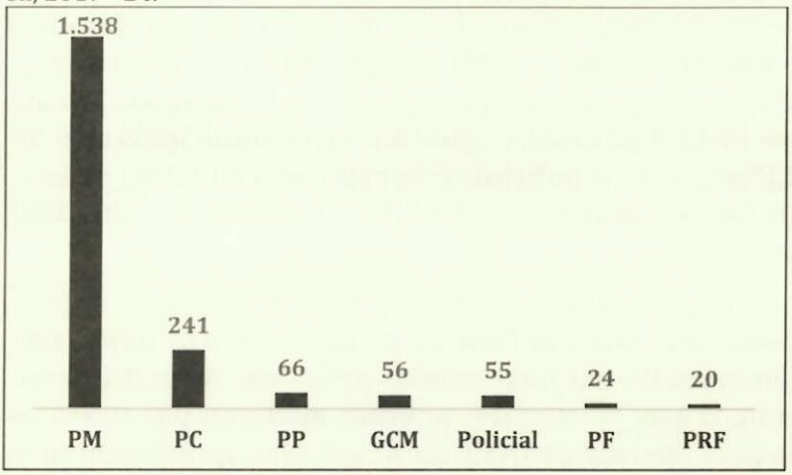
[35] *Op. Cit.*

3.5 Quanto à corporação da vítima

Nas duas edições anteriores, decidimos dividir os casos catalogados de acordo com a corporação a que pertencia o policial vítima dos crimes que são o escopo desta pesquisa. Nesse sentido, inicialmente, pensamos apenas nos policiais militares e civis da ativa ou veteranos. Depois resolvemos ampliar a variável para incluir policiais federais, policiais rodoviários federais e policiais penais. Nesta edição da obra, acrescentamos os guardas municipais, levando em consideração que essa corporação teve ampliação em tamanho e uso de arma de fogo, principalmente após 2019.

Entendemos que esses profissionais passam por um rigoroso treinamento de manejo de arma de fogo e defesa pessoal, constituindo conhecimentos e habilidades fundamentais para a atividade-fim de cada corporação. No entanto, como será demonstrado mais à frente, há uma carência de treinamentos voltados para o emprego da arma de fogo e da defesa pessoal quando o policial está fora de serviço e com roupas não operacionais, sendo vítima de um crime violento.

Gráfico 1.3 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a corporação que pertencia, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

O gráfico 1.3 mostra com 'clareza solar' que os policiais militares (76,9%), ativos ou veteranos, são, de longe, as maiores vítimas de crimes violentos ora estudados (roubo/latrocínio) quando fora de serviço, totalizando **1.538** (mil quinhentos e trinta e oito) casos. Esse percentual pode ser ainda maior, considerando que dos **55** (**2,8%**) catalogados como Policial, a matéria não deixou explícita a corporação; certamente há alguns policiais militares entre eles.

Analisando de forma preliminar, podemos atribuir isso ao fato de os policiais militares representarem o maior efetivo das forças de segurança no Brasil, até mesmo somando-se aos efetivos das forças armadas. Portanto, é esperado, de certo modo, que, por serem em maior número, também tenham uma maior possibilidade de exposição ao risco,

com potencial ameaça de morte quando submetidos a esse tipo de fenômeno.

Nessa mesma linha de pensamento, encontramos os **policiais civis** com **241** casos (**12,1%**) na amostragem pesquisada. Na sequência, registramos os **policiais penais** com **66** (**3,3%**) casos, os **guardas civis municipais** com **56** (**2,8%**) casos, os **policiais federais** com **24** (**1,2%**) casos e, por fim, aos **policiais rodoviários federais** com **20** (**1%**) casos.

Reforçamos que, doravante, acrescentamos os integrantes das Guardas Civis Municipais, por não terem sido contemplados nas duas edições pretéritas. Além disso, reiteramos que, no caso dos policiais militares, por serem os maiores efetivos policiais do Brasil, eles apresentam uma maior probabilidade de serem vítimas de roubo/latrocínio fora de serviço quando comparados às demais forças policiais citadas.

Tabela 1.2 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o ano e corporação, Brasil, 2017*-24.

Corporação/Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Total
PM	301	219	155	260	108	288	96	111	**1.538**
PC	52	40	17	37	22	39	22	12	**241**
PP	3	6	5	11	4	22	8	7	**66**
GCM	-	-	-	2	2	13	15	24	**56**
Policial	12	7	11	1	3	14	5	2	**55**
PF	2	5	4	4	3	2	3	1	**24**
PRF	6	3	2	6	-	2	1	-	**20**
Total	**376**	**280**	**194**	**321**	**142**	**380**	**150**	**157**	**2.000**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

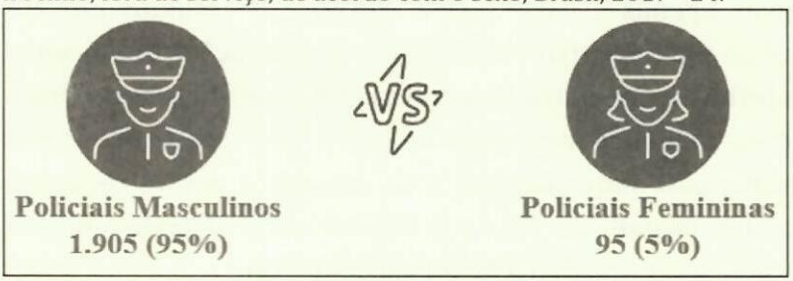
Embora tenhamos incluído as Guardas Civis Municipais apenas a partir desta edição, constatamos um aumento nos registros em 2024 em comparação com os anos anteriores. Por outro lado, no caso das polícias civis e militares, evidenciamos uma redução nos registros. Dessa forma, isso pode sinalizar uma tendência nesses cenários, ou seja, os policiais civis e militares se envolvendo menos e os guardas municipais de forma contrária.

3.6 Quanto ao gênero da vítima

Em relação a essa variável, foi possível constatar que os policiais do sexo masculino estão mais suscetíveis a serem vítimas dos crimes violentos aqui estudados, não somente pelo gênero em si, mas, sobretudo, pela exposição ao risco devido a outras atividades que exercem fora da caserna, como 'bicos' de segurança em estabelecimentos comerciais. As mulheres, além de evitarem riscos fora da caserna, salvo raras exceções, ainda constituem um percentual bem menor que dez por cento do total nas corporações. Por exemplo, na Polícia Militar da Paraíba, até dezembro de 2020, o contingente feminino nos diversos quadros somava apenas oito por cento do total.

Assim, dos **2.000** (dois mil) policiais vítimas de roubo/latrocínio catalogados na pesquisa, **1.905** (**95%**) eram do sexo masculino e **95** (**5%**) eram do sexo feminino.

Gráfico 1.4 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o sexo, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Bondaruk[36] (2007), em sua pesquisa de campo, ao entrevistar, mediante um questionário, **287** (duzentos e oitenta e sete) internos que cumpriam pena em estabelecimentos prisionais no estado do Paraná, principalmente por furto e roubo, perguntou sobre a preferência quanto ao sexo das vítimas desses crimes. Ele obteve um índice de **62%** de preferência por homens e **38%** por mulheres.

Ainda buscando investigar as razões para essa escolha, Bondaruk (2007, p. 301) diz que, segundo os entrevistados, "as mulheres são imprevisíveis em suas reações, podendo gritar, agredir o delinquente ou reagir de forma menos discreta que os homens em situação de vitimização." No caso dos homens, estes apresentam um comportamento mais discreto e controlável, facilitando desse modo a ação do criminoso.

Entendemos que, nos casos de crimes contra o patrimônio (furto ou roubo), o objetivo principal do criminoso

[36] BONDARUK, Roberson Luiz. **A Prevenção do Crime Através do Desenho Urbano**. Curitiba: Edição do autor, 2007.

é a 'coisa', o 'objeto', enfim, o 'bem patrimonial' da vítima, e não a sua vida. No entanto, esse crime pode se transformar na perda da vida da vítima por várias razões. Para tais crimes, o binômio que chamamos de RAPIDEZ e OCULTISMO pode fundamentar, em determinada medida, a escolha do alvo.

Nessa perspectiva, entendemos que o criminoso vai escolher, entre os alvos em potencial, aquele que aparenta que o crime pode ser praticado no menor tempo possível (rapidez) e sem ser percebido (ocultismo) pela vítima ou por outrem. No caso das mulheres, com as reações imprevisíveis, como gritar, no mínimo, elas quebram um dos pilares acima apontados, ou seja, o OCULTISMO; portanto, diminuindo em algum grau a chance de serem escolhidas.

No estudo realizado por Fernandes[37] (2015) sobre as mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do estado de São Paulo (2013-2014), foram registrados 118 (cento e dezoito) casos, e todas as vítimas eram policiais do sexo masculino.

Diniz[38] (2018) encontrou um cenário distinto quanto aos policiais mineiros vítimas de roubo durante o período em que estavam fora de serviço e em trajes civis, no tocante ao gênero. No caso da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), **13%** das **mulheres** entrevistadas disseram que já foram vítimas de roubo, enquanto entre os **homens** esse percentual foi de **9%**.

---

[37] *Op. Cit.*
[38] *Op Cit.*

Assim, constatamos que os policiais homens são mais vitimados que as mulheres nas mesmas condições. Podemos imaginar que alguns fatores influenciam nesse fenômeno, tais como o policial masculino se expor mais ao risco em atividades remuneradas extra corporação ('bico'), em ambientes de consumo de bebidas alcoólicas. Além disso, eles podem sentir a sensação de serem 'intocáveis' pelo fato de serem policiais, portarem armas de fogo e serem 'operacionais' ou 'cursados', gerando um certo grau de relaxamento na sua condição de vigilância quando expostos em vias públicas ou em estabelecimentos comerciais diversos.

3.7 Quanto à decisão de reagir da vítima

Constituindo-se como um dos temas mais polêmicos e discutidos em debates, entrevistas, aulas, seminários e conversas informais entre profissionais de segurança pública ou privada, pessoas comuns e 'especialistas' nessa temática, buscamos identificar a conduta da vítima em relação a reagir ou não, estando ou não armada, e quais as chances de sucesso nessa conduta. Para tanto, consideramos bem-sucedida a reação (ou não) que teve como resultado a sobrevivência da vítima, independentemente de lesão sofrida.

Renovamos a informação de que a fonte única desta pesquisa é o texto das reportagens publicadas nos portais de notícia no Brasil, constituindo, dessa forma, a principal limitação da pesquisa, pois tivemos acesso somente à versão do jornalista ou blogueiro que produziu a matéria. Os

autores partem do pressuposto de que os jornalistas apuraram o fato com o devido profissionalismo. Portanto, os dados apresentados a seguir dizem respeito ao uso da palavra 'reagiu' ou 'não reagiu' em cada caso analisado. Em vários deles, não foi possível determinar qual a conduta adotada pelo policial vítima, ou seja, se reagiu ou não, pela ausência dessa indicação no corpo da reportagem.

O ponto de partida nessa seara pode ser considerado o resultado à integridade física das vítimas policiais, independentemente de quaisquer outras circunstâncias analisadas. Dessa forma, tivemos um total de **2.000** (dois mil) vítimas, distribuídas em **1.954** (mil novecentos e cinquenta e quatro) reportagens/casos.

Preliminarmente, identificamos que, pelo teor do texto da matéria jornalística, **1.884** (**94%**) policiais decidiram reagir, utilizando para isso arma de fogo e/ou luta corporal, além da fuga do local ou, em um caso, o próprio carro quando foram vítimas. Outros **86** (**4%**) optaram por não reagir e, em **30** (**2%**) reportagens, não ficou explicitada essa atitude. Isso, de antemão, já nos mostra a predominância do *mindset* entre os policiais em reagir, provavelmente na perspectiva de que, se descobertos com tal, terão maiores chances de serem mortos, impelindo-os a 'morrer lutando'.

Dos(as) policiais vítimas que decidiram reagir (**1.884**), buscamos identificar qual foi o meio (instrumento) utilizado para tal fim. Nessa seara, encontramos que **93,5%** (**1.762**) usaram arma de fogo. Para **4,4%** (**83**), foi utilizada

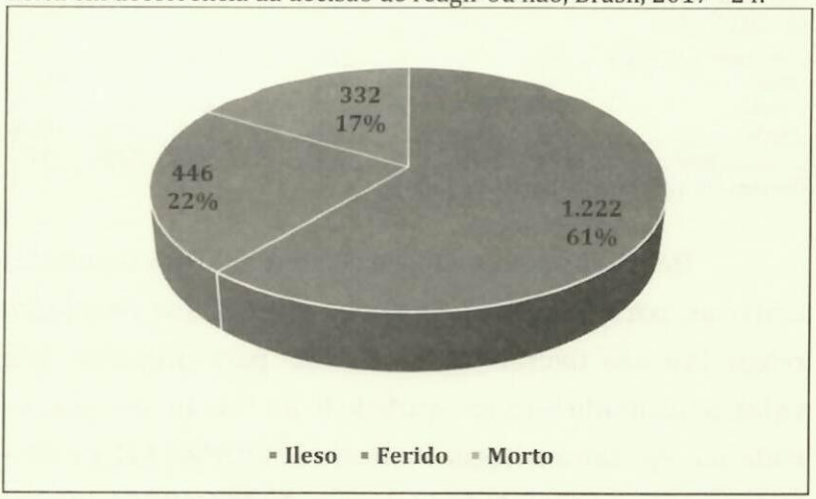
luta corporal (contato físico) e, para **1,6%** (**31**), não conseguimos identificar no texto qual meio foi utilizado. Ainda acrescentamos que, em cinco casos, a vítima utilizou a fuga; em outro, usou o próprio carro como forma/instrumento para a reação e, em um caso, gritou[39] para afugentar o criminoso segundo o teor da matéria.

Ainda nessa esteira da reação como tendo sido a decisão adotada, investigamos o resultado dessa ação no tocante à integridade física do(a) policial vítima. Assim, independentemente de outras variáveis, **61%** (**1.222**) saíram ilesos, **22%** (**446**) ficaram feridos e, por fim, **17%** (**332**), infelizmente, tiveram suas vidas ceifadas. Tendo em vista esses percentuais, podemos afirmar que, de acordo com essa amostragem, os policiais vítimas tiveram bem mais êxito (**83%**), ou seja, sobreviveram, quando comparados com os reveses (**17%**).

---

[39] "Moradores informaram ao G1 que o PM estava chegando em casa quando viu assaltantes roubando aparelhos eletrônicos da residência dele. **O policial estava desarmado e gritou quando viu os assaltantes roubando televisão e notebook e, em seguida, foi baleado**. Segundo a Polícia Militar, o soldado Daniel Campos Menezes estava afastado do trabalho para tratar de um problema de saúde." Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/06/12/policial-militar-reage-a-tentativa-de-assalto-em-casa-e-e-morto-a-tiros-no-bairro-jose-walter-em-fortaleza.ghtml. Acesso em: 10 jan. 2025. (grifamos).

Gráfico 1.4 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a consequência à integridade física em decorrência da decisão de reagir ou não, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Ampliando ainda mais o espectro das condutas adotadas pelos(as) policiais vítimas, fizemos o detalhamento e desmembramento entre as variáveis reação/não reação, resultado e as consequências à integridade física, ou seja, o resultado da reação ou não para a vítima. Desse modo, a tabela 1.3 nos mostra o seguinte cenário.

Tabela 1.3 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a decisão de reagir ou não e as consequências à integridade física, independente de outras variáveis, Brasil, 2017*-24.

Consequência/Reação	Sim	%	Não	%	NI	%	Total	%
Ileso	1.189	59,5%	32	1,6%	1	0,1%	**1.222**	**61,1%**
Ferido	418	20,9%	19	1,0%	9	0,5%	**446**	**22,3%**
Morto	277	13,9%	35	1,8%	20	1,0%	**332**	**16,6%**
Total	**1.884**	**94%**	**86**	**4%**	**30**	**2%**	**2.000**	**100%**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

De acordo com a análise do conteúdo dos textos das matérias, para **59,5%** (**1.189**) das vítimas que decidiram reagir (ou não tiveram outra escolha para preservar sua vida), o resultado foi a integridade física totalmente preservada, ou seja, saíram ilesas. Para outras **20,9%** (**418**), o desfecho foi algum tipo de ferimento, e **13,9%** (**277**), infelizmente, foram mortas. Destacamos que esses percentuais são independentes de quaisquer outras variáveis catalogadas e analisadas.

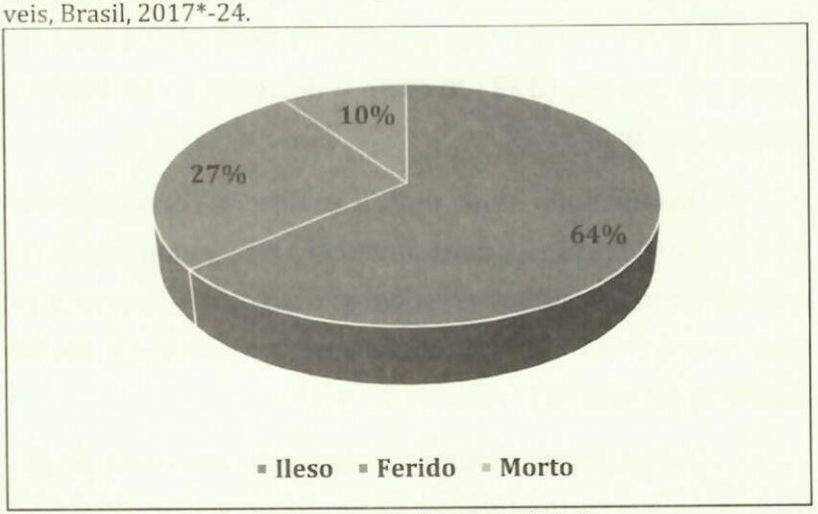
Verificamos então o resultado da não reação das vítimas, ou seja, adotaram condutas 'passivas/quietas.' Assim, para **1,6%** (**32**) delas, a integridade física foi preservada na plenitude; para **1%** (**19**), o desfecho foi algum ferimento, e **1,8%** (**35**) teve como desfecho a morte. Em algumas matérias (**30**), não ficou claro se a vítima teria ou não reagido, tendo conseguido, portanto, apenas o resultado para a integridade física. Assim, para **0,5%** (**9**) ocorreu alguma lesão e, em **1%** (**20**), o desfecho foi a morte do(a) policial vítima. Em apenas um caso, a integridade física foi mantida ilesa.

Portanto, no cômputo geral da amostragem estudada, podemos constatar que os(as) policiais vítimas de crimes com características iniciais de roubo, estando fora de serviço, sobreviveram em **83,4%** (**1.668**) dos casos, ao passo que **16,6%** (**332**) tiveram o desfecho trágico com a própria morte.

Esmiuçando ainda mais a análise da correlação entre a variável reação e a consequência à integridade física do policial vítima, decidimos comparar o seguinte cenário: a vítima reagiu contra um criminoso e ambos usavam arma de fogo real, ou seja, uma espécie de duelo.

Numa primeira análise, sem levar em conta as demais variáveis contempladas na pesquisa, verificamos que, nesses 'duelos', os(as) policiais vítimas obtiveram uma performance de êxito bem superior aos reveses. Assim, destacamos **230** fatos com essa característica e, em **64%** (**147**) deles, saíram ilesos; **27%** (**61**) tiveram algum ferimento e **10%** (**22**) morreram.

Gráfico 1.5 – Profissionais de segurança pública brasileiros vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a consequência à integridade física dos que decidiram reagir armados contra um criminoso que também portava arma de fogo real, independente de outras variáveis, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

As circunstâncias ou condições principais em que os(as) policiais vítimas estavam nesses 'duelos', em que tiveram como resultado a integridade física totalmente preservada (ilesa), foram, na sequência, a pé (**85**), em carro (**41**) e moto (**7**). Em contrapartida, essas três circunstâncias citadas acima também foram aquelas em que tivemos as mortes, sendo a pé com **12** casos, seguida de carro com **5** e moto com **1** caso. Noutras **4** reportagens, não foi possível localizar a circunstância.

Tabela 1.4 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com as consequências à integridade física e gênero, estando sozinho, usando arma de fogo contra um criminoso também armado com arma de fogo real, Brasil, 2017*-24.

Consequência/Duelo contra um criminoso	Feminino	Masculino	Total
Ileso	23	247	270
Ferido	5	59	64
Morto	1	24	25
Total	29	330	359

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Constatamos que, nesses 'duelos', as policiais femininas vítimas obtiveram um desempenho um pouco melhor proporcionalmente, quando comparado aos masculinos. Elas saíram ilesas em **79%** (**23**) dos (des)encontros criminais, enquanto eles em **75%** (**247**).

No que diz respeito à vitimização fatal, ou seja, a morte dos(as) policiais vítimas no contexto específico analisado, os índices alcançados pelos homens **são** mais que o dobro em comparação com os das mulheres. Enquanto **eles** perderam a vida em **7%** (**24**), **elas** tiveram esse desfecho em **3%** (**1**).

Por não ser o escopo deste trabalho, deixamos de aprofundar os possíveis motivos para esse fenômeno, abrindo assim um campo para futuras pesquisas. No entanto, ao analisarmos vídeos (capítulos seguintes e contidos em algumas reportagens), observamos a surpresa latente dos criminosos quando a policial sacou uma arma de fogo e fez uso. Por oportuno, está demonstrado que a reação armada trouxe mais resultados favoráveis aos policiais vítimas do que os reveses.

Desse modo, **93%** (**334**) dos(as) policiais vítimas, independentemente do gênero, que enfrentaram um criminoso também portando uma arma de fogo real, numa espécie de 'duelo', sobreviveram, enquanto infelizmente **7%** (**25**) tiveram a sua história de vida interrompida com o resultado morte.

O ano de 2020 merece destaque no tocante aos cenários em que elas, as policiais, foram vítimas e, em particular, reagiram usando a arma de fogo, independentemente de quaisquer outras variáveis analisadas. Em todos os casos, sem exceção, elas saíram ilesas. As quinze vítimas, no total, enfrentaram **31** (trinta e um) criminosos, ou seja, em média **2** presentes por ocorrência. As policiais adotaram um *mindset* que evidencia a sua alta performance nesses cenários criminosos.

A partir do instante em que comparamos a performance dos policiais masculinos também em **2020**, fica evidente que o resultado para a integridade física deles é inferior ao delas. Nesse contexto, do total de **276** (duzentos e setenta e seis) policiais masculinos vítimas, **189** (**69%**) conseguiram ficar ilesos, **62** (**22%**) ficaram feridos e, lamentavelmente, **25** (**9%**) foram mortos.

Reiteramos a ênfase comparativa do ano de **2020** entre os policiais vítimas masculinos e femininos: **elas 0%** *vs.* **9% eles** mortos. **Elas 0%** *vs.* **69% eles** feridos. Desde quando iniciamos a execução do *Workshop* de Proteção Pessoal (WPP) para os alunos da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) em 2016, repetimos a expressão "se forem reagir,

reajam como as mulheres!" Tudo isso com o intuito de alertar os policiais homens quanto à atenção e foco nos cuidados e 'leitura de cenário' antes de realizar a conduta de reação ativa propriamente dita, postura esta que visualizamos nos vídeos em que as mulheres policiais foram as vítimas e reagiram.

Ao optarmos por fazer as comparações dos desempenhos dos(as) policiais vítimas que tomaram a decisão de reagir, independentemente das outras variáveis estudadas, constatamos que houve uma melhora significativa em relação ao ano de **2017**, período de julho a dezembro, quando criamos o correio eletrônico para receber as notícias, como mencionado anteriormente. De modo que, em **2017**, encontramos **35%** (**115**) de policiais que morreram em virtude da reação adotada, enquanto em **2023** foram **3%** (**9**). Isso pode nos levar ao entendimento de que a ampliação da divulgação da temática vitimização policial, contida nesta obra, de eventos ocorridos (cursos, treinamentos, palestras presenciais e *online*) desde então e de grupos de discussões em redes sociais, começa a trazer os primeiros bons frutos. O patamar ideal, e que vamos continuar perseguindo, é o zero percentual de mortes de policiais em serviço ou fora dele por crimes violentos. No entanto, temos a convicção de que ainda levará algum tempo para alcançá-lo, se é que alcançaremos esse momento. Por enquanto, vamos fazendo a 'nossa parte' como policiais e pesquisadores, ao mesmo tempo em que estimulamos a ampliação de pesquisadores e pesquisas nessa área.

Lima[40] *et al* (2000), discutindo como a posse de uma arma de fogo contribui para o desfecho dos crimes de roubos com o resultado morte (latrocínio), mostrou que **71,6%** dos latrocínios consumados a vítima estava desarmada; já em **28,4%** a vítima também estava portando uma arma de fogo; no entanto não foi feita uma distinção entre policiais e população em geral nesses percentuais. Lima[41] *et al* (2000), prossegue afirmando que do total de vítimas armadas que conseguiram evitar um roubo e permanecer ilesas, **57,1%** eram policiais. De forma inequívoca, o uso da arma de fogo por parte da vítima, trouxe mais resultados positivos para a sua sobrevivência do que reveses. No entanto, reforçamos que essa condição de forma isolada, não garantiu a plenitude do êxito, necessitando de mais informações sobre cada evento para uma análise mais precisa.

Prossegue Lima[42] *et al* (2000), registrando que, nos casos de tentativas de latrocínio (**247**), as vítimas armadas foram **26,7%** (feridas **12,9%** e ilesas **13,8%**), enquanto as desarmadas atingiram **73,3%** do grupo de controle. Novamente, sob a perspectiva de a vítima estar usando uma arma de fogo, nos cenários de latrocínios tentados, o uso da arma de fogo trouxe também mais êxitos sob o ponto de vista da sobrevivência.

---

[40] LIMA, Renato Sérgio de: SINHORETTO, PIETRCOLLA, Luci Gati. "**Também Morre Quem Atira**". Risco de uma pessoa que possui arma de fogo ser vítima de um roubo. Revista Brasileira de Ciências Criminais v.8, nº 29 (jan./mar.2000), p. 365-374.

[41] *Op Cit.*

[42] *Op Cit.*

Em contraposição, Fernandes[43] (2016), na sua pesquisa sobre a vitimização por mortes violentas dos policiais militares do estado de São Paulo, nos anos de **2013** e **2014**, mostra que **82,2%** desses estavam portando uma arma de fogo (particular ou institucional). Continua o mesmo autor (2016), afirmando que o latrocínio contribuiu com **33,1%** e **10,1%** dos casos com indícios de segurança privada para a vitimização dos policiais militares paulistas.

Com os dados acima mostrados, a questão-problema está devidamente atendida. Ou seja, 'reagir' na amostragem analisada trouxe mais êxito para a sobrevivência do(a) policial vítima, considerando que **1.607** (**85,3%**) saíram vivos do (des) encontro criminoso e **277** (**14,7%**) tiveram suas vidas ceifadas. Por outro lado, os que 'não reagiram' sobreviveram em **51** (**59,3%**) e foram mortos em **35** (**40,7%**) dos registros em que localizamos essa informação.

Portanto, em qualquer cenário que façamos uma comparação, a decisão de reagir trouxe mais sucesso para os(as) policiais vítimas do que reveses. Enfatizamos que, embora os resultados acima sejam favoráveis, os autores jamais recomendam ou orientam obrigatoriamente a conduta de 'reagir sempre.' Essa decisão é única e exclusiva de acordo com a 'leitura de cenário' para cada policial vítima.

---

[43] FERNANDES, Alan. **Vitimização Policial:** Análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-2014). Rev. Bras. Segur. Pública | São Paulo v. 10, n. 2, 192-219, Ago/Set 2016.

3.8 Quanto à quantidade e gênero do criminoso

Inspirados numa das várias frases atribuídas ao General chinês Sun Tzu (2000, p. 28)[44] que colocamos nas páginas iniciais desta obra, ao dizer que:

> Se você conhece o inimigo e a si mesmo, não precisa temer o resultado de uma centena de batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória sofrerá uma derrota. Se você não conhece nem a si mesmo nem o inimigo, perderá todas as batalhas.

Assim como estudamos vários aspectos relacionados aos policiais vítimas, também decidimos examinar algumas características do nosso 'inimigo'. Entendemos que, a partir do instante em que temos, ainda que minimamente, informações do *modus operandi* dos criminosos que praticam Crimes Violentos Patrimoniais (CVP), já se constitui uma forma, ainda que singela, de contribuir para a prevenção desse (des)encontro criminoso.

As várias matérias exibidas em programas televisivos, especialmente as de temática policial, apresentam diariamente, de certo modo, o perfil dos criminosos violentos no Brasil quanto ao gênero. Na maioria das imagens e textos mostrando esse cotidiano nacional, o homem é apontado como sendo o praticante ou, pelo menos, quem é mais preso pelas forças de segurança.

---

[44] Sun Tzu, Século VI a.C. **A Arte da Guerra.** 23 ed. Tradução José Sanz. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Quitshal[45] (2019), ao apurar também a vitimização dos policiais militares paulistas fora de serviço por crimes violentos que tiveram como resultado morte ou lesão corporal, afirma que **73%** dos criminosos eram masculinos, **26%** não foi possível constatar o gênero e **1%** era do sexo feminino.

Esses dados vão ao encontro do perfil dos encarcerados no Brasil, ou seja, as pessoas do sexo masculino estão no cárcere em maior quantidade e percentual do que as mulheres, conforme consta no Relatório do Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (Infopen)[46], pertencente ao Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Do total de **704.576** pessoas encarceradas no Brasil, no período de julho a dezembro de 2017, **667.036** (**94,67%**) eram do sexo masculino e **37.540** (**5,33%**) eram do sexo feminino.

Nesse mesmo Relatório acima mencionado, no tocante aos crimes contra o patrimônio (furto e roubo sendo os principais), **275.861** (**39,2%**) pessoas estavam encarceradas por esses tipos penais. Desses, **267.811** (**97%**) eram homens e **8.050** (**3%**) eram mulheres.

---

[45] QUITSHAL, Marcus Vinícius. **A Necessidade de Treinamento de Tiro Defensivo na Preservação da Vida "Método Giraldi®" (Pista Policial Especial – PPE) ante a Análise da Vitimologia Policial Militar em Horário de Folga**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública), Academia de Polícia Militar do Barro Branco-CAES, São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

[46] Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyjrijoin2fmywmyoditndg1ms00n2m5lwe3ndktzdi4ztrknti1yze3iiwidci6imvimdkwndiwltq0ngmtndnmny05mwyyltriogrhnmjmzthlmsj9. Acesso em: 20 jun. 2020.

Tabela 1.5 - Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a quantidade de criminosos na cena, Brasil, 2017*-24.

Criminosos	Qtde.	%
1 criminoso	370	**8,9%**
2 criminosos	2.004	**48,0%**
3 criminosos	915	**21,9%**
4 criminosos	492	**11,8%**
5 criminosos	120	**2,9%**
6 criminosos	84	**2,0%**
7 criminosos	21	**0,5%**
8 criminosos	16	**0,4%**
Não localizado	157	**3,8%**
Total	**4.179**	**100%**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

De acordo com a tabela 1.5, constatamos que, das **1.954** reportagens catalogadas, na maioria, o crime foi cometido com a presença de, no mínimo, dois criminosos.

Dos textos em que conseguimos identificar a quantidade de criminosos de acordo com o gênero, totalizando **3.971** masculinos e **51** femininos, noutras **157** reportagens o jornalista usou a expressão 'criminosos', sem, portanto, especificar precisamente o quantitativo e gênero.

Zanchetta[47] (2011), estudando a vitimização do policial militar paulista da ativa e fora de serviço, afirma que, em **43%** dos casos, os crimes foram praticados por dois criminosos, **14%** por três, **6%** por quatro ou mais e **13%** por uma quantidade indefinida. Prossegue Zanchetta, dizendo

[47] Zanchetta, Marcelo. **O Estudo do Erro na Vitimização do Policial Militar**. 2011. Dissertação (Curso de Mestrado profissional em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública), Academia de Polícia Militar do Barro Branco, São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011.

que os crimes praticados contra os policiais militares paulistas por apenas um criminoso alcançaram **24%**.

De posse dessas informações, o policial e qualquer cidadão brasileiro, em geral, pode utilizá-las como uma dica de prevenção, ficando mais atento à aproximação de dupla masculina do seu corpo, carro ou moto, independentemente do local onde esteja, dia da semana ou horário, pois assim diminuirá as chances de ser escolhido como a próxima vítima de crimes inicialmente com a característica de roubo.

3.9 Quanto a arma usada pelo criminoso

O crime de roubo/latrocínio, diferente do crime de furto em que a vítima não sofre ameaças e muitas vezes nem tem a oportunidade de visualizar o seu algoz, necessita do emprego de violência ou grave ameaça por parte do criminoso, como já mencionado no início deste capítulo. Ainda que o instrumento seja, por exemplo, um simulacro (réplica de uma arma) ou outro objeto qualquer.

Seguindo a tendência e o perfil nacional de apreensão de armas de fogo, bem como as armas usadas nos crimes de homicídio, no cenário do roubo/latrocínio, a arma de fogo também se mostra bastante utilizada para ameaçar ou mesmo, infelizmente, tirar a vida do policial vítima.

Tabela 1.6 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com a arma utilizada pelos criminosos, Brasil, 2017*-24.

Arma Criminoso	Qtde.	%
Arma de Fogo	1.569	**80%**
Não Informado	182	**9,3%**
Simulacro	136	**6,9%**
Arma Branca	62	**3,2%**
Desarmado	12	**0,6%**
Objeto	3	**0,2%**
Total	**1.964**	**100%**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

Na tabela 1.6, constatamos que a arma de fogo (principalmente revólver e pistola) foi utilizada em **80%** (**1.569**) dos casos, mostrando, dessa forma, que, na maioria dos crimes, a vítima estará diante de uma arma de fogo real. Em **9,3%** (**182**) dos casos, não estava explicitamente indicado qual tipo de arma foi empregada. Em **6,9%** (**136**) dos casos, foram utilizados simulacros (armas falsas). A arma branca (faca, canivete e similares) foi empregada em **3,2%** (**62**) das ocorrências. Esclarecemos, por oportuno, que, em alguns dos casos em que tínhamos mais de um criminoso na cena, o comparsa também portava outra arma (de fogo, simulacro[48] ou branca). Para fins desta variável analisada, consideramos que, no mínimo, um dos criminosos estava armado.

---

[48] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/20/pm-fica-ferido-ao-reagir-a-assalto-em-onibus-e-dois-suspeitos-morrem-na-ba-528-entre-simoes-filho-e-salvador.ghtml. Acesso em: 19 mar. 2020.

Noutros três casos, foram utilizados objetos diversos (carro, chave de fenda ou garrafa), e em **12** casos a reportagem disse que o criminoso estava desarmado. De acordo com a experiência profissional dos autores, bem como relatos de vítimas, em vários casos, o criminoso faz um gesto por baixo da camisa, simulando estar segurando uma arma, e usa esse gesto para 'confundir' e ameaçar a vítima.

Bondaruk (2007), quando entrevistou apenados e os perguntou sobre as razões pelas quais eles preferem usar arma de fogo para o cometimento de roubo, obteve como resposta predominante que era para se sentirem mais seguros para atuar (**34%**), seguido pelo motivo de que a vítima facilitava a ação (**29%**) e de que podiam se defender da polícia e da vítima (**24%**). Entendemos que, por esses dados, o criminoso está tão nervoso ou com medo quanto a vítima e, para amenizar esses efeitos e exercer poder e controle sobre a vítima, faz uso da arma de fogo. Então, dessa forma, refletimos que a vítima pode, em um certo grau, acalmar o criminoso, trazendo para ele uma 'falsa' sensação de segurança, o que ameniza o risco de lesão/morte para a própria vítima.

Fernandes[49] (2016), no seu estudo sobre as mortes violentas de policiais militares do estado de São Paulo em 2013-2014, afirma que em **84,6%** dos casos, o instrumento empregado para matar o policial militar paulista foi a arma de fogo e, em outros **2,03%**, ela foi empregada em conjunto com a faca. Seguindo essa mesma linha, Duarte[50] (2019)

---

[49] *Op. Cit.*
[50] *Op. Cit.*

mostra que **64,34%** dos policiais militares paranaenses que foram vitimados fora de serviço tiveram a morte como consequência de disparos de arma de fogo.

Diniz (2018) afirma que **91%** (**20**) dos policiais militares mineiros que morreram na folga e em trajes civis foram vitimados por arma de fogo (revólver ou pistola). Barra de ferro e não foi possível localizar essa informação constituíram os demais instrumentos para vitimar o policial fora de serviço. O Instituto Sou da Paz[51], de igual modo, estudando as mortes de policiais civis e militares paulistas mortos em 2013-2014, mostra que **70%** foram mortos por projéteis de arma de fogo.

Com esses dados em mente, constatamos que o policial brasileiro, nos momentos em que se encontra fora de serviço e sendo vítima de um crime com características iniciais de roubo, mesmo estando armado, também é atingido por projétil de arma de fogo dos criminosos. Podemos então pensar que, só o fato de estar portando uma arma de fogo e empregá-la não é necessariamente a certeza do pleno êxito na ação (ou reação).

3.10 Quanto às consequências à integridade física do criminoso

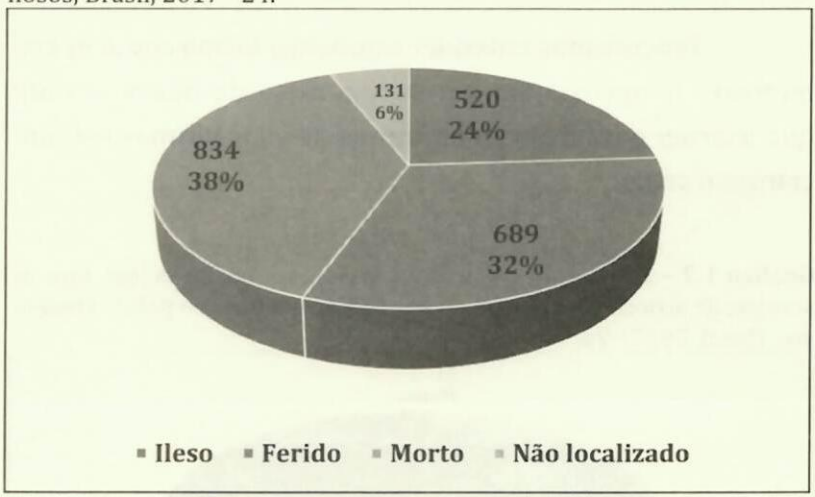
Pode ser encarado com certa 'naturalidade' o fato de o criminoso, ao planejar, mesmo que de forma superficial ou ainda sem uma robustez das organizações criminosas mais sofisticadas, considerar que o seu crime deve contar com o mínimo de efeito indesejado, ou seja, ser preso, ferido

---

[51] *Op. Cit.*

ou morto por ação da vítima ou de outras pessoas próximas à cena do crime. Dessa forma, investigamos as consequências para os criminosos relatadas nas reportagens.

Gráfico 1.6 – Policiais brasileiros vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com as consequências à integridade física dos criminosos, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

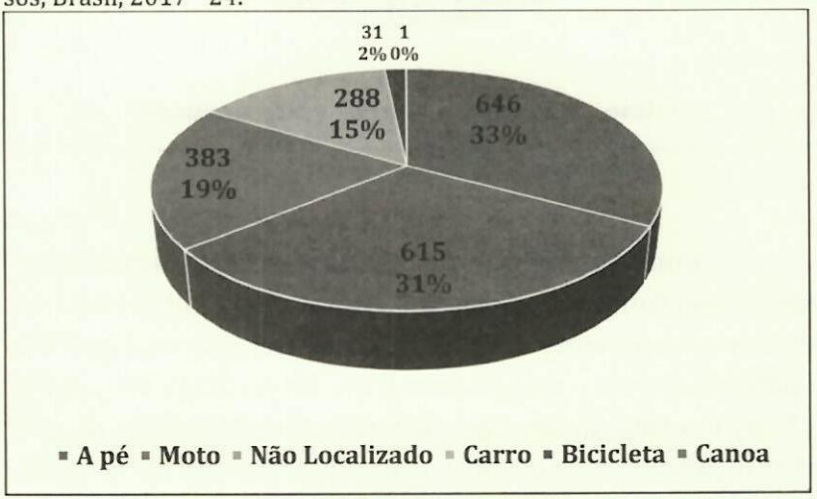
Constatamos que, na maioria dos casos, o criminoso teve como consequência de sua empreitada a sobrevivência, independentemente de quaisquer outros fatores. Em **32%** (**689**) dos casos, a integridade física foi mantida ilesa; **24%** (**520**) tiveram algum tipo de ferimento provocado diretamente pela vítima durante uma reação, por terceiros ou durante a fuga e posterior prisão; e **38%** (**834**) morreram. Em **6%** (**131**) dos casos, a reportagem não mencionou esse dado.

Sublinhamos que, dos criminosos que restaram feridos na cena, não buscamos informações posteriores para saber se, em alguns dos casos, eles foram a óbito.

3.11 Quanto ao meio de aproximação da vítima usado pelo criminoso

Procuramos entender também a forma como os criminosos se aproximam, ou seja, o meio de deslocamento que usaram para ficarem próximos de suas vítimas e anunciarem o crime.

Gráfico 1.7 – Policiais brasileiros vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o meio de aproximação utilizado pelos criminosos, Brasil, 2017*-24.



Fonte: Os autores. *A partir de julho.

De acordo com o gráfico 1.7, várias reportagens fizeram menção ao meio que foi utilizado pelos criminosos

para se aproximarem das vítimas. Nesse sentido, os criminosos chegaram a pé em **646** casos, representando **33%**. De moto, na maioria na condição de garupa, foram **615** casos, significando **31%**. Não conseguimos encontrar essa informação em **383** delas, representando **19%**. Em **288** casos, foi utilizado o carro para essa aproximação, alcançando **15%**. Bicicleta e canoa, juntos, somaram **32** casos e **1,6%** do total.

Quitshal[52] (2019), pesquisando as circunstâncias em que os policiais militares paulistas foram vítimas de criminosos estando fora de serviço e tiveram como resultado a morte ou ferimentos por disparos de arma de fogo, encontrou que em **36%** dos casos os criminosos se aproximaram num veículo, **21%** estavam a pé ou numa moto, respectivamente, **15%** não foi possível localizar essa informação e **5%** estavam numa bicicleta.

Podemos perceber, portanto, que os criminosos vão se aproximar do policial vítima preferencialmente a pé ou de moto. Especulamos que esses meios de aproximação das vítimas facilitam a fuga, principalmente nas capitais e cidades das regiões metropolitanas, onde há um trânsito intenso, bem como no caso de uma reação, seja por parte do policial ou de um cidadão comum.

---

[52] *Op. Cit.*

3.12 Quanto ao local do crime

Investigamos, igualmente, quais os locais onde os policiais vítimas estavam no momento inicial da abordagem criminosa quando se encontravam fora de serviço. Desse modo, merecem maior atenção dos policiais, bem como da população em geral, os locais que serão apresentados a seguir, até mesmo como forma de orientação no tocante às condutas proativas quando estiverem neles ou próximos.

Tabela 1.7 – Profissionais de segurança pública vítimas de roubo/latrocínio, fora de serviço, de acordo com o local onde se encontrava no momento da abordagem do criminoso, Brasil, 2017*-24.

Local	Qtde.	%
Via Pública	531	**27%**
Carro	444	**23%**
Moto	232	**12%**
Estabelecimento Comercial	170	**9%**
Residência	165	**8%**
Bar/Lanchonete/Restaurante/Pizzaria	99	**5%**
Transporte Coletivo/Ônibus/Van	89	**5%**
Posto Combustível	48	**2%**
Farmácia	24	**1%**
Parada Ônibus	17	**1%**
Diversos	145	**7%**
Total	**1.964**	**100%**

Fonte: Os autores. *A partir de julho.

No total, conseguimos identificar, com a leitura dos textos das reportagens, ao menos **61** (sessenta e um) locais distintos. Decidimos expor aqui os dez locais onde tivemos

os maiores quantitativos de registros em toda a série histórica. No entanto, esclarecemos que locais como: academia de exercícios físicos, banco, centro espírita, clínicas médicas, agências dos correios, escolas e faculdades, estação de metrô, lojas diversas, lotéricas, motel, ótica, mercadinho, salão de beleza, barbearia, entre outros, também tiveram eventos registrados.

De acordo com os dados da tabela 1.7, evidenciamos que o lugar com mais incidências foi quando a vítima estava na via pública (não registramos se a pé, carro ou moto), em **27%** (**531**) dos casos, seguido dos cenários onde estava no carro, **23%** (**444**) dos casos, e numa motocicleta, com **12%** (**232**) dos casos, sendo esses os três cenários com as maiores incidências.

Os estabelecimentos comerciais, nas suas mais diversas modalidades, quando somados, alcançam a terceira posição no *ranking*.

Faremos, por oportuno, alguns esclarecimentos acerca de algumas mensurações (classificações) em particular, para melhor entendimento e fixação da metodologia adotada.

No cenário em que o(a) policial vítima estava num carro, aglutinamos basicamente as seguintes situações: estava chegando/saindo da residência; estava estacionado numa via pública ou semáforo, ou ainda em deslocamento numa rua, avenida ou rodovia e foi emboscado.

No item via pública, necessariamente a vítima estava a pé sozinha ou em companhia de outra(s) pessoa(s).

Na variável residência, incluímos as edificações casa/apartamento da própria vítima ou de outra pessoa (amigo ou parente), onde ela se encontrava no interior ou na calçada, também a pé.

Para a variável moto, agrupamos os casos em que as vítimas estavam estacionadas ou em movimento e foram emboscadas por criminosos a pé, em outra moto ou mesmo em carro. Quanto ao transporte coletivo, nos referimos tanto aos intermunicipais, interestaduais e os de transporte 'alternativo' ou 'lotação.'

Quando o texto da reportagem trazia em seu corpo as palavras 'carro', 'rua/avenida', 'moto', 'casa/residência/apartamento' ou 'ônibus/van', priorizávamos colocar na variável 'local do fato' esses indicadores para propiciar, além de outras utilidades, a ênfase nos treinamentos práticos para esses tipos de cenários. Ou seja, os exercícios propostos para a vítima estando num carro são totalmente distintos para os casos em moto ou mesmo a pé. Cada um tem uma dinâmica própria e peculiar.

Fernandes[53] (2016) também encontrou dados similares quando estudou a morte violenta de policiais militares de São Paulo em 2013-2014. Desse modo, via pública (**45,10%**), estabelecimento comercial (**14,86%**), bar (**5,97%**) e residência (**5,43%**) foram os locais onde os policiais militares paulistas foram mais vitimados em serviço ou fora deles por crimes violentos.

---

[53] *Op. Cit.*

Diniz[54] (2018) também encontrou similaridades no caso dos policiais militares mineiros mortos fora de serviço e em trajes civis. Ele afirma que o estabelecimento comercial, incluindo bar/restaurante, posto de combustível, supermercado e casa lotérica, foi o local onde mais morreram policiais militares, com **41%** dos casos; sendo seguido pelos casos em que as vítimas estavam no interior do seu veículo ou embarcadas na sua moto. Por fim, ele mostra que, em cinco casos, o policial militar mineiro foi vitimado quando transitava a pé nas vias públicas ou ao chegar na sua residência.

Por sua vez, Duarte (2019), pesquisando os policiais militares do Pará vitimizados em decorrência de crimes violentos, estando fora de serviço, no período entre 2011 e 2018, mostra que **64,34%** ocorreram na via pública, **12,4%** na residência, **11,63%** em locais de entretenimento e **10,08%** em estabelecimentos comerciais.

Zachetta[55] (2011) faz, inicialmente, uma divisão entre via pública (**65%**) e local fechado (**35%**) para demonstrar os locais onde foram vitimizados os policiais militares paulistas da ativa, por homicídio e fora de serviço. Em seguida, mostra que, nos casos ocorridos na via pública, em **40%** deles o policial militar estava no seu carro, em **36%** a pé e em **23%** numa motocicleta.

De igual modo, Quitshal[56] (2019), apurando também a vitimização dos policiais militares paulistas fora de

---

[54] *Op. Cit.*
[55] *Op. Cit.*
[56] *Op. Cit.*

serviço por crimes violentos que tiveram como resultado a morte ou lesão corporal, diz que 65% ocorreram em via pública e 15% em estabelecimentos comerciais. Os demais percentuais estão divididos entre residências, postos de combustíveis e outros locais.

Portanto, o carro, a moto, a via pública, os transportes coletivos e os estabelecimentos comerciais, nas suas mais variadas matizes, podemos considerar como os locais que mais merecem um estado de alerta aumentado por parte dos policiais estando fora de serviço e ainda mais portando sua arma de fogo, seja essa particular ou institucional. Visualizar (fazer uma 'leitura do cenário'), escanear os ambientes e os entornos antes de entrar, ou quando estiver no seu interior, além de focar no comportamento das pessoas presentes, são práticas importantes para que policiais e a população em geral diminuam as chances de serem as próximas vítimas de crimes violentos, em particular roubo ou latrocínio. Em casos de sinistros, como incêndios, essas práticas também ajudam a acessar locais mais seguros e/ou sair o mais brevemente possível da estrutura.

4 Morte Violenta de Profissionais de Segurança Pública

A partir de 27 de dezembro de 2023, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) passou a divulgar os números dos profissionais de segurança pública vitimados por crimes violentos. Considerando que a 2ª edição desta obra foi publicada em 2021, evidentemente era impossível incluir algum dado dessa natureza pela razão acima.

A Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), por meio do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública - Validação de Dados Estatísticos (Sinesp-VDE), atualiza periodicamente os dados que constam na plataforma dos Dados Nacionais de Segurança Pública sobre os 28 indicadores mensurados. Esses indicadores são: Homicídio doloso, Roubo seguido de morte, Lesão corporal seguida de morte, Homicídio na forma tentada, Feminicídio, Morte por intervenção de agente do Estado, Morte a esclarecer (sem indício de crime), Morte no trânsito ou em decorrência dele, Morte de Agente do Estado, Suicídio, Suicídio de agente do Estado, Estupro, Roubo de veículos, Roubo a instituição financeira, Roubo de carga, Furto de veículos, Tráfico de drogas, Apreensão de cocaína, Apreensão de maconha, Apreensão de arma de fogo, Pessoa desaparecida, Pessoa localizada, Mandado de prisão cumprido, Atendimento pré-hospitalar, Busca e salvamento, Combate a incêndios, Emissão de alvará de licença e Realização de vistorias.

Os indicadores acima citados são oriundos do que está regulamentado na Resolução nº 06 ConSinesp/MJSP/2021 e na Portaria nº 220, de 10 de dezembro de 2028.

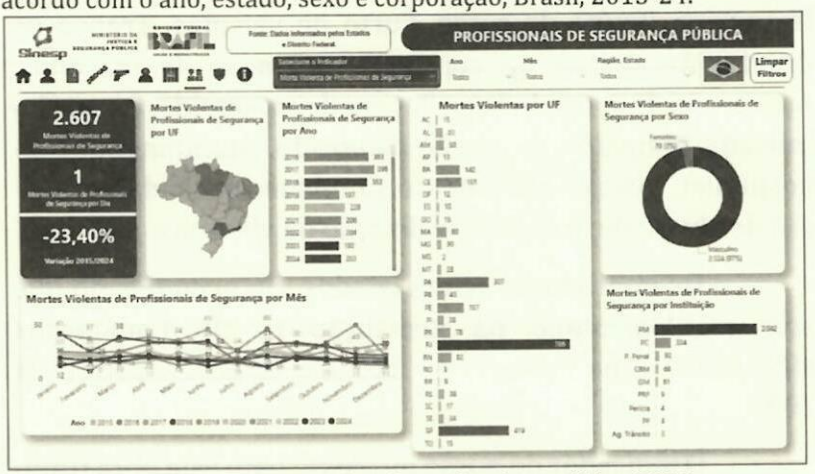
O indicador do nosso interesse para esta obra trata-se da Morte de Agente do Estado, que, conforme o item IX do Anexo I da Resolução nº 06 ConSinesp/MJSP, de 8 de dezembro de 2021, é descrita como sendo "Morte violenta de profissionais de segurança pública e Guardas Municipais, da ativa, ou no exercício das funções, em serviço ou fora dele." O texto ainda acrescenta em forma de observação que o

termo 'Em serviço' compreende "o período em que o Agente do Estado estiver em exercício de suas funções e *in itinere*."

Os dados apresentados no Sinesp-VDE não distinguem se o profissional de segurança pública, no momento do óbito, estava ou não em serviço, ou seja, fazem apenas o somatório dos casos em determinado período.

Dessa forma, apresentamos abaixo a captura de tela em que constam essas informações no período de 2015 a 2024, conforme a página eletrônica oficial do MJSP.

Figura 1.3 – Morte violenta de profissionais de segurança pública, de acordo com o ano, estado, sexo e corporação, Brasil, 2015-24.



Fonte: Sinesp VDE. *Captura de tela realizada em 5 fev. 2025.

De imediato, o que constatamos é que há um decréscimo no total de mortes violentas dos profissionais de segurança pública desde 2018.

A figura 1.3 evidencia que, em **2017**, tivemos **396** casos, e em **2024**, o total de mortes violentas foi de **203**, o

que significa uma redução de **49%** nesse período. Podemos teorizar que, entre outros fatores que contribuíram para essa significativa redução, temos: (1) o aumento de cursos voltados para essa temática, (2) a difusão desse conteúdo em podcasts e redes sociais, (3) livros publicados e (4) grupos em aplicativos de mensagens que aumentaram a consciência situacional dos profissionais de segurança pública na autoproteção quando estão fora de serviço.

Tabela 1.8 – Morte violenta de profissionais de segurança pública, de acordo com o ano, Brasil, 2015-24.

Ano	Qtde.	Var. %	% do Total
2015	265	-	10,2%
2016	363	37%	13,9%
2017	396	9%	15,2%
2018	353	-11%	13,6%
2019	197	-44%	7,6%
2020	228	16%	8,8%
2021	206	-10%	7,9%
2022	204	-1%	7,8%
2023	192	-6%	7,4%
2024	203	6%	7,8%
Total	**2.607**		**100%**

Fonte: Os autores com Sinesp-VDE.

Na tabela acima, constatamos que **2017** é o ano com o maior número de profissionais de segurança pública vítimas de crimes violentos, totalizando **396** (trezentos e noventa e seis). O ano de 2017 representou **15,2%** do total de vítimas no período pesquisado.

Em termos de aumento entre biênios, observamos que **2016** teve um aumento de **37%** em relação a 2015, enquanto **2020** apresentou um acréscimo de **16%** em relação a 2019.

Em quatro anos (2016, 2017, 2020 e 2024), tivemos aumentos em termos absolutos e percentuais nesse indicador. Em outros cinco anos (2018, 2019, 2021, 2022 e 2023), constatamos reduções. O ano de **2019** se destaca pelo maior percentual de redução (**-44%**).

Outra forma de analisar esse indicador está relacionada à corporação em que o profissional de segurança pública, vitimado mortalmente, estava lotado.

Tabela 1.9 – Morte violenta de profissionais de segurança pública, de acordo com a corporação, Brasil, 2015-24.

Corporação	Qtde.	% do Total
Polícia Militar	2.042	**78%**
Polícia Civil	324	**12,4%**
Polícia Penal	92	**3,5%**
Corpo de Bombeiros	68	**2,6%**
Guarda Municipal	61	**2,3%**
Polícia Rodoviária Federal	9	**0,3%**
Polícia Federal	4	**0,2%**
Perícia	4	**0,2%**
Agente de Trânsito	3	**0,1%**
Total	**2.607**	**100,0%**

Fonte: Os autores com Sinesp-VDE.

A tabela acima demonstra, de forma inequívoca, que os **policiais militares** foram os mais vitimados letalmente no período pesquisado, totalizando **2.042** (dois mil e

quarenta e dois) e representando **78%** do universo das vítimas.

A segunda corporação com o maior registro é a **Polícia Civil**, com **324** (trezentos e vinte e quatro) vítimas, constituindo **12,4%** do total. Em terceiro lugar, ficou a **Polícia Penal**, com **92** (noventa e dois) vítimas, atingindo **3,5%** de todos os profissionais vitimados.

Esses números precisam ser relativizados, considerando que o MJSP não disponibiliza o total de efetivos ativos de todas essas corporações, apenas da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e Perícia. Porém, delimitamos para as polícias civis e militares a comparação em termos de taxa por cem mil ativos nesse mesmo período, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1.10 – Morte violenta de policiais civis e militares, de acordo com o ano e taxa por cem mil ativos, Brasil, 2020-23.

Ano/Corporação	Polícia Militar	Polícia Civil
2020	45	31,8
2021	36,2	32,5
2022	37,7	24,1
2023	36,6	24,3
Média	**39**	**28,2**

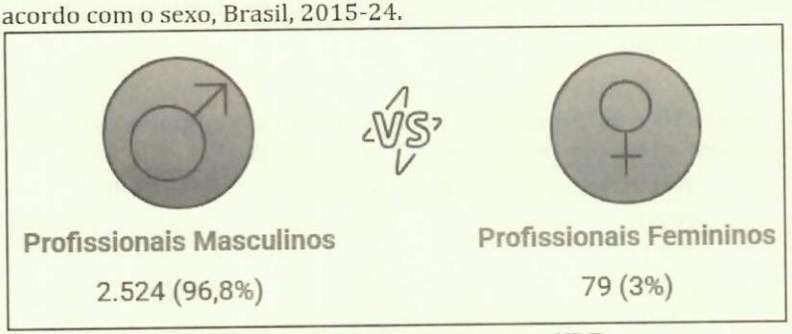
Fonte: Os autores com Sinesp-VDE.

Tanto em termos absolutos quanto proporcionais, os policiais militares foram mais vitimados do que os policiais civis, considerando o período de 2020 a 2023. Nesse período, o Sinesp-VDE disponibilizou a Pesquisa Perfil das Instituições de Segurança Pública, mostrando várias caracte-

rísticas de cada uma delas. Entre os dados disponíveis, constam os efetivos ativos de cada corporação em 31 de dezembro dos anos citados. Dessa forma, é possível fazer a proporção conforme consta na tabela acima.

Outra variável publicada pelo Sinesp-VDE em relação aos óbitos violentos de profissionais de segurança pública diz respeito ao sexo. Com essa informação, constatamos também o que já havíamos encontrado nos cenários em que esses profissionais estavam exclusivamente fora de serviço e eram vítimas de crimes com características de roubo/latrocínio.

Gráfico 1.8 – Morte violenta de profissionais de segurança pública, de acordo com o sexo, Brasil, 2015-24.



Fonte: Os autores com Sinesp-VDE.

Sublinhamos, conforme o gráfico acima, que o total de profissionais de segurança pública mortos, de acordo com o sexo, atingiu 2.607 (dois mil seiscentos e sete). Dessa forma, os **homens** foram vítimas em **2.524** casos (**96,8%**), as **mulheres** profissionais de segurança pública totalizaram **79** casos (**3%**) e **não** foi **informado** o sexo em **4** casos (**0,2%**).

Várias hipóteses podem ser elencadas para o fenômeno de os homens serem mais vitimados do que as mulheres. Propomos apenas algumas para estimular reflexões e buscas por respostas, a exemplo de: **(1)** as corporações são integradas majoritariamente por homens; **(2)** os homens se expõem mais às situações de risco; **(3)** as mulheres são mais prudentes e cautelosas em suas intervenções; **(4)** as mulheres exercem predominantemente atividades administrativas e burocráticas, diminuindo assim a exposição a cenários de maiores riscos à integridade física, entre outras.

Em relação às Unidades Federativas, é outra variável mensurada pelo Sinesp-VDE. Não está explícito se esse registro leva em consideração a corporação de origem do(a) profissional de segurança pública falecido(a) ou o local do óbito. Temos vários registros de policiais que, em seu horário de folga, viajaram para outro estado diferente de sua lotação original e foram mortos. Por essa razão, reforçamos que não sabemos dizer com precisão se os dados da tabela seguinte referem-se ao local do óbito ou à Unidade Federativa original onde a vítima estava lotada.

Analisando sob o ponto de vista apenas quantitativo, o **Rio de Janeiro** (**786**) é o estado que tem os seus profissionais de segurança pública mais vitimados de forma violenta. Ele é seguido por **São Paulo** (**419**), **Pará** (**307**), **Pernambuco** (**157**), **Ceará** (**151**) e **Bahia** (**142**). Esses são os seis estados com os maiores quantitativos e, por mera coincidência, todos têm mais de cem vítimas.

Tabela 1.11 – Morte violenta de profissionais de segurança pública, de acordo com a Unidade Federativa, Brasil, 2015-24.

UF	Qtde.	% do Total
AC	15	0,6%
AL	43	1,6%
AM	50	1,9%
AP	13	0,5%
BA	142	5,4%
CE	151	5,8%
DF	12	0,5%
ES	18	0,7%
GO	15	0,6%
MA	60	2,3%
MG	30	1,2%
MS	2	0,1%
MT	28	1,1%
PA	307	11,8%
PB	45	1,7%
PE	157	6,0%
PI	38	1,5%
PR	78	3,0%
RJ	786	30,1%
RN	82	3,1%
RO	3	0,1%
RR	9	0,3%
RS	38	1,5%
SC	17	0,7%
SE	34	1,3%
SP	419	16,1%
TO	15	0,6%
Total	**2.607**	**100,0%**

Fonte: Os autores com Sinesp-VDE.

Destacamos que é necessário relativizar esses números considerando os efetivos totais ativos em cada Unidade Federativa e corporação. Para ilustrar, mencionamos

São Paulo: considerando o contingente total de policiais militares, civis, penais, rodoviários federais, guardas municipais, bombeiros militares, peritos e agentes de trânsito, é maior do que os demais. Portanto, a taxa por cem mil profissionais ativos pode ser bem menor do que a do Ceará ou Pernambuco.

Por fim, utilizando os dados publicados pela imprensa ou de forma oficial pelo MJSP, constatamos que a vitimização dos profissionais de segurança pública no Brasil, desde 2018, vem apresentando reduções consecutivas. Isso pode estar relacionado à melhoria dos treinamentos, equipamentos e implementação de jornadas extras remuneradas nas próprias corporações, o que minimiza a possibilidade do 'bico' e, consequentemente, a maior exposição ao risco. Enfim, um conjunto de ações que aumentam a possibilidade de o(a) policial brasileiro(a) voltar vivo(a) e em liberdade para casa.

ROUBO CONTRA VÍTIMA NO CARRO

Homem suspeito de tentar assaltar policial do GOE é baleado, em João Pessoa[57]
23/05/2018 às 10:49min

Um policial do Grupo de Operações Especiais (GOE) baleou um homem suspeito de tentar assaltá-lo na noite dessa terça-feira (22), em João Pessoa.

De acordo com a Polícia Militar (PM), o policial reagiu a um assalto anunciado por dois homens em uma motocicleta, por volta das 23h, no bairro de Tambauzinho, e atirou duas vezes contra um dos suspeitos.

Houve troca de tiros, mas o policial não foi atingido.

Os dois homens conseguiram fugir do local e após a tentativa frustrada de roubo, um dos suspeitos procurou atendimento no Hospital de Trauma de João Pessoa dizendo ter sido vítima de um assalto, fato desmentido horas depois.

O outro suspeito continua foragido.

---

57 Disponível em: http://www2.pbagora.com.br/noticia/policial/20180523072207/homem-suspeito-de-tentar-assaltar-policial-do-goe-e-baleado-em-joao-pessoa. Acesso em: 23 maio 2018.

1 CONTEXTUALIZANDO

Como podemos verificar no capítulo 1, um dos lugares onde mais os policiais foram vítimas de crimes de roubo/latrocínio foi no veículo/carro. Decidimos então fazer uma pesquisa, desta feita com materiais e métodos distintos. Assim, utilizamos para a construção deste capítulo o estudo de **57** (cinquenta e sete) vídeos catalogados aleatoriamente, divulgados em *Websites,* no YouTube e em redes sociais (*Instagram* e *Facebook*).

As condições econômicas da população brasileira tem recebido um incremento nos últimos trinta anos. Com isso em mente, a capacidade de adquirir bens móveis ou imóveis comparado com as décadas anteriores, teve uma substancial melhora.

O veículo automotor é, entre vários outros, um "sonho de consumo" de uma parcela substancial dos brasileiros. Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores[58] (ANFAVEA), entre janeiro de 1990 e maio de 2020, o Brasil produziu 53.736.478 automóveis, um salto de 58.891 em janeiro de 1990 para 162.376 em janeiro de 2020, ou seja, um crescimento na ordem de 175,7% no período analisado.

Dessa forma, e principalmente nas capitais, regiões metropolitanas e cidades com populações superiores a cem

---

[58] Disponível em: http://www.anfavea.com.br/ . Acesso em: 10 jun. 2020.

mil habitantes, a possibilidade de um condutor de automóvel ser vítima de furto[59] ou roubo[60], tornou-se bem maior, considerando ainda a proporção de veículos por habitantes.

O Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública[61] (SINESP), do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), demonstra que no período compreendido entre 2015 e março de 2020, tivemos no Brasil 1.275.984 roubos de veículos nos estados e no Distrito Federal. Isso levou à taxa de 123,26 por cem mil; enquanto nos casos de furtos foram 1.378.767 perfazendo uma taxa de 133,19 por cem mil.

Ainda de acordo com os dados do Sinesp no período supramencionado, 2015-2020, tivemos no país 10.743 roubos com resultado morte (latrocínios[62]), alcançando uma taxa de 1,04 por cem mil. Então, mesmo imaginando que todos os latrocínios foram contra as vítimas que estavam em veículos, ainda assim, a taxa de vitimização pode ser considerada baixa. Reforçamos essa assertiva, partindo da presunção que todos os casos de latrocínios foram no contexto ora pesquisado.

---

[59] Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel: Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa. Código Penal Brasileiro.

[60] Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa. Código Penal Brasileiro.

[61] Disponível em: https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1/bi/dados-seguranca-publica. Acesso em: 10 jun. 2020.

[62] Art. 157. § 3º Se da violência resulta: II – morte, a pena é de reclusão de 20 (vinte) a 30 (trinta) anos, e multa. Código Penal Brasileiro.

Embora não seja o escopo desta pesquisa e não vamos entrar em discussões doutrinárias ou jurisprudenciais, faremos umas pontuações sobre as diferenças entre furto, roubo e latrocínio. Basicamente, embora esses três crimes tenham características iniciais de danos tão somente ao patrimônio da vítima, poderá migrar para uma lesão fatal contra ela (latrocínio).

Sob o ponto de vista do risco iminente à integridade física da vítima, podemos dizer que no crime de furto é bem menor tendo em vista que a característica legal (e primária) é a inexistência de grave ameaça ou violência. Diferentemente do roubo, em que a característica preponderante é a existência da grave ameaça (podendo ser verbal, gestual ou de outro modo) ou o uso de violência física, além da exibição e/ou emprego de objetos, de arma branca, ou ainda arma de fogo (real ou simulacro), a vítima corre imenso risco à sua integridade física. O roubo pode, lamentavelmente para a vítima, terminar com a sua morte, ou seja, configurando a qualificadora prevista no §3º do artigo 157 do Código Penal Brasileiro.

Partirmos então para uma questão-problema: em que medida a vítima de um crime inicialmente com características de roubo, estando no momento da abordagem no interior de um veículo e decidindo reagir armada, tem a sua sobrevivência como resultado do confronto?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançarmos a resposta à questão-problema levantada anteriormente, descreveremos então o caminho metodológico percorrido para que possamos compreender o fenômeno ora estudado. Nesse sentido, fizemos o uso dos seguintes materiais e métodos:

1º Passo - Pesquisamos na *internet,* em particular no YouTube, bem como nas redes sociais (*Instagram, Facebook* e *WhatsApp*), vídeos com cenas/casos ocorridos somente no Brasil em que a vítima independentemente de ser policial, fez o uso de arma de fogo para reagir a uma tentativa de, inicialmente, um crime de roubo;

2º Passo - Criamos uma planilha no *Microsoft Office Excel* com as seguintes variáveis: ano, estado, dia da semana, horário, corporação da vítima, gênero da vítima, posição da vítima no carro quando foi abordada, empunhadura na arma no primeiro disparo; direção dos primeiros disparos; presença de passageiros; consequência à integridade física, quantidade de criminosos, gênero dos criminosos, arma utilizada pelos criminosos; consequência para os criminosos da reação da vítima, meio em que os criminosos se aproximarem da vítima, lado que se aproximaram e que exibiram a arma; local onde o carro estava estacionado, por fim o endereço eletrônico da fonte do vídeo (ou reportagem).

3º Passo – Produzir os gráficos e realizar as análises do que conseguimos visualizar nas imagens e ângulos disponíveis das câmeras.

Desse modo, o que apresentaremos a seguir é o resultado da análise de **58** (cinquenta e oito) vídeos, portanto,

doze a mais do que a edição anterior, publicadas no período anteriormente mencionado. O critério de inclusão para a pesquisa foi que a vítima estivesse inicialmente no interior de um carro no momento da abordagem e reagiu usando arma de fogo. Nos casos envolvendo policiais, estavam todos fora de serviço. Os critérios usados para a exclusão no casos envolvendo policiais, foram: **1]** estar em serviço numa viatura oficial caracterizada ou descaracterizada, e **2]** ter reagido desarmada ou fugindo a pé ou no próprio carro.

Antecipadamente informamos que alguns vídeos não possuíam sons e nitidez suficientes para que pudéssemos encontrar algumas variáveis estabelecidas, bem como informações de horário e/ou data. Razões essas que inviabilizaram o preenchimento de todas as informações estabelecidas para a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

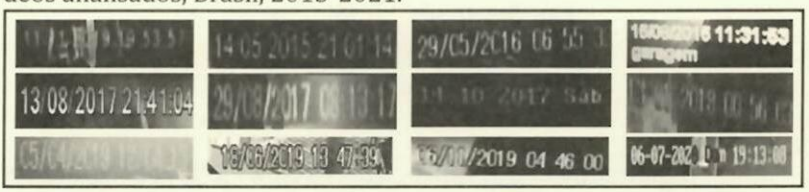
3.1 Quanto ao ano

Dos **58** (cinquenta e oito) vídeos, em **42** (quarenta e dois) deles foi possível encontrar informações que constavam a data completa, por conseguinte o ano, bem como dia e horário como se verifica nos exemplos no quadro abaixo.

Em 2021, tivemos acesso a dois casos/vídeos enquanto atualizávamos a 2ª edição. Um deles aconteceu em

22 de janeiro na cidade de Porto Alegre-RS, com um brigadiano[63] que reagiu e neutralizou os dois criminosos e o outro no dia 02 de fevereiro numa cidade que não conseguimos localizar o estado do país, onde um homem foi abordado quando estacionava em frente a uma residência, desembarcou e efetuou disparos contra os dois criminosos.

Figura 1 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a visualização da data e horário constantes nos vídeos analisados, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Desse modo, localizamos com exatidão **42** (quarenta e dois) vídeos que constavam o ano do caso, porém, nos *Websites*, redes sociais e YouTube, em alguns deles, embora pudéssemos constatar a data em que foi publicado, não tivemos confirmação se essa correspondia a do ocorrido. Com esta dúvida em mente, preferimos utilizar a expressão 'Não Visualizado' para registrar esse dado ou ainda a inexistência por completo dele.

---

[63] Refere-se há como são conhecidos os policiais militares do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o ano, Brasil, 2013-2021.

Ano	Vítimas	%
2013	1	1,7
2015	5	8,6
2016	3	5,2
2017	3	5,2
2018	9	15,5
2019	10	17,2
2020	9	15,5
2021	2	3,4
Não Visualizado	16	27,6
TOTAL	**58**	**100**

Fonte: Os autores.

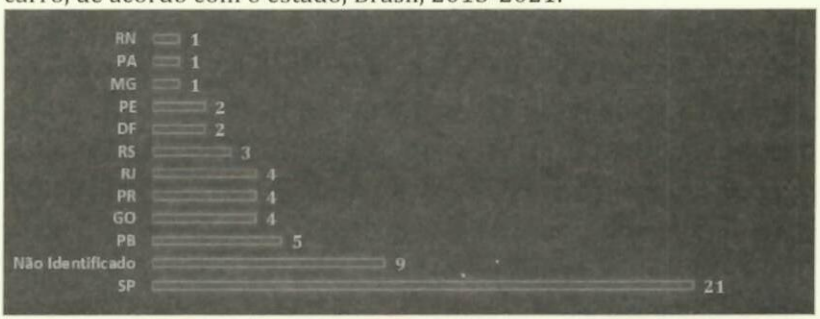
Verificamos portanto, que (16) 27,6% das imagens não foi possível localizar a informação no tocante ao ano em que ocorreu. Em (10) 17,2% ocorreram no ano de 2019 e em 2018 e 2020 foram (9) 15,5% respectivamente. Os anos de 2013, 2015, 2016 e 2017 respectivamente somados, alcançaram (12) 20,7%.

Deixaremos de especular ou estimar no tocante ao fato de um ano ter tido mais ou menos registros, pois entendemos que vários fatores influenciam para isso. Não implica dizer, portanto, que um ano foi mais violento ou mais calmo do que outro. Apenas dos vídeos que conseguimos os registros dessa informação, nos trouxeram esse cenário.

3.2 Quanto ao estado

Da mesma forma que nas observações anteriores, não foi possível determinar o estado da federação onde ocorreram todos os casos. Ainda recorremos aos portais de notícias e grupos de redes sociais, compartilhando o vídeo e perguntando se alguém sabia em qual estado ocorrera, mas, mesmo assim, não foi possível localizar todos os dados. Como se mostrará a seguir, em dez deles não foi possível encontrar essa informação.

Gráfico 2 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o estado, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Assim, foi possível localizar imagens/casos em 10 (dez) estados e do Distrito Federal, perfazendo 46% do país. Os que não conseguimos identificar o estado onde ocorreu o fato representou (10) 17,2%, seguido de São Paulo com (2') 36,2%, da Paraíba com (5) 8,6%, Goiás, Paraná e Rio de Janeiro com (4) 7% cada um deles respectivamente.

De igual modo a análise do item anterior, não inferimos métricas para definir o estado onde é mais ou menos

'perigoso' no tocante à (tentativas) roubos de carros, pois precisaríamos de outros fatores nessa equação o que não é o escopo deste estudo.

3.3 Quanto ao gênero da vítima

Procuramos investigar o gênero da vítima que reagiu usando a arma de fogo quando estava no interior de um carro, independentemente da posição em que se encontrava no interior dele, ou seja, na condição de motorista ou passageiro no banco dianteiro ou traseiro.

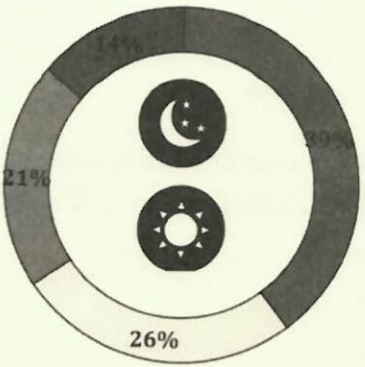
Encontramos em **54** (cinquenta e quatro) dos vídeos/casos, a vítima que fez a reação armada era masculino representando **93%** da amostragem e **4** (quatro) eram femininas totalizando **7%**. Podemos inferir que, em geral, mesmo sendo um casal de policiais, é mais comum e típico que o homem esteja na condição de motorista e com isso em mente, torna-se o alvo primário dos criminosos, justificando desse modo, a diferença substancial encontrada entre os gêneros das vítimas.

3.4 Quanto ao horário

Prosseguindo no detalhamento e análise das variáveis elencadas, buscamos também compreender os horários (turnos) em que tivemos as maiores ou menores incidências.

Dividimos o dia de 24 horas em quatro turnos da forma seguinte: 1] manhã (06h01min às 12h00min); 2] tarde (12h01min às 18h00min); 3] noite (18h01min às 00h00min); e 4] madrugada (00h01min às 06h00min).

Gráfico 3 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o horário, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

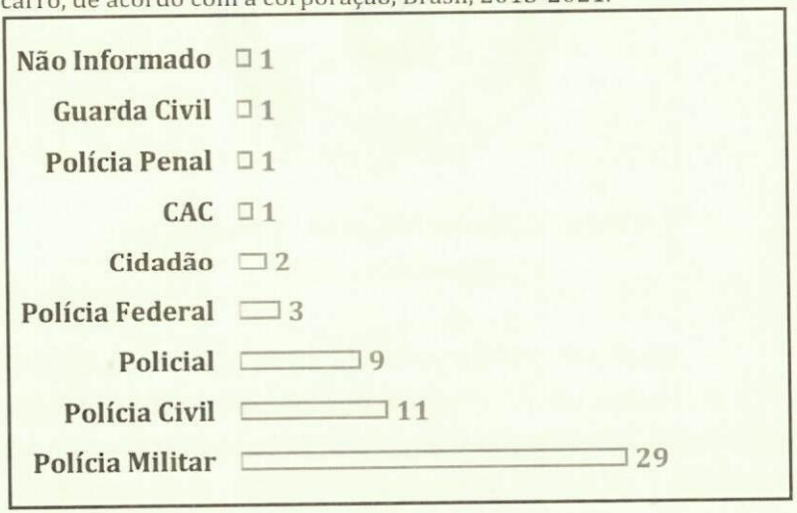
De modo que no turno da noite identificamos 39% (23) dos casos, enquanto pela manhã foram 26% (15), seguido pelo período matutino com 21% (12) e madrugada com 14% (8). Assim, podemos dizer que, mesmo considerando as peculiaridades geográficas do Brasil, os eventos aconteceram em sua maioria sob baixa luminosidade solar (64%).

Destacamos que em alguns desses vídeos, os faróis do carro estavam ligados e com isso propiciaram ampla visibilidade dos movimentos dos criminosos à vítima que estava no seu interior. Acrescentando ainda a própria iluminação da via pública.

3.5 Quanto à corporação da vítima

Em alguns vídeos, complementados com consulta aos portais de notícias e redes sociais, foi possível identificar se a vítima pertencia a alguma Corporação policial ou era um cidadão 'comum.'

Gráfico 3 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a corporação, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

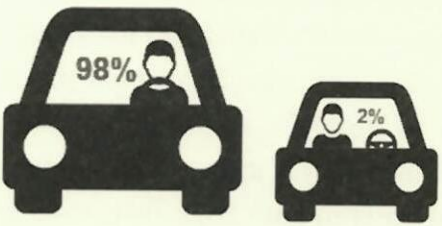
Então verificamos que da amostragem catalogada, 29 (50%) delas eram policiais militares, 11 (19%) eram policiais civis e 9 (15,5%) a reportagem que continha o vídeo narrava como sendo um 'policial' sem, no entanto, especificar de qual das corporações policiais pertencia a vítima, empregando apenas a expressão genérica. É oportuno compreender que nos casos envolvendo policiais fora de serviço, é natural que estejam portando a arma de fogo particular ou

institucional, aumentando desse modo, as chances de confronto com os criminosos. As demais corporações somadas ao colecionadores-atiradores-caçadores (CACs) e cidadão, chagaram a 8 (13,8%) e, apenas um caso, não foi possível localizar essa informação.

3.6 Quanto à posição da vítima no interior do carro

Enxergamos também a posição onde a vítima estava no interior do veículo no momento inicial da abordagem por parte do(s) criminoso(s). Constituindo esta, a condição para a inclusão no perfil da pesquisa, ou seja, que a vítima estivesse no interior do veículo quando decidiu reagir fazendo uso da arma de fogo, embora em alguns casos como será visto em seguida, ela tenha desembarcado antes de efetuar os disparos.

Figura 2 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a posição, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Em 98% (57) dos casos, a vítima que reagiu armada estava no banco dianteiro esquerdo, ou seja, na posição do motorista, em um caso (2%) estava no banco dianteiro direito (passageiro). Esses percentuais podem ser encarados como previsíveis tendo em vista que, comumente, o intuito

do criminoso, pelo menos inicialmente, é roubar o veículo e, para isso, a forma mais rápida é retirar o motorista do seu interior.

3.7 Quanto à condição que a vítima estava em relação ao carro no momento do primeiro disparo

Nem todas as vítimas que estavam embarcadas no momento da abordagem do(s) criminoso(s), efetuaram os primeiros disparos ainda nessa posição. De modo que 71% (41), portanto a maioria, de fato reagiu ainda embarcado e na posição (motorista ou passageiro) que se encontrava. Outros 22% (13) desembarcaram do veículo antes de efetuarem a reação armada, e 7% (4) não foi possível visualizar essa informação.

Um dos casos não visualizados, a vítima entrou na garagem de sua residência de marcha à ré, ou seja, com a frente do veículo (caminhoneta) voltada para a rua e, fora do ângulo da câmera. Fez a reação armada, não sendo visível se foram feitos os disparos ainda embarcado (pelo para-brisa), ou se desembarcou e disparou. No outro caso não visualizado, o fato ocorreu num cruzamento e o ângulo da câmera mostra apenas parte do capô e faróis do carro da vítima não sendo possível determinar, portanto, se os disparos foram efetuados com a vítima embarcada ou não.

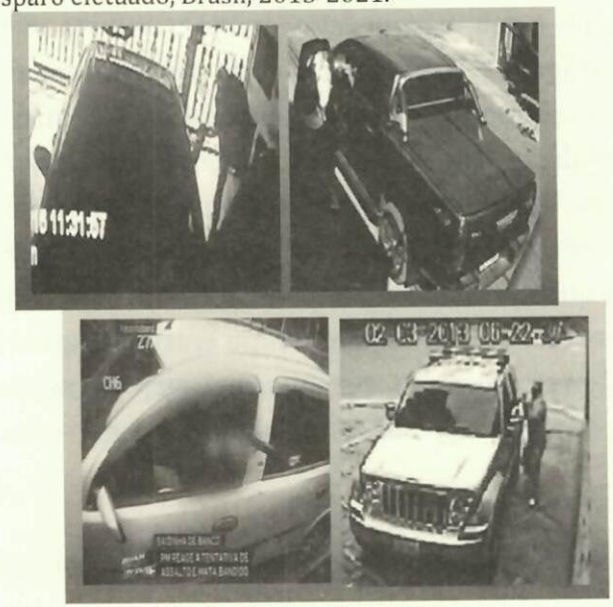
Outra variável que investigamos foi quanto ao uso do cinto de segurança no momento em que a vítima estava na posição do motorista e efetuou os primeiros disparos

ainda embarcada. Nessa esteira encontramos 41 (quarenta e um) vídeos com esse perfil. Desses, em 22 (54%) a vítima estava com o seu veículo estacionado numa via pública ou numa garagem e não usava o cinto de segurança no momento dos primeiros disparos, outros 15 (36%) não foi possível visualizar o interior do veículo tendo em vista o ângulo da câmera, bem como em todos eles os vidros possuírem película, porém é possível afirmar com grande margem de segurança que vários deles também estavam sem o cinto, levando em conta o curtíssimo tempo entre o disparo e o ato de sair do veículo para fazer uma checagem do perímetro e, por fim, 4 (10%) estavam estacionados e com o cinto afivelado.

3.8 Quanto à empunhadura na arma de fogo da vítima no primeiro disparo

Podemos dizer que, pela experiência dos autores, além de serem policiais militares, também ministram ou ministraram aulas de tiro em cursos de formação ou capacitação, que a recomendação predominante é no sentido de utilizar a empunhadura dupla quando houver a necessidade efetiva do disparo ou ainda numa atividade de busca em edificação ou segurança durante as abordagens rotineiras da polícia ostensiva.

Figura 3 - Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a empunhadura utilizada na arma de fogo no primeiro disparo efetuado, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Acervo dos autores.

Temos portanto, duas modalidades de empunhadura: a simples e a dupla. Ambas são empregadas em revólveres ou pistolas. A empunhadura simples é aquela em que o atirador segura a arma com apenas uma das mãos (a mão forte predominantemente), enquanto na empunhadura dupla a arma é segurada com ambas as mãos no intuito de propiciar mais estabilidade no tiro e diminuir o efeito do recuo inerente a todo e qualquer disparo com arma de fogo.

Dos vídeos que conseguimos visualizar o tipo de empunhadura, a dupla foi empregada em 26% (15), enquanto 31% (18) foi a simples. Nos demais 43% (25) dos

casos, o ângulo da câmera não permitiu essa visualização ou o disparo foi efetuado a partir do interior do veículo com os vidros fechados e com película escura, o que, nesses cenários, inviabilizam completamente quaisquer visualizações nesse sentido.

Carecemos de outra pesquisa para identificar os motivos que levaram as vítimas a optarem predominantemente pela empunhadura simples, tendo em vista como colocado anteriormente, que nos cursos ou aulas de tiro a orientação predominante é pelo uso da empunhadura dupla.

3.9 Quanto ao momento da reação da vítima

Pedimos ao leitor que leia a descrição e o detalhamento do que estamos chamando, neste capítulo, de Momento da reação da vítima, para que não sejamos redundantes na explicação.

Aqui vamos expor apenas os achados de pesquisa relacionando-os com o contexto ora analisado, ou seja, a vítima estando no interior do carro, inicialmente, quando foi abordada pelo criminoso.

Desse modo, o leitor pode fazer as comparações e reflexões que entender pertinente nos contextos em que as vítimas decidiram reagir, de acordo com o Momento e o resultado à integridade física dela.

Tabela 2 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o ano, Brasil, 2013-2021.

Momento/Consequência	Ferido	%	Ileso	%	Total	%
Momento 1	0	0	1	2,0	1	**1,7**
Momento 2	0	0	7	13,7	7	**12,1**
Momento 3	7	100	43	84,3	50	**86,2**
Total	**7**	**100**	**51**	**100**	**58**	**100**

Fonte: Os autores.

Constatamos que na amostragem, mesmo o Momento 3 sendo o mais perigoso para uma reação por parte da vítima, como falamos, no capítulo 4 estarão detalhados cada um deles, ainda assim, no caso de carros, elas obtiveram sucesso pleno, ou seja, sobreviveram em todos os vídeos/casos analisados.

Assim, das vítimas que saíram feridas, todas (7) foram quando decidiram reagir no Momento 3. Ao passo que, ainda no mesmo Momento, 84,3% (43) saíram ilesas. Esses percentuais podem ter sofrido influência de, por exemplo, as armas dos criminosos serem simulacros, ou ainda uma pane nos casos de armas reais ou mesmo o disparo efetuado que não acertou a vítima.

3.10 Quanto ao resultado à integridade física da vítima

Várias entrevistas e reportagens inclusive com policiais, orientam no sentido de a vítima nunca reagir diante de um roubo, pois a vantagem sempre será do criminoso que já se encontra com a arma em mãos (de fogo, branca ou outra), não restando outra opção para ela senão a conduta passiva de submissão completa à investida criminosa.

O que constatamos neste estudo em que as vítimas reagiram ao crime com características iniciais de roubo, usando arma de fogo, é que a reação, sob a nossa ótica de sobrevivência da vítima, obteve sucesso em todos os casos. Assim, em 88% (51) dos casos a vítima saiu ilesa do confronto, independentemente de qualquer outra variável analisada e, 12% (7), saíram com ferimentos superficiais provocados por estilhaços dos vidros do carro (maioria) ou por ter sido atingida diretamente por tiros disparados pelos criminosos. Desse modo, respondemos à questão-problema motivadora da inquietude dos autores. Portanto, nos casos ora analisados, o sucesso da vítima que reagiu armada foi pleno.

3.11 Quanto à presença de passageiro no interior do carro

Investigamos também a existência de outras pessoas (passageiros) no interior do carro, principalmente no momento dos disparos por parte da vítima. Imaginamos que a presença de um ente querido (esposa, filhos, parentes), pode inibir principalmente os policiais a realizarem a reação armada, pensando no 'efeito colateral' de uma ação do criminoso que, durante o confronto, pode ocasionar um ferimento grave ou ainda a morte desse ente querido.

Constatamos que, em 36 casos (62%), a vítima estava sozinha no interior do veículo quando foi abordada e efetuou os disparos de arma de fogo para reagir ao crime em andamento. Em 18 casos (31%), observamos a presença de um ou mais passageiros, e em 4 casos (7%) não foi possível visualizar o interior do veículo, considerando as mesmas

justificativas anteriormente mencionadas no item sobre a empunhadura da arma de fogo utilizada para o primeiro disparo.

Nesse ponto, destacamos que, ao contrário do que imaginávamos antes de iniciarmos a coleta e sistematização dos vídeos e das variáveis de análise, a presença de um ou mais entes queridos não afetou a decisão de reagir armada por parte da vítima, majoritariamente composta por policiais. Também esclarecemos que, entre as dezenas de vídeos encontrados, mas alguns não incluídos na análise por estarem fora do perfil anteriormente estabelecido, localizamos um caso em que um policial militar (no caso específico do estado de São Paulo) não reagiu devido à presença do filho, no momento em que ele calibrava o pneu dianteiro esquerdo do seu veículo. Ele teve sua vida ceifada por não ter reagido, mesmo estando armado.

3.12 Quanto à quantidade de criminosos

Verificamos também a quantidade de criminosos visíveis nas imagens catalogadas. É importante de antemão destacarmos que, provavelmente, nos casos em que o criminoso estava sozinho, haveria a presença de um ou mais comparsas que não estavam no ângulo em que a câmera captou as imagens.

Figura 4 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a quantidade de criminosos visíveis nas imagens, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Como podemos constatar na figura acima, 76% essa modalidade de crime foi praticada com a presença de mais de um criminoso na cena. Isso, de imediato, nos autoriza a afirmar que a vítima deve estar ciente e orientada para o fato de ter que enfrentar mais de um alvo, ou seja, o criminoso que faz a abordagem e o(s) que faz(em) a segurança na cena criminosa.

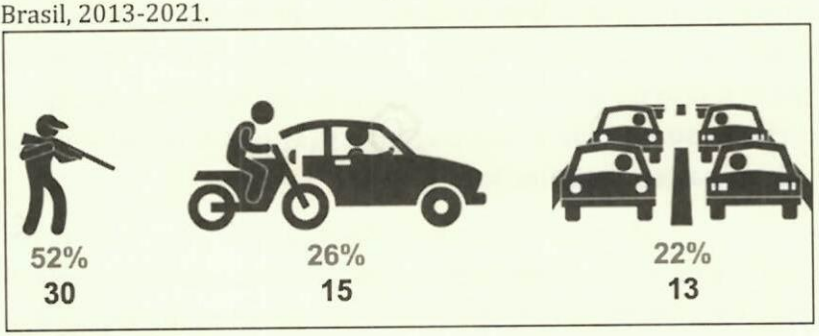
Merece destaque o fato que embora nos 44 (quarenta e quatro) vídeos com a presença de mais de um criminoso nas imagens das câmeras, ao acontecer o primeiro disparo por parte da vítima, em 36 (82%) deles, o(s) comparsa(s) fugiu(ram) sem efetuar disparos. Não foi possível, no entanto, identificar se todos esses comparsas estavam armados.

3.13 Quanto ao meio de aproximação da vítima usado pelo criminoso

Observamos de igual modo, o meio que o(s) criminoso(s) utilizou(aram) para a aproximação da vítima considerando que essa está no carro, em geral, estacionada ou parada no momento do anúncio do roubo e pode usar de uma manobra evasiva para lograr êxito na fuga.

Usamos para esta variável a padronização no sentido de identificar até dez metros aproximadamente entre a posição da vítima (carro) e como o criminoso chegou até ela. Esclarecemos que, fora do ângulo da câmera, o criminoso pode até ter utilizado de outro meio diferente dos que serão apresentados a seguir, porém contabilizamos para esse fim, a distância acima referida.

Figura 5 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com a forma de aproximação utilizada pelo criminoso, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

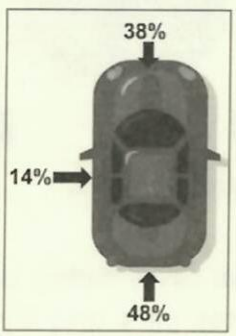
Em 52% (30) dos casos, os criminosos se aproximaram da vítima a pé, noutros 26% (15) fizeram isso numa motocicleta e em 22% (13) noutro carro. Tendo em vista

que as vítimas encontravam-se na maioria dos casos na via pública como será detalhada mais adiante, parada ou estacionada, a aproximação a pé mostrou-se plenamente exequível, pois em alguns casos (estacionadas) a presença de carros à frente e à retaguarda da vítima, impediam qualquer manobra evasiva de forma rápida.

3.14 Quanto ao lado de aproximação do carro e exibição da arma pelo criminoso

Focalizamos também o lado por onde o criminoso que se encarregou de abordar a vítima fez a aproximação, bem como para a exibição da arma utilizada para a ameaça. Em 48% (28) essa aproximação aconteceu pela parte traseira do carro, 38% (22) pela parte frontal (capô e faróis), e 14% (8) pela lateral (esquerda na maioria, direita ou ambas).

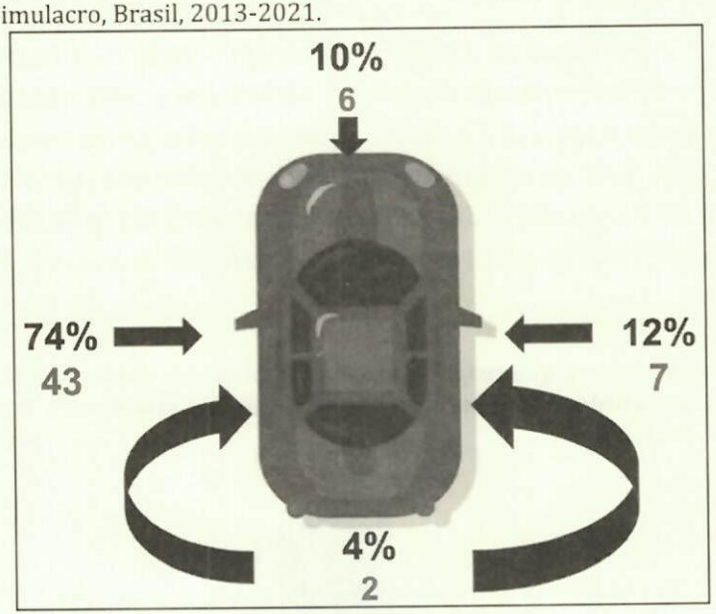
Figura 6 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o lado de aproximação dos criminosos, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

No tocante ao lado onde foi preferido pelo(s) criminoso(s) para mostrar(em) a(s) arma(s) e ameaçar(em) a vítima, encontramos que em 74% (43) foi o lado do motorista (esquerdo), seguido de 12% (7) do lado do passageiro (direito), 10% (6) na parte frontal (capô/faróis), e 4% (2) fizeram essa ação em ambas as laterais.

Figura 7 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o lado onde o criminoso exibiu a arma de fogo real ou simulacro, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Podemos, com esses dados, sugerir um direcionamento de treinamentos para esse tipo de cenário, sendo portanto recomendado que a maior parte deles sejam realizados com o discente na posição do motorista efetuando disparos para a esquerda (aproximadamente 80% da carga-

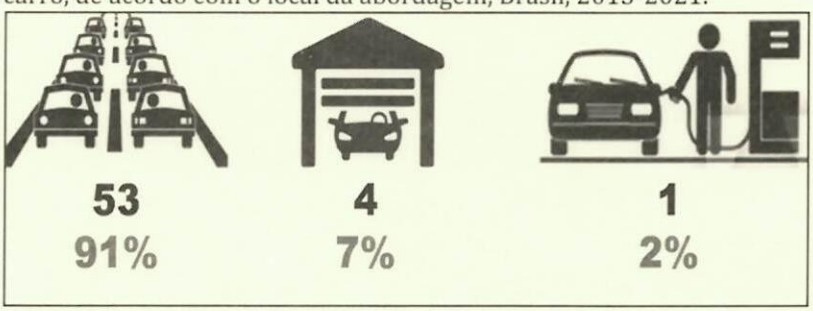
horária ou disparos), e outras partes em menor número para frente (na direção do para-brisa) e para a lateral direita (lado do passageiro do banco dianteiro direito).

3.14 Quanto ao local do crime

De imediato esclarecemos que não encontramos nenhuma imagem/caso que tenha ocorrido em condomínios ou estacionamentos com controle de acesso neste estudo.

A via pública (rua, avenida ou cruzamento), foi o local onde teve a maior incidência nas reações armadas estando a vítima inicialmente no interior de carro com 91% (53) dos casos, seguido de 7% (4) quando estavam estacionados numa garagem e 2% (1) abastecendo em posto de combustíveis.

Figura 8 – Vítima que reagiu armada à tentativa de roubo estando no carro, de acordo com o local da abordagem, Brasil, 2013-2021.



Fonte: Os autores.

Nessa esteira, podemos dizer que os ambientes abertos se mostraram com a maior incidência, de acordo com a amostragem que conseguimos catalogar, sistematizar

e analisar. Entendemos oportuno afirmar que, embora tenhamos encontrado dois casos em que a vítima estava no interior de uma garagem, presumindo serem as respectivas residências, alguns casos que catalogamos como ocorridos na 'via pública' tiveram, na verdade, o confronto no momento em que a vítima estava manobrando para entrar ou sair da garagem.

Por fim, é necessário dizer que o carro oferece uma relativa proteção natural às vítimas que se encontram no seu interior. Analisando as imagens, constatamos que o fator 'velocidade' no disparo não se mostra como o mais importante ou decisivo à sobrevivência. A vítima, diferente de um cenário onde esteja a pé ou numa moto, disporá de mais tempo ainda que sejam poucos segundos, para tomar a decisão de qual o momento mais adequado para a reação e em alguns casos (vidro com película escura e fechado), a não visualização do interior por parte do criminoso, aumenta sobremaneira esse tempo a favor da vítima.

ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO NUMA MOTO

Policial Militar reage a assalto e alveja um homem na Zona Norte de Aracaju [64]
Atualizado em 31/10/2018 22:22

Na manhã desta terça-feira, 30, uma policial militar foi vítima de tentativa de assalto na Avenida Visconde de Maracaju, na zona norte da capital. Na ocasião, ela reagiu, e conseguiu alvejar um dos criminosos.

A vítima se deslocava para o local de trabalho em uma motocicleta, quando percebeu a aproximação de dois homens suspeitos. Neste momento, um deles apontou uma arma de fogo em direção à policial, que para se defender, também sacou a sua arma, anunciando voz de prisão. O suspeito tentou fugir, disparando contra a vítima, que para revidar a injusta agressão, atirou e atingiu um dos homens. O outro acusado foi preso por uma guarnição que passava pelo local.

A dupla identificada como Breno Álvaro de Jesus Souza, de 20 anos, e Ramon Nunes dos Santos, de 18 anos, foi encaminhada ao Hospital Nestor Piva.

O caso foi encaminhado à Delegacia Plantonista Norte para a adoção das medidas cabíveis.

---

[64] Disponível em: http://nenoticias.com.br/110675_policial-militar-reage-a-assalto-e-alveja-um-homem-na-zona-norte-de-aracaju.html. Acesso em: 16 nov. 2018

1 CENÁRIO

Constatamos de acordo com os dados apresentados no Capítulo 1, que a moto foi o terceiro 'lugar', vamos assim considerar, onde os policiais sofreram mais as consequências da violência urbana no período pesquisado. Por essa razão, as reportagens nos forneceram determinados quantitativos, porém não nos trouxeram detalhamento do COMO ocorreram esses (des) encontros entre as vítimas e os seus algozes.

Em busca de encontrar minimamente a resposta para essa inquietude, decidimos catalogar, sistematizar e analisar o máximo de vídeos (imagens) que pudéssemos conseguir exibindo casos somente de roubos em que a vítima estivesse numa motocicleta, ocorridos no Brasil. Assim, utilizamos para a construção deste capítulo, a análise de 69 (sessenta e nove) casos ocorridos, como dito antes, tão somente no Brasil, capturados do YouTube e em redes sociais (*Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*).

No Brasil, foram produzidas nos anos de 2017, 2018 e 2019, um total de 2.856.976 (dois milhões, oitocentos e cinquenta e seis mil, novecentos e setenta e seis) motocicletas, segundo dados da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares[65] (ABRACICLO). No período mencionado, tivemos então um crescimento de aproximadamente 33,2%. Com mais motocicletas circulando nas ruas, também aumentam as chances de acontecer um ou mais desses três

---

[65] Disponível em: https://www.abraciclo.com.br/dados-do-setor/38-motocicleta/78-produca . Acesso em: 20 jun. 2020.

acontecimentos tristes (ou revoltantes) para as vítimas: o acidente, o furto ou o roubo.

No estado da Paraíba, de acordo com o Anuário da Segurança Pública – 2019[66], das Subtrações Ilegais de Veículos Automotores (SIVA), 64% foram de motos (48% roubo e 16% furto), enquanto 36% foram de carros (28% roubo e 8% furto).

Como o objeto do nosso estudo/livro é o crime violento, nesse caso vamos nos concentrar no perfil do crime de roubo para as análises feitas e que serão apresentadas a seguir. Nesse caminho de discussão, entendemos que as palavras do professor Erivaldo Costa Vieira, do Núcleo de Pesquisa da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), quando pesquisou os dados apenas do estado de São Paulo, são adequadas ao nosso objetivo. Ou seja, "podemos dizer que a principal fabricante de motocicletas do país tem como segundo concorrente o crime, porque o volume movimentado é gigantesco."

> **Criminosos levam 4 motos por hora no Estado de São Paulo[67]**
> 25 de março de 2019
> Criminosos levaram das ruas e de imóveis do estado de São Paulo total de 35.720 motos no ano passado. É como se a cada hora quatro motociclistas fossem roubados ou

[66] Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-seguranca-e-defesa-social/arquivos/Anuario_Seguranca_Publica_2019_.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

[67] Disponível em: http://radioimprensa.com.br/criminosos-levam-4-motos-por-hora-no-estado-de-sao-paulo/. Acesso em: 20 jun. 2020.

> furtados. Os dados foram levantados pelo Núcleo de Pesquisa Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) com base nos boletins de ocorrência registrados pela SSP (Secretaria da Segurança Pública) no Portal Transparência.
>
> As estatísticas consolidadas pela secretaria mensalmente se referem aos veículos roubados e furtados de forma geral. Para chegar ao total de 35,7 mil motos, os pesquisadores analisaram 319 mil boletins de ocorrência. Se comparados aos dados totais da SSP, de 157 mil, as motos representaram um em cada quatro veículos alvos dos bandidos ano passado.
>
> "Podemos dizer que a principal fabricante de motocicletas do país tem como segundo concorrente o crime, porque o volume movimentado é gigantesco. É uma cadeia que envolve centenas de pessoas no roubo, distribuição e venda de peças, não é um crime qualquer", disse o professor de economia e coordenador do núcleo da Fecap, Erivaldo Costa Vieira.
>
> Do total de casos envolvendo motos, 18.553 são furtos e 17.167, roubos. Em relação a 2017, o número de furtos caiu 5% e o de roubos, subiu 6%. "É interessante analisarmos como os roubos caem menos para as motos do que em relação à frota total, que teve redução de 13%", afirma o professor.

O Relatório da Pesquisa de Vitimização em São Paulo - 2018[68], produzido pelo Centro de Políticas Públicas do INSPER, realizando entrevistas com três mil domicílios da cidade de São Paulo entre março e maio daquele ano,

---

[68] Disponível em: https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Relatorio-Pesquisa-Vitimizacao-SP-2018.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

mostrou que a taxa de vitimização[69] de roubo de automóvel ou moto foi de 2,5%. Desses, 86,7% chamaram a polícia. Os que se dirigiram às delegacias foram 73,3% e 80% fizeram o devido registro criminal. Dos que não registraram o fato na polícia (33,3%), entenderam que o valor era considerado baixo ou sem importância. Dos entrevistados, 40,3% possuíam carro ou moto e desses, 53% também possuíam o seguro do bem.

Com esses dados em mente, podemos expandir o raciocínio e a projeção para as demais capitais, regiões metropolitanas, bem como as cidades de menor número populacional, porém que concentram grandes números de usuários desse meio de transporte.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para melhor compreender o modus operandi dos criminosos que têm como alvo os motociclistas, recorremos ao uso das imagens (vídeos) publicadas em fontes abertas e de livre acesso ao público. Seguimos os passos descritos abaixo para chegar à resposta à nossa inquietude de pesquisa.

1º Passo: Pesquisamos na *internet,* em particular no YouTube, bem como nas redes sociais (*Instagram, Face-*

[69]É a proporção de entrevistados que sofreu o crime no período de 1 ano antes da entrevista. Amostra de pessoas com 16 ou mais anos de idade e que possuíam veículos (carro ou moto) para o cálculo das taxas de vitimização, e de pessoas com 16 anos ou mais e que sofreram roubo de veículos para os demais cálculos.

book e *WhatsApp*), vídeos de cenas/casos ocorridos somente no Brasil, em que a vítima, independentemente de ser policial, estava em deslocamento, parada ou ao lado de uma motocicleta e foi roubada (ou tentaram);

2º Passo: Criamos uma planilha no *Microsoft Office Excel* com as seguintes variáveis: data, horário, dia da semana, gênero da(s) vítima(s), local do roubo, o uso de capacete pela vítima e/ou criminoso, reação da vítima, desembarque da vítima (no caso de estar embarcada), consequência à integridade física da vítima e do criminoso, arma do criminoso, meio utilizado e lado da aproximação e exibição da arma de fogo, objeto/moto roubada, realização de busca pessoal na vítima e disparos efetuados pelo criminoso;

3º Passo: Com as imagens catalogadas e sistematizadas, construímos os gráficos para as análises que veremos a seguir.

Desse modo, o que apresentaremos a seguir é o resultado da análise de **69** (sessenta e nove) vídeos publicados no período entre 2013 e dezembro de 2020.

O critério que usamos para incluir na pesquisa foi que a(s) vítima(s) estivesse(m) numa motocicleta em movimento(embarcada), parada(embarcada) ou ao lado(desembarcada).

Suprimimos o *status* da vítima, ou seja, se era policial, atirador/possuidor de porte de arma ou população em geral, tendo em vista que em vários vídeos (quase a totalidade) esta informação ficou prejudicada pela ausência do áudio. As informações não localizadas ocorreram em vir-

tude da falta de nitidez ou ausência total, em algumas imagens, o que prejudicou o preenchimento de todas as variáveis elencadas para a análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Quanto ao ano

Como dito anteriormente, alguns vídeos não constavam algumas informações, isso foi ocasionado pelo fato do áudio ou ainda a ausência de exibição da data completa (dia, mês e ano) e/ou horário.

Tabela 1 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com o ano do ocorrido, Brasil, 2013-20.

Ano	Vítimas	%
2013	1	1,4
2015	1	1,4
2016	4	5,8
2017	7	10,1
2018	11	15,9
2019	4	5,8
2020	13	18,8
Não Visualizado	28	40,6
TOTAL	**69**	**100**

Fonte: Os autores.

No tocante ao ano do fato, dos que possuíam na tela essa informação, verificamos que ocorreram entre os anos de 2013 até 05 de dezembro de 2020. De modo que, em 28

(40,6%) deles, não conseguimos o dado quanto ao ano. Seguido do ano de 2020 com 13 (18,8%), 2018 com 11 (15,9%), 2017 com 7 (10,1%) e, com 4 casos para cada ano respectivamente, 2016 e 2019, representando 5,8% do total dos casos.

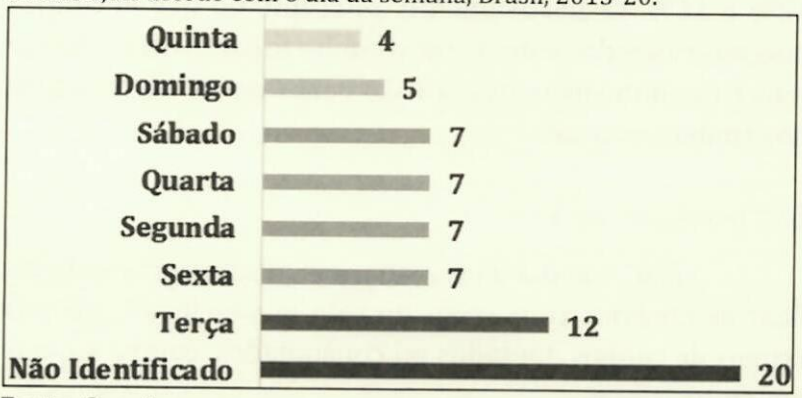
Esses dados de algum modo reforçam os achados do professor Erivaldo Costa Vieira, do Núcleo de Pesquisa da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), quando realizou uma pesquisa no estado de São Paulo e mostrou que o ano de 2018 teve um aumento de 6% no número de roubos de motocicletas quando comparado a 2017.

Similar ao que afirmamos no tocante às vítimas que reagiram armadas nos cenários de roubos à veículos, deixaremos de especular se um ano foi mais violento ou menos violento do que outros, tendo em vista que não tivemos acesso aos dados de roubo apenas de motocicletas no País, considerando o período aqui demonstrado.

3.2 Quanto ao dia da semana

Conforme as explicações anteriores, em alguns casos também não foi possível determinar o dia da semana em que ocorreu o crime de roubo, consumado ou tentado, no instante em que a vítima estava numa motocicleta.

Gráfico 1 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com o dia da semana, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Os vídeos em que não constavam as informações completas de dia, mês e ano, por conseguinte inviabiliza a identificação do dia da semana. De modo que, em 20 (29%) casos, essa informação não foi possível se localizada. A terça-feira com 12 (17,4%) foi o segundo dia com mais recorrências, seguido da sexta-feira, segunda-feira, quarta-feira e sábado com 7 (10,1%), respectivamente para cada um desses dias, com mais eventos registrados.

A seguradora Ituran[70] mostrou que na cidade de São Paulo no período entre janeiro e junho de 2014, os dias da semana com maior incidência de roubo e furto de motos foram o sábado e o domingo (17%). Quarta-feira e quinta-feira representaram cerca de 15% dos registros, enquanto

[70]Disponível em: https://www.noticiasautomotivas.com.br/motos-mais-roubadas-em-sao-paulo/#:~:text=Quarta%2Dfeira%20e%20quinta%2Dfeira,11%25%20dos%20roubos%20no%20total. Acesso em: 20 jun. 2020.

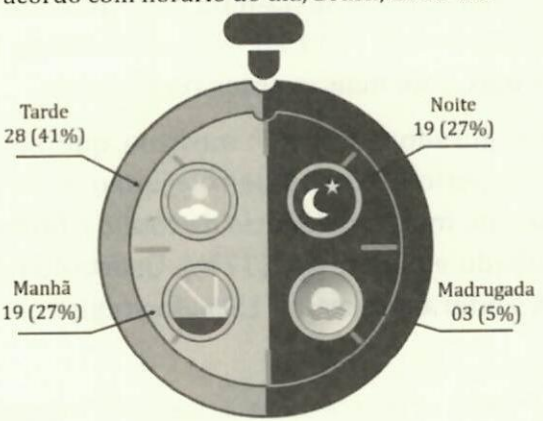
terça-feira, segunda-feira e sexta-feira aparecem com 13%, 12% e 11%, respectivamente. Diferente do que encontramos nos casos dos vídeos, a sexta-feira foi o dia com o menor índice de roubo de motos em São Paulo, em 2014, com 11% dos roubos no total.

3.3 Quanto ao horário

Aliado ao dia da semana, pesquisamos para identificar os horários com maior ou com menor incidência nos crimes de roubos, tentados ou consumados, contra vítimas em motocicletas.

Dividimos o dia de 24 horas em quatro turnos da forma seguinte: 1] manhã (06h01min às 12h00min); 2] tarde (12h01min às 18h00min); 3] noite (18h01min às 00h00min); e 4] madrugada (00h01min às 06h00min).

Gráfico 2 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com horário do dia, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

De modo que no turno da tarde foram 41% (28), seguido do turno da noite com 28% (19), pela manhã 27% (19) dos casos, e madrugada com 4% (3). É necessário dizer que essas informações foram extraídas dos relógios que aparecem nos cantos dos vídeos (superior/inferior, direito/esquerdo) e em alguns casos, mesmo não exibindo o horário completo, deduzimos o turno conforme a luz solar apresentada nas imagens.

O professor Erivaldo Costa Vieira[71], da Fecap, quando analisou os horários de maior incidência de roubos de motos no estado de São Paulo, em 2018, constatou que, 50,70% ocorreram no período noturno e 17,96% na madrugada. Ou seja, de cada 100 motos roubadas quase 70 delas foram levadas no período noturno.

3.4 Quanto ao gênero da vítima

Os 69 (sessenta e nove) vídeos analisados, nos trouxeram o total de 82 (oitenta e dois) vítimas, divididas em três categorias: 1] homens, 2] mulheres e 3] crianças. Nos casos dos homens, foram 62 (75,6%), mulheres 16 (19,5%) e crianças 4 (4,9%).

Dos 58 (cinquenta e oito) casos que tivemos a presença de apenas uma vítima, 51 (88%) foram homens e 7 (12%) mulheres como condutores da motocicleta. Destacamos que encontramos casos em que, na motocicleta, tinham vítimas acima da quantidade permitida pelo Código de Trânsito Brasileiro, que é no máximo duas pessoas. Assim

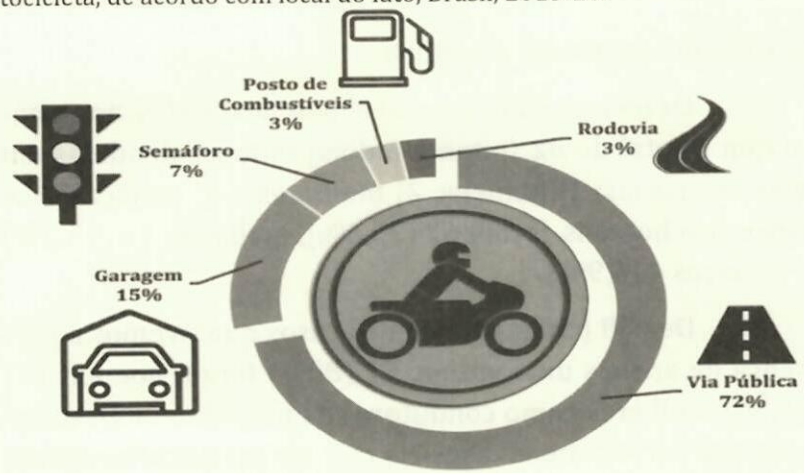
[71]Idem.

em 2 (dois) deles, tivemos três vítimas na moto, sendo o casal (homem/mulher) e uma criança. Em 7 (sete) casos foram um casal (homem e mulher) e 2 (dois) deles estavam um homem e uma criança.

3.5 Quanto ao local do crime e uso do capacete

De modo similar aos roubos praticados contra as vítimas que estavam em carros, nos casos em que elas estavam embarcadas numa moto (em movimento ou paradas) ou ao lado, também não encontramos imagens de fatos ocorridos no interior de condomínios ou estacionamentos com controle de acesso.

Gráfico 3 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com local do fato, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Igualmente aos casos de roubos a vítima estando num carro e reagindo armada, a via pública foi o local onde

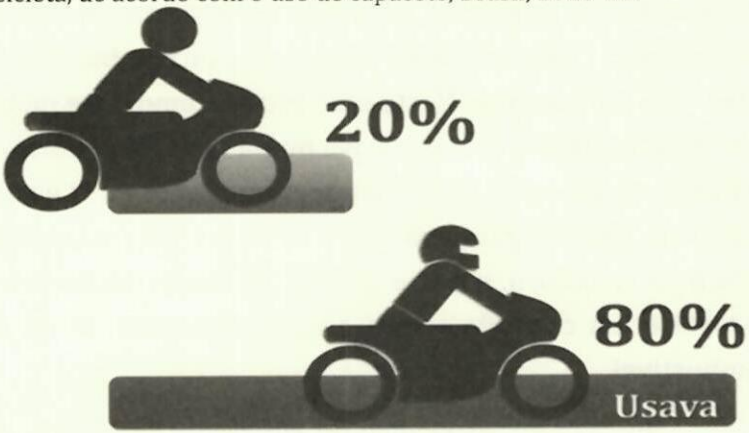
mais encontramos evidências com 50 (72%) das imagens. Na garagem encontramos 10 (15%) dos cenários. No semáforo foram 5 (7%), em rodovias e postos de combustíveis 2 (3%) respectivamente. Neste caso esclarecemos que incluímos os fatos onde a vítima estava numa das três condições: 1] saindo da garagem, 2] chegando na garagem ou 3] estacionada em frente à garagem. Em 5 (9%) a vítima estava parada num semáforo, noutros 2 (3%) pilotava a moto numa rodovia e um caso ela estava abastecendo num posto de combustível.

No caso em específico do estado de São Paulo, foi identificado que em 2018, os roubos (85,86%) aconteceram também em vias públicas, no mesmo local para os casos de furtos foram 72,30% e na garagem da residência alcançou, 11,56%, conforme mostra a pesquisa do professor Erivaldo Costa Vieira[72].

Continua a mesma pesquisa acima afirmando que, os roubos, em sua maioria (85,86%), acontecem em vias públicas. Já o número de furtos serve de alerta para quem deixa a moto na rua ou julga que ela está segura na sua casa. Em 2018 as motos furtadas nas ruas somam 72,30% enquanto o furto da moto na garagem de casa atingiu 11,56%.

[72] Idem.

Gráfico 4 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com o uso de capacete, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Investigamos também o uso do capacete tanto por parte da vítima quanto do criminoso. De modo que, no caso das vítimas em 55 (80%) do vídeos elas estavam usando o capacete e noutros 14 (20%), não usavam. Na maioria desses casos do não uso do capacete ela estava na garagem ou no posto de combustível, em ambos os locais, paradas.

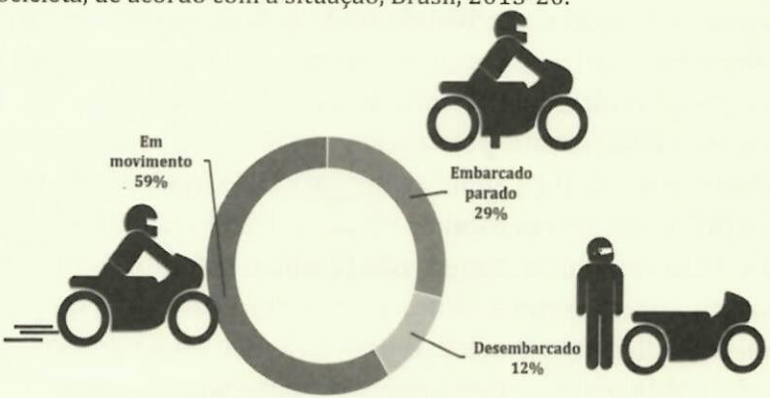
Já os criminosos, como será mostrado mais à frente, por agirem em duplas ou trios na maioria dos casos catalogados, observamos que pelo menos um usava em 61% (42) e em 39% (27) nenhum deles no momento da abordagem estavam com o capacete. Destacamos que em alguns casos, entre os objetos da vítima que foram roubados, o capacete foi um deles.

3.6 Posição da vítima em relação à moto e desembarque no momento da abordagem criminosa

Observamos alguns vídeos de treinamentos de autodefesa ensinando a vítima, por exemplo, técnicas de pilotagem com manobras evasivas, bem como o uso de arma de fogo (disparos) para uma reação. Nessa seara, decidimos sistematizar os resultados da posição que a vítima se encontrava em relação à moto quando foi abordada pelos criminosos.

Em 59% (41) dos casos, a vítima foi abordada quando estava numa via pública ou rodovia embarcada e em movimento. Em 29% (20) ela se encontrava embarcada, porém parada na moto. Esse cenário ocorreu principalmente nos semáforos e nas garagens (saindo ou chegando). Por fim, em 12% (8) a vítima estava ao lado da moto, ou seja, desembarcada.

Gráfico 5 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com a situação, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Das vítimas que estavam embarcadas e paradas quando foram abordadas pelos criminosos, pesquisamos o lado que ela 'preferiu' para proceder o desembarque, ou seja, sair de 'cima da moto.' Chegamos ao total de 21 (vinte e um) cenários nessa modalidade. Assim, 48% (10) desembarcaram pelo lado oposto ao qual o criminoso apontou-lhe a arma de fogo, 33% (7) o desembarque foi feito pelo mesmo lado onde o criminoso estava, 9% (2) permaneceram na moto (enquanto abastecia a motocicleta) ou não foi possível visualizar esse momento, respectivamente, devido ao ângulo da câmera que fez as imagens. Num dos casos em que a vítima permaneceu embarcada, tratou-se de um policial federal e ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. O policial federal vítima acabou sendo ferido por disparos efetuados por um dos criminosos.

Um dado que nos chamou a atenção foi a realização de busca pessoal (revista) no corpo da vítima por parte dos criminosos, daquelas que estavam embarcadas. Constatamos que, em 7 casos (70%), a vítima que 'optou' por desembarcar pelo lado contrário de onde estava o criminoso não sofreu uma busca pessoal, enquanto, em 3 casos (30%), a revista foi realizada. De modo similar, analisamos as vítimas que desembarcaram pelo mesmo lado em que estavam os criminosos que lhes apontavam a arma de fogo; assim, 4 casos (57%) foram revistados, e 3 casos (43%) não foram. Nos dois casos em que a câmera não filmou o instante do desembarque, ainda assim a vítima foi revistada. No caso do policial federal já mencionado, embora ele não tenha desembarcado, ainda assim sofreu uma revista pessoal.

Com esses dados em mente, podemos inferir que se a vítima 'optar' por desembarcar pelo lado contrário onde estejam os criminosos (ou pelo menos o que lhe aponta a arma de fogo), numa premissa básica, terá menos chances de sofrer uma busca pessoal. Talvez isso pode ter a ver com a própria moto servido de uma barreira entre ambos, vítima e algoz, o que pode influenciar na decisão do criminoso em não perder mais tempo com essa ação de revistar.

3.7 Quanto à decisão de reagir da vítima e consequência à sua integridade física

Considerando que a proposta central deste livro é discutir o paradigma do 'nunca reaja' quando for vítima de crimes violentos com destaque para o roubo, também investigamos os comportamentos das vítimas quando ocorreram esses (des) encontros nefastos.

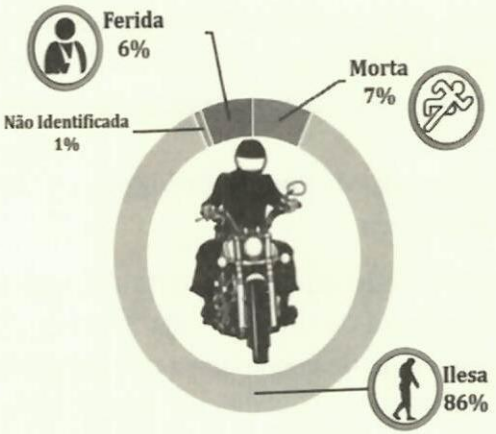
Inicialmente esclarecemos que empregamos o termo 'reagir' no sentido de a vítima ter adotado uma conduta ativa de se defender da agressão usando a luta corporal, a fuga ou a arma de fogo na tentativa de rechaçar o crime.

Então, 51% (35) das vítimas decidiram não reagir, ou seja, adotaram uma conduta passiva/contemplativa, 40% (28) optaram por reagir e em 9% (6) a reação foi realizada por terceiros que presenciaram a cena e decidiram ajudar a vítima.

Das vítimas que decidiram reagir no total de 28, 57% (16) delas usaram a arma de fogo para esse fim, 25%

(7) usaram a luta corporal e 18% (5) optaram por fugir, nesse caso de motocicleta isso foi acelerar ainda mais forte.

Gráfico 6 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com a consequência à sua integridade física, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

De modo geral, independentemente de qualquer variável, em 86% (59) desses (des) encontros criminais violentos as vítimas saíram ilesas, 7% (5) foram mortas, 6% (4) sofreram algum tipo de lesão proveniente da queda da moto ou disparo da arma de fogo do criminoso e 1% (1) caso não foi possível localizar essa informação.

Então numa primeira perspectiva, as chances de a vítima ter a sua vida ceifada nos cenários em que ela esteja numa moto, é bem remota. Detalhando dois casos em que ocorreram as mortes, um deles tratou-se de um policial militar paulista que, segundo a reportagem, mesmo não reagindo (as imagens não mostram o momento exato) foi

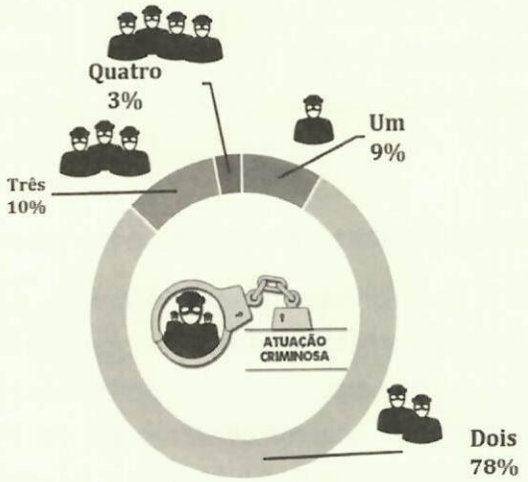
executado pelos criminisosos. O outro caso ocorreu no Ceará, também envolvendo um policial militar que não reagiu e mesmo assim foi morto por disparos de revólver de um dos criminosos. Então, em ambos os casos de morte dessas vítimas, elas não reagiram e mesmo assim foram assassinadas.

3.8 Quanto à quantidade e gênero dos criminosos

Como já referenciado anteriormente, dos **69** (sessenta e nove) vídeos catalogados, conseguimos visualizar o total de **143** (cento e quarenta e três) criminosos. É importante dizer que pode ocorrer cenários que, embora tenhamos visualizado apenas um criminoso nas imagens, não implica dizer que de fato existia apenas esse; podendo portanto, existir um comparsa dando cobertura ao crime e não captado pelo ângulo da câmera.

As cenas que foram possíveis visualizar dois criminosos constituíram 78% (54) da amostragem catalogada; três criminosos representaram 10% (7), apenas um criminoso atingiram 9% (6) e em dois casos (3%) foi possível detectar quatro criminosos. Desse modo, em 91% dos cenários a vítima foi abordada por mais de um criminoso.

Gráfico 7 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com a quantidade de criminosos nas imagens, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Das imagens que foram possíveis identificar todos os criminosos presentes, conseguimos contabilizar 98% (139) deles como sendo masculinos e, em 2% (3), tivemos a presença de mulheres criminosas.

No que diz respeito à integridade física dos criminosos nos cenários em que as próprias vítimas ou terceiros reagiram usando uma arma de fogo, constatamos que 52% (15) deles terminaram ilesos, 27% (8) feridos e 21% (6) foram mortos.

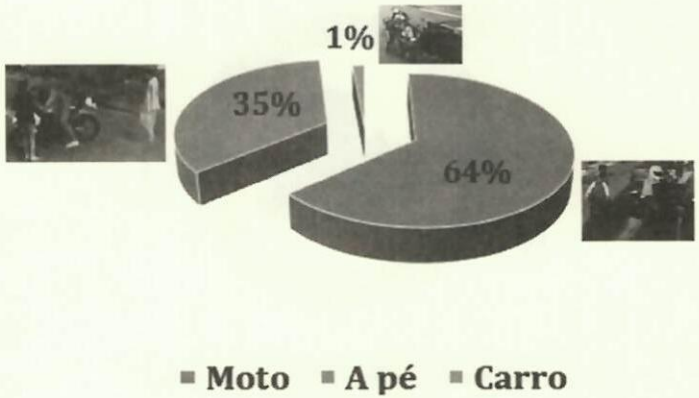
Gráfico 8 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, em que ela própria ou terceiros reagiram usando arma de fogo, de acordo com a consequência à integridade física dos criminosos, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

Considerando que tivemos 69 (sessenta e nove) vídeos analisados e 142 (cento e quarenta e dois) criminosos visíveis nas cenas, então é necessário esclarecer a forma ou meio de aproximação que eles utilizaram para abordar a vítima. Visualizamos que em 64% (44) a aproximação foi feita com outra motocicleta, 35% (24) os criminosos se chegaram a pé e em 1% (1) fizeram isso utilizando um carro. Nos casos em que eles se aproximaram a pé, os ângulos das câmeras não foram possíveis detectar se eles estavam noutra motocicleta e a deixaram longe do local do crime.

Gráfico 9 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo com o meio utilizado pelos criminosos para a aproximação, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

3.9 Quanto à aproximação e exibição de arma pelo criminoso

Os criminosos se aproximaram de suas vítimas em 54% (37) dos casos pela retaguarda delas. Em 25% (17) foi pela frente, seguido de 17% (12) pelas laterais e em 4% (3) não foi possível visualizar essa variável.

Gráfico 10 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo o lado de aproximação dos criminosos, Brasil, 2013-20.

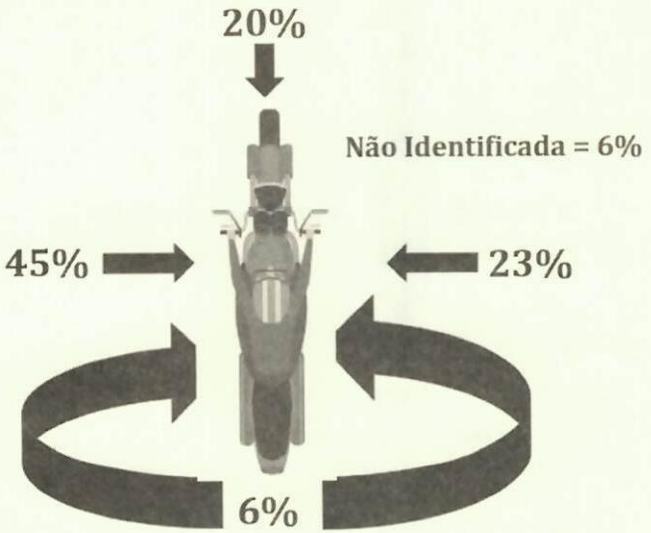


Fonte: Os autores.

Então, com esses dados mentalizados, o cidadão quando estiver transitando numa motocicleta, a título de medida proativa, deve focar principalmente nos seus retrovisores buscando enxergar a aproximação de outra motocicleta ocupada com duas pessoas do gênero masculino.

Quanto ao lado onde o criminoso exibiu a arma contra a vítima, tivemos que em 45% (31) isso aconteceu pelo lado esquerdo (lado do 'coração') dela, 23% (16) pelo lado direito, 20% (14) foi pela frente (farol da moto), 6% (4) por ambos os lados (esquerdo e direito) e 6% (4) essa variável não foi possível identificar.

Gráfico 10 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando numa motocicleta, de acordo o lado onde os criminosos exibiram as armas reais ou simulacro, Brasil, 2013-20.



Fonte: Os autores.

3.10 Quanto ao roubo da moto ou de objeto

De início já constatamos que em 55% (38) dos casos não houve o roubo da moto e noutros 45% (31), o bem foi roubado. Então decidimos fazer uma correlação de variáveis para melhor compreender esse contexto.

Quando correlacionamos a conduta de reagir por parte da vítima ou de terceiros que estavam nas proximidades da cena criminal, independentemente da forma/instrumento, constatamos que a moto não foi roubada em 100% (34) dos casos e em apenas 6 (18%) foi roubado algum objeto (carteira ou capacete); noutros 28 (82%) nada foi levado da vítima.

Também analisamos os resultados das vítimas que reagiram passivamente, ou seja, 'não reagiram' e a consequência quanto a ter a moto roubada ou não, bem como objetos. Nesse diapasão, em 31 (89%) vídeos constatamos uma reação passiva/contemplativa gerou o roubo da moto, enquanto em 11% (4) ela não foi subtraída. Nessa mesma linha, em 17 (48%) casos tivemos objetos roubados ou não respectivamente, em um caso não foi possível identificar se ocorreu esse fato.

3.11 Quanto ao disparo de arma de fogo pelo criminoso

Nas imagens que possuíam áudio e foi possível identificar que os criminosos estavam portando uma arma de fogo real, num caso estava com faca e noutro com um simulacro, catalogamos se houve ou não o disparo dela contra a(s) vítima(s).

Dessa forma, em 78% (52) das imagens os criminosos não efetuaram disparos, pelo menos nos ângulos visíveis das câmeras e noutros 22% (15) essa atitude foi constatada. Podemos especular que a não realização do disparo pode ter ocorrido, entre outros, por falha da munição ou mesmo desistência 'voluntária.'

Enfim, como foi constatado com os dados empíricos mencionados, os resultados exitosos para as vítimas que reagiram (ou terceiros que presenciaram), trouxe pleno êxito, considerando sob o ponto de vista da SOBREVIVÊNCIA. Ao passo que os que não reagiram, tiveram suas vidas ceifadas violentamente. Reforçamos que jamais estimulamos ou in-

duzimos para qualquer tipo de conduta, apenas apresentamos dados sistematizados e analisados. A decisão será sempre da vítima e não do 'professor' ou 'especialista' no assunto, mesmo porque no momento de alto estresse os comportamentos são imprevisíveis.

ROUBO CONTRA VÍTIMA ESTANDO A PÉ

Policial à paisana reage a roubo e consegue render homem em Belém[73]

Caso ocorreu na manhã deste domingo na av. Augusto Montenegro. Assaltante foi preso.
Por G1 PA — Belém 13/09/2020 18h44

Uma sargento da Polícia Militar reagiu a uma tentativa de roubo em uma parada de ônibus na av. Augusto Montenegro, em frente ao Estádio do Mangueirão, em Belém.

O suspeito estava de bicicleta e roubou o aparelho celular da militar, que estava armada e conseguiu render o suspeito, sem atirar contra ele.

A policial tem permissão para reagir em defesa pessoal e levar sempre consigo a arma em razão da natureza da função que exerce.

Em nota, a PM informou que uma equipe do Batalhão de Ações com Cães (BAC) conduziu o suspeito para a delegacia.

O caso foi registrado na manhã deste domingo na Seccional Urbana da Marambaia, local onde todos os envolvidos foram encaminhados.

---

73 Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/09/13/policial-a-paisana-reage-a-roubo-e-consegue-render-homem-em-belem.ghtml. Acesso em: 13 set. 2020.

1 CONTEXTUALIZANDO

Nos capítulos anteriores utilizamos duas fontes abertas de consulta para chegarmos aos perfis estatísticos mencionados: **1]** textos de reportagens (capítulo 1) e **2]** vídeos (capítulos 2 e 3). Para 'fecharmos o circuito' de análises em que policiais, em especial, e cidadãos 'comuns' foram vítimas de crimes com características iniciais de roubo, faltava o cenário em que ela, a vítima, fora abordada quando estava a pé e portando uma arma de fogo transitando numa via pública ou em locais diversos.

Neste capítulo, novamente, nos valemos de imagens publicadas em fontes abertas a exemplo do YouTube e redes sociais (*WhatsApp*, *Instagram* etc.), além de *websites* de telejornais brasileiros que exibiram casos em que a vítima foi abordada por criminoso(s) quando estava na condição mencionada no parágrafo anterior.

Afirma Marques (2016)[74], "A presença da arma de fogo, que, em conjunto com uma reação ao assalto, faz com que a vítima do roubo acabe vítima de latrocínio." Como constatamos nos capítulos anteriores, em parte essa afirmativa encontra eco nos dados do período em que pesquisamos para esta obra, ou seja, nem sempre o fato de estar armado e reagir, por si só, é garantia plena de sucesso.

No entanto, e como forma de contraponto, também foi constatado que no caso dos policiais vítimas (capítulo 1),

---

[74] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/maiores-vitimas-de-latrocinio-em-sp-sao-profissionais-de-seguranca-diz-ong#:~:text=No%20estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,%2Dcivis%2C%20seguran%C3%A7as%20ou%20vigilantes.. Acesso em: 16 dez. 2016.

reagindo com a arma de fogo, principalmente quando praticado pelas mulheres, obteve uma taxa de sucesso maior quando comparado com a não reação ou mesmo os insucessos.

Continua Marques[75] (2016) dizendo que "Os dados indicam que [as chances de] um policial civil ou militar morrer durante um assalto é 43 vezes maior do que a de um cidadão comum."

Aprofundando mais essa discussão e, ao mesmo tempo comparação, fizemos um *coorte* nos dados inseridos no capítulo 1 (2017-2020), apenas para os policiais paulistas pertencentes à Polícia Militar, Polícia Civil ou Polícia Penal estadual, que reagiram usando arma de fogo, independente de outras variáveis e chegamos aos seguintes resultados: **1]** total de casos/reportagens – 172; **2]** total de vítimas – 174; **3]** vítimas ilesas – 79% (138); **4]** vítimas feridas – 8% (14) e **5]** vítimas mortas – 13% (22).

Dessa forma, conforme a amostragem acima citada, novamente foi mostrado que os policiais vítimas tiveram mais êxitos do que reveses, ou seja, terminaram os casos vivos, diferentemente da pesquisa apresentada pelo pesquisador acima citado e diretor de uma Organização Não Governamental (ONG).

Para a comparação ter ainda mais robustez, precisaríamos ter acesso ao banco de dados do governo paulista nas mesmas condições e verificar se, no período de 2017 a 2020, objeto de nosso estudo, o universo dos casos confirmariam os nossos achados de pesquisa na amostragem selecionada. No entanto, os dados comparados, ainda que em

---

[75] *Op. Cit.*

quantitativo reduzido ao possível universo de casos ocorridos, traz outra ótica sobre o mesmo fenômeno.

Partimos, enfim, do pressuposto que todos os policiais vítimas de latrocínio, segundo a pesquisa introdutória mencionada, estavam a pé no momento da abordagem criminosa, pois, como vimos nos capítulos anteriores, àqueles que estavam em carro e reagiram armados, tiveram 100% de sucesso, ou seja, sobreviveram. Neles estão incluídos policiais paulistas.

Com isso em mente, e como dito, decidimos 'fechar o circuito' das circunstâncias em que a vítima, reagiu usando a arma de fogo, agora estando a pé, e mensurar a sua performance.

Então, estabelecemos a seguinte questão-problema: em que medida uma pessoa portando uma arma de fogo, independentemente de ser policial, sendo vítima de um crime com características iniciais de roubo, tem como resultado a sobrevivência?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Descreveremos, então, o percurso metodológico para que chegássemos à resposta da nossa questão-problema. Nesse sentido, novamente, utilizamos de imagens/vídeos seguindo os passos seguintes:

1º Passo - Pesquisamos em *websites* de telejornais, no YouTube, bem como nas redes sociais (*WhatsApp, Instagram,* etc.), vídeos com cenas/casos ocorridos somente no Brasil em que a vítima, independentemente de ser policial, estava portanto uma arma de fogo durante um crime com características iniciais de roubo;

2º Passo - Criamos uma planilha no *Microsoft Office Excel* com as seguintes variáveis: ano, estado, dia da semana, horário, corporação da vítima, gênero da vítima, reação ou não, posição da arma no corpo, consequência à integridade física, momento da reação, quantidade de criminosos, gênero dos criminosos, arma/instrumento que portavam, conduta do comparsa, consequência à integridade física e local do fato;

3º Passo – A exemplo dos capítulos 2 e 3, em seguida produzimos os gráficos e as análises do que conseguimos visualizar nas imagens e ângulos disponíveis das câmeras.

Conseguimos catalogar, sistematizar e analisar **167** (cento e sessenta e sete) vídeos usando como critério de inclusão que a vítima estivesse a pé e portando uma arma de fogo no momento da abordagem criminosa, podendo ser militar, policial, colecionador-atirador-caçador (CAC) ou um cidadão 'comum.' O nosso foco foi responder à questão-problema anteriormente mencionada, além de agregar outras peculiaridades a esse tipo de (des) encontro entre a vítima e o seu algoz.

Usamos ainda como critério de inclusão que, nos casos de policiais vítimas, eles deveriam estar fora de serviço ainda que fardados para assumirem ou deixarem os respectivos expedientes/plantões e estivessem a pé.

Antecipadamente informamos que alguns vídeos não possuíam sons, nitidez suficiente para que pudéssemos encontrar algumas das variáveis estabelecidas, bem como

informações de horário e/ou data. Razões essas que inviabilizaram o preenchimento de todas as informações estabelecidas para a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Quanto ao ano

De modo similar aos capítulos anteriores, buscamos registrar o período, em termos de ano, em que ocorreu o fato analisado. Como mencionado, em alguns vídeos não foi possível localizar essa informação, pois, a câmera que fez o registro não estava programada para exibir na tela esse dado ou ainda ela até apareceu, porém de forma incompleta.

Tabela 1 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o ano do ocorrido, Brasil, 2010-20.

Ano	QTDE.
2010	1
2012	2
2013	4
2014	5
2015	6
2016	15
2017	21
2018	27
2019	32
2020	35
Não Visualizado	19
Total	**167**

Fonte: Os autores.

Constatamos de imediato que, no período estudado, com o passar dos anos mais imagens (vídeos) de casos envolvendo pessoas que portavam armas de fogo chegaram ao conhecimento da população em geral publicadas nas fontes já mencionadas. Isso pode indicar uma expansão no número de câmeras instaladas nos mais diversos locais urbanos ou rurais do país, ou mesmo o aumento de casos propriamente dito.

Verificamos também que a partir do ano de 2017, a quantidade de vídeos ultrapassou a quantidade de vinte. De modo que no ano de 2020 conseguimos encontrar 35 (**21%**) da amostragem, seguido do ano de 2019 com 32 (**19,2%**), 2018 com 27 (**16,2%**) e 2017 com 21 (**15,6%**).

Uma explicação com certo grau de coerência e aderência para esse fenômeno, pode ser o fato de que a partir de 2019 as regras para a aquisição de arma de fogo no país, terem sido o que podemos dizer, mais flexibilizadas, e assim mais brasileiros com ficha criminal totalmente íntegra passaram a fazer uso dela para a proteção pessoal e da família em sua residência ou estabelecimento comercial.

A assertiva acima encontra amparo nos dados divulgados numa reportagem intitulada "Número de novos registros de armas de fogo no Brasil aumenta 90% em 2020"[76], mostrando o acréscimo significante dos registros em 2019 e 2020, conforme se lê nesse trecho:

---

[76] Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/11/numero-de-novos-registros-de-armas-de-fogo-no-brasil-aumenta-90percent-em-2020.ghtml. Acesso em: 12 jan. 2021.

> A PF autorizou o registro de 179.771 novas armas de fogo em 2020, um aumento de mais de 91% em relação a 2019. A maior parte dos registros se enquadra na categoria "cidadão comum": quase 70% do total. Servidores públicos conseguiram mais de 20 mil autorizações de posse de armas de fogo e empresas de segurança privada, 4.650. Somadas também as renovações, o número de armas registradas passa de 252 mil.
> O número de porte de armas também aumentou: foram 10.437 autorizações em 2020 contra 9.268 em 2019. O porte dá direito a transportar a arma fora de casa, enquanto a posse só permite manter a arma dentro da residência.

Outra evidência desse fenômeno, é que no período em que encontramos os vídeos, em **14** (quatorze) desses, a vítima era um Caçador-Atirador-Colecionador (CAC) ou comerciante e, desses, **08** (oito) ocorreram em 2019 e 2020. Desses oito casos, em seis as vítimas sobreviveram e em dois infelizmente foram mortas pelos criminosos.

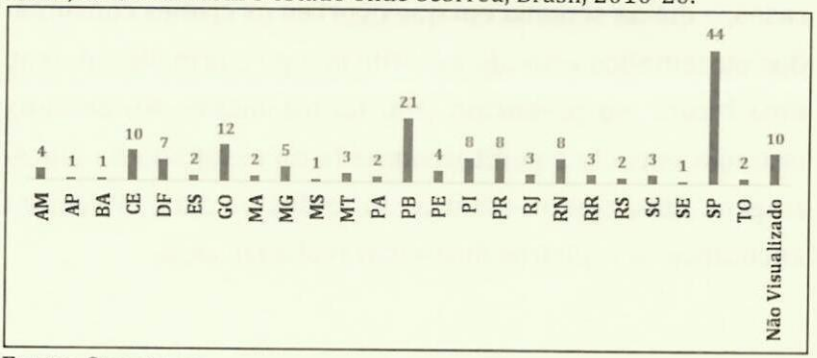
3.2 Quanto ao estado

Como já está devidamente enfatizado que a fonte para a coleta, sistematização e análise dos dados deste capítulo são imagens, ou seja, vídeos que foram publicados/divulgados em *websites*, no YouTube e nas redes sociais, e considerando que os três autores são policiais militares paraibanos, o acesso aos casos ocorridos no próprio estado onde exercem o labor tornaram-se mais fáceis. Com isso em mente, e como será mostrado no gráfico 1, a Paraíba teve o segundo maior quantitativo da amostragem. Isso de maneira alguma implica dizer que foi o segundo estado do país

com o maior número de roubos estando a vítima a pé e armada. Ao passo que um estado do porte da Bahia, por exemplo, seja considerado o mais 'tranquilo' por termos encontrado apenas um vídeo.

Foi possível localizar vídeos de fatos ocorridos em **24** (vinte e quatro) estados e no Distrito Federal, ou seja, 89% dos que compõem a federação. Talvez, entre os dez vídeos que não conseguimos saber onde, em termos de estado, ocorreu, tenha outros dos três que não estão mencionados.

Gráfico 1 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o estado onde ocorreu, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Desse modo, os destaques vão para os estados de São Paulo com 44 (26,3%) do total da amostragem encontrada, seguido pela Paraíba com 21 (12,6%), Goiás com 12 (7,2%) e Ceará com 10 (6%).

Para confirmar a assertiva acima, é o suficiente dizer que, segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), mostra que, apenas no ano de 2019, nos estados da Bahia, São Paulo e Paraíba, as taxa por cem mil habitantes nos crimes de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e roubo com consequência morte da vítima (latrocínio) foram, respectivamente 35,09, 6,97 e 23,67[77].

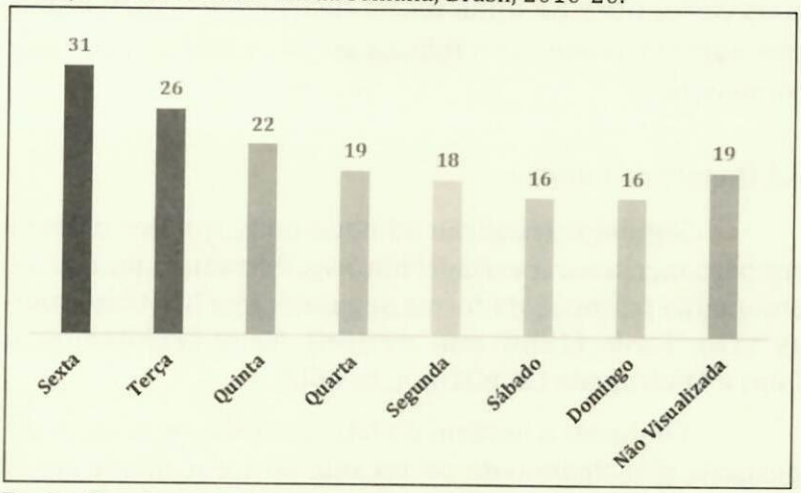
3.3 Quanto ao dia da semana

Assim como nas explicações anteriores, a falta da exibição do grupo data-hora nas telas dos vídeos em alguns casos, o dia da semana em que ocorreu os crimes consumados ou tentados estando as vítimas a pé e armadas, deixou uma lacuna no preenchimento da totalidade. No entanto, isso não impacta significativamente no resultado da amostragem, pois, como veremos, em todos os dias da semana encontramos registros dessa variável analisada.

---

77 Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyjrijoin2m2n2i0otmtmjawzi00mdq2ltlioditzwmxodi5mthkymvhiiwidci6imvimdkwndiwltq0ngmtndnmny05mwyyltriogrhnmjmzthlmsj9. Acesso em: 03 mar. 2021.

Gráfico 2 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o dia da semana, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Dessa forma, encontramos na amostragem que em 31 (18,6%) os casos ocorreram na sexta-feira, seguida pela terça-feira com 26 (15,6%), depois a quinta-feira com 22 (13,2%), sendo esses dias os três com mais registros. Enfatizamos que em todos os sete dias da semana foram encontrados vídeos relacionados.

Nos chamou a atenção a sexta-feira em particular quando fizemos uma correlação entre as variáveis horário e local. Dos 31 (trinta e um) registros, 15 (49%) se deram no período noturno (18h01min. às 00h). Poderíamos atribuir ao início do final de semana o que, para muitas pessoas, é 'estartado' com o famoso *happy hour* em bares e 'botecos.' Dito isto, então comparamos com os locais onde ocorreram os fatos noturnos. Desses 15 (quinze) locais, apenas 03 (três) foram em locais que comumente se faz uso de bebida

alcóolica, sendo duas lanchonetes e um restaurante. Os demais casos, doze no total, foram distribuídos entre farmácias, supermercado, via pública, parada de ônibus e posto de combustível.

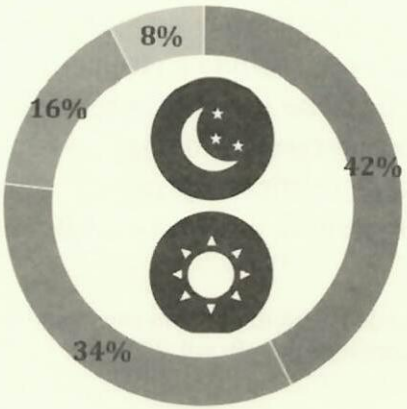
3.4 Quanto ao horário

Seguimos o padrão adotado nos capítulos anteriores para mensurar a variável horário. Portanto aglutinamos em quatro períodos da forma seguinte: Manhã (06h01min. às 12h), Tarde (12h01min. às 18h), Noite (18h01min. às 00h) e Madrugada (00h01min. às 06h).

Conhecer o horário do fato, para nós, se mostra importante principalmente no tocante ao treinamento que é dado para uma pessoa que porta arma de fogo, ou seja, ela deve ser submetida as condições similares ao que poderá se encontrar no caso real.

Destacamos que em nenhum dos vídeos catalogados e analisados, o cenário era de total ausência de luminosidade, pois a premissa básica é que o criminoso precisa também enxergar nitidamente a sua vítima e, como em todos os vídeos ele não estava equipado, por exemplo, com equipamento de visão noturna ou lanterna para tal finalidade, evidencia que os locais tinham iluminações suficientes para a atuação sem a necessidade de equipamentos ou acessórios que possibilitem a ampliação da visão dos envolvidos. Basta para isso mencionar que farmácias, supermercados, lanchonetes/bares/restaurantes e postos de combustíveis, locais com várias incidências, mesmo no período noturno possuem iluminações suficientes para dar total nitidez à visão dos seus frequentadores.

Gráfico 3 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o horário do fato, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

O período noturno registrou 71 (42%) dos casos, seguido do período vespertino com 57 (34%), matutino com 26 (16%) e, por fim, a madrugada com 13 (8%) desses.

Recorrendo a Diniz[78] (2018), Ferreira[79] *et al* (2020) e Duarte[80] (2019), que pesquisaram as mortes de policiais militares fora de serviço em suas respectivas Corporações, também encontraram dados similares no tocante ao horário das mortes desses profissionais em situações análogas, devidamente mencionadas no capítulo 1.

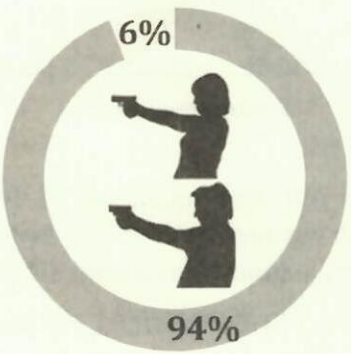
---

[78] *Op. Cit.*
[79] *Op. Cit.*
[80] *Op. Cit.*

3.5 Quanto ao gênero da vítima

Como vimos nos capítulos anteriores, os homens foram os mais vitimados nas amostragens analisadas em cada cenário, ou seja, estando a vítima num carro ou moto. De modo similar, como mostraremos abaixo, nos cenários em que as vítimas estavam armadas e a pé em contextos de crimes com características iniciais de roubo, os homens também se constituíram os maiores registros.

Gráfico 4 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o gênero, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Na amostragem analisada, em 157 (94%) dos casos a vítima que portava a arma de fogo era homem seguido de outros 10 (6%) de mulheres. Destacamos por oportuno que em alguns vídeos estudados, na cena existiam mais de uma pessoa armada. Citamos dois casos em especificamente que

aconteceram no estado de São Paulo. Um deles foi na cidade de Guarulhos no momento em que um policial militar chegava de carro na casa de outro colega de farda para buscá-lo e irem juntos ao trabalho. Momento em que surgem noutro veículo cinco criminosos. Noutro caso, já na cidade de São Paulo, numa farmácia, encontravam-se quatro policiais aguardando na fila do caixa quando um criminoso entrou e anunciou o roubo. Os quatro policiais exibiram suas armas, porém, apenas um deles efetuou disparo contra o criminoso. Para fins deste capítulo computamos como tendo sido apenas uma vítima em cada vídeo, embora, reforçamos, encontramos casos com mais de uma vítima armada na cena.

No tocante ao gênero, as mulheres vítimas e armadas, novamente tiveram uma performance superior aos homens quando mensuramos a variável consequência à integridade física. Constatamos apenas um caso de morte de mulheres. Neste caso particular, tratava-se de uma comerciante que sacou a arma ainda dentro do coldre e apontou-a para o criminoso que estava na sua frente e com o revólver já apontado e em visada contra a vítima. Nos casos em que envolveram policiais femininas, militar ou civil, todas elas saíram vivas e dessas, apenas uma ficou ferida e as demais ilesas.

Uma explicação razoável para esse fenômeno já abordamos no capítulo 1 quando citamos Bondaruk[81] (2007), e os seus achados de pesquisa.

---

[81] *Op Cit.*

Mello[82] (2015), Fernandes[83] (2015), Diniz[84] (2018), Duarte (2019) e Tatagiba *et al*[85] (2020) também mostram que nas respectivas polícias militares pesquisadas, os policiais masculinos foram os mais vitimados fora de serviço e armados comparado com as femininas nas mesmas condições. Os resultados quanto à integridade física encontrados por esses pesquisadores são similares ao que encontramos na nossa amostragem.

3.6 Quanto à corporação da vítima

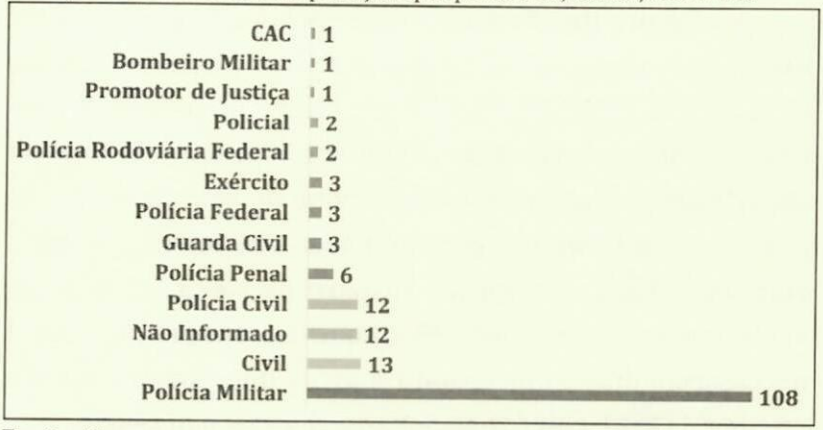
A exemplo dos capítulos pretéritos, também incluímos a variável Corporação que pertencia a vítima quando estava armada e a pé. Encontramos o mesmo perfil, ou seja, os policiais militares foram em maior número os mais vitimados pelas razões já mencionadas.

Nos vídeos em que não tínhamos o áudio ou não foi possível conseguir o dado usando outras fontes, a exemplo de redes sociais, deixamos como não informado.

---

[82] *Op. Cit.*
[83] *Op. Cit.*
[84] *Op Cit.*
[85] TATAGIBA, Magda Marcielle Kwirant. TOMAZI, Thalita. FERNANDES, Gleiciane Benfica. OLIVEIRA, Onivan Elias de. **A Vitimização dos Policiais Militares da Ativa no Estado de Rondônia:** Uma análise das mortes por crimes violentos entre 2010 e 2019. Artigo Científico apresentado ao Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Polícia Militar de Rondônia.

Gráfico 4 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com a corporação que pertencia, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

O gráfico acima, nos mostra que, novamente, os policiais militares estão no topo dos vitimados na amostragem pesquisada. Nesse diapasão, policiais militares alcançaram 108 (**64,7%**) dos casos analisados, seguidos de um cidadão não policial (civil) com 13 (**7,8%**), não podendo nós afirmarmos que esses civis eram também CACs ou tinham treinamento específico para esse fim, por exemplo. Os registros que não conseguimos essa informação ou que se tratava de policiais civis, respectivamente, foram 12 (**7,2%**).

Esses dados, além de alertar todas as categorias de portadores de armas, afinal qualquer um pode ser vítima, enfatiza a necessidade de instruções e treinamentos voltados especificamente para esses tipos de cenários, principalmente no tocante ao porte velado da respectiva arma de fogo.

Outros fatores que podem explicar esse fenômeno com os policiais militares, entendemos que já estão contidos nos capítulos anteriores, quando detalhamos essa variável.

3.7 Quanto a decisão de reagir da vítima

De pronto afirmamos que em apenas um caso a vítima, que se tratava de um Cabo da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), decidiu não reagir, ou seja, ficar 'passivo' durante a abordagem criminosa. Embora estivesse ao lado do filho quando calibrava o pneu do seu carro em um posto de combustíveis, os criminosos não lhe pouparam a vida, executando-o com um disparo na cabeça. Então, na amostragem tivemos 166 (**99%**) que decidiram reagir e não necessariamente empregando a arma que portava inicialmente e 1(**1%**), como mencionado, decidiu não reagir.

É importante lembrar que todas as vítimas estavam armadas e a pé no momento da abordagem criminosa, sendo esses os critérios de inclusão para a amostragem deste capítulo. Sendo que, algumas das vítimas ainda que estivessem armadas, optaram pela reação inicial usando a luta corporal e, em alguns casos, somente em seguida fez o uso da arma de fogo. Assim, 152 (**92%**) optaram por reagir usando inicialmente a arma de fogo e 14 (**8%**) a luta corporal.

Decidimos detalhar ainda mais essas variáveis e fizemos a correlação entre aquelas que decidiram reagir, o meio utilizado e a consequência à integridade física da vítima. Na tabela seguinte apresentamos esses resultados.

Tabela 2 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o meio de reação e consequência à sua integridade física, Brasil, 2010-20.

Consequência/Meio de Reação	Arma	%	Luta	%	Total	%
Ileso	97	63,8	3	21,4	100	60,2
Morte	31	20,4	8	57,1	39	23,5
Ferido	24	15,8	3	21,4	27	16,3
Total	**152**	**100,0**	**14**	**100,0**	**166**	**100,0**

Fonte: Os autores.

Evidenciamos nessa amostragem que o emprego da arma de fogo, a exemplo dos capítulos anteriores, trouxe mais sucesso do ponto de vista da sobrevivência da vítima, do que reveses. No entanto, no mesmo diapasão, ela por si só, não trouxe a garantia de sempre ter pleno sucesso.

A tabela acima mostra que há uma deficiência em algum contexto no emprego de técnicas de defesa pessoal, quando a vítima, predominantemente policial militar, decidiu partir para a luta corporal contra os seus algozes, embora, reforçamos, estava armada, para defender-se do crime em andamento. Assim, **57,1%** (8) tiveram as suas vidas ceifadas nesse sentido. Ao passo que a morte ocorreu em **20,4%** (31) quando ela, a vítima, empregou o instrumento que portava e que tem o fim inicial para sua aquisição, a autodefesa ou defesa de outrem.

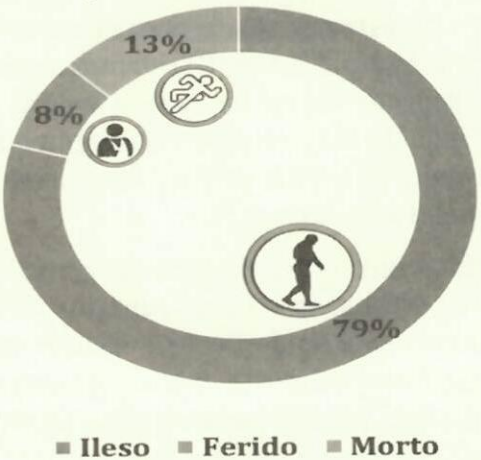
Ainda assim, a taxa de sucesso, considerando a sobrevivência da vítima, se mostra superior aos óbices. Somando-se os percentuais de ilesos e feridos que usaram a arma de fogo como resposta inicial, alcançamos **79,6%** (121). Esses índices para os que inicialmente usaram da luta corporal e saíram ilesos ou feridos, portanto vivos, foram de **42,8%** (6).

No cômputo geral, entre ilesos, feridos ou mortos dos que tomaram a decisão de reagir, independentemente de outras variáveis, chegamos ao total de **76,5%** (127) de sobreviventes e **23,5%** (39) de mortos.

Fizemos, a exemplo dos capítulos anteriores, a comparação como numa espécie de 'duelo' dos clássicos filmes de faroeste. Correlacionamos as variáveis vítima única, criminoso único e ambos com arma de fogo real. Analisamos então, o resultado no tocante à integridade física da vítima. Deixamos de detalhar neste momento, as consequências para o criminoso por não ser escopo do estudo. O nosso foco é a vítima!

Chegamos ao total de 39 (**23,4%**) do total de vídeos da amostragem com o perfil de 'duelo.'

Gráfico 5 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e reagindo contra um criminoso, ambos com arma de fogo real, de acordo com o resultado à integridade física, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Sob outra ótica e contexto, as vítimas que reagiram contra um criminoso apenas visível nas imagens e que portava arma de fogo real, segundo os áudios dos vídeos ou outras fontes que utilizamos, o índice de sobrevivência também se mostrou bem superior ao de mortes. Sendo **79%** (31) ilesos, **8%** (3) feridos e **13%** (5) que morreram. Dessas cinco que morreram, nenhuma era policial feminina. Isso evidencia a alta performance das mulheres policiais no quesito 'sobrevivência' em qualquer cenário analisado quando comparada aos colegas masculinos.

Segundo os dados da pesquisa do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) intitulada "Perfil das Instituições de Segurança Pública[86]", realizada anualmente desde 2004 coletando dados da estrutura e funcionamento das polícias militares, civis e corpos de bombeiros militares, quando somamos o quantitativo somente de policiais militares e civis que, por excelência têm a arma de fogo como instrumento de trabalho, chegamos ao total de 513.547 (quinhentos e treze mil quinhentos e quarenta e sete) no ano de 2018. Desses, os masculinos somaram 438.203 (85%) e os femininos 75.344 (15%). Um certo raciocínio lógico pode ir na seguinte direção: se o país está violento para todos e as policiais femininas constituem 15% do efetivo total das polícias militares e civis, seria 'razoável' encontrar na vitimização dessas profissionais percentuais de certo modo equivalentes e proporcionais. No entanto, como visto ao longo desta obra, as mulheres, em quaisquer cenários estudados, têm performances bem superiores aos colegas de profissão. Isso dá azo para outras pesquisas nessa seara.

---

[86] Disponível em: https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/estudos-e-pesquisas/pesquisas-perfil-da-instituicoes-de-seguranca-publica. Acesso em: 05 mar. 2021.

3.8 Quanto ao momento da reação da vítima

Antes de entrarmos nos dados em si, fazemos um recorte para lembrar, por oportuno, que o Código Penal Brasileiro[87] no seu artigo 25 trata de uma das excludentes de ilicitude, ou seja, que isenta a pessoa que pratica uma ação descrita como crime da aplicação de pena no caso em concreto. Uma delas é a legítima defesa, afirmando o texto legal que

> **Art. 25 -** Entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem.
> **Parágrafo único.** Observados os requisitos previstos no caput deste artigo, considera-se também em legítima defesa o agente de segurança pública que repele agressão ou risco de agressão a vítima mantida refém durante a prática de crimes.

Considerando que o nosso escopo não é o aspecto jurídico dos resultados das ações das vítimas, não nos aprofundaremos em doutrinadores ou jurisprudências sobre a matéria. Vamos nos limitar a afirmar que todos os cidadãos brasileiros têm o direito de se defender e a outrem usando qualquer meio, de forma moderada, para rechaçar qualquer atentado contra a vida ou patrimônio. A segurança física precede sempre, no nosso modo de ver, a segurança jurídica. Cabe sim mencionar o adágio popular 'melhor ser julgado por sete a ser carregado por seis', numa referência a

---

[87] Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 28 fev. 2021.

quantidade de jurados no Tribunal do Júri que julgam os crimes tentados ou consumados contra a vida e o número de pessoas que, em geral, seguram as alças dos caixões quando as pessoas são sepultadas.

Há ainda no mencionado código, o que se definiu como descriminantes putativas[88], sendo que "É isento de pena quem, por erro plenamente justificado pelas circunstâncias, supõe situação de fato que, se existisse, tornaria a ação legítima." Isso assegura que, caso a vítima venha a matar ou lesionar o criminoso, e depois de periciado o local constatado que ele portava um simulacro (réplica de arma de fogo), ou mesmo estava desarmado apenas fazendo uma simulação por baixo da camisa de tal condição, portanto, era impossível de um disparo real, ainda assim ela estará sob o abrigo da descriminante putativa citada. De modo que não será condenada em futuro processo judicial[89].

Esta variável em particular, Momento da reação, surgiu a partir de uma questão-problema formulada entre nós, autores, da forma seguinte: em que momento a vítima que está armada e decide reagir, usando a própria arma ou a luta corporal tem mais êxitos ou reveses, considerando a posição da arma do criminoso?

Para chegarmos na resposta da questão-problema acima mencionada, fizemos do seguinte modo: demos uma *pause* (pausa) no vídeo, no momento em que a vítima fez um gesto, um indicativo, uma menção que sacaria sua arma de

---

[88] Artigo 20. § 1º, Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940

[89] Para saber mais sobre doutrinadores que analisaram a legítima defesa putativa, recomendamos "Aparte eletrônico nº 09." Disponível em: http://criminal.mppr.mp.br/pagina-571.html. Acesso em: 28 fev. 2021.

fogo ou que foi ao encontro do criminoso para tentá-lo imobilizar, ao mesmo tempo em que observamos qual o momento, a posição que se encontrava o conjunto algoz/arma na cena. Em seguida verificamos o resultado desse (des) encontro quanto à integridade física da vítima. Como falamos anteriormente, embora tenhamos o 'saldo' dos criminosos, deixamos de registrar aqui por não ser o foco da pesquisa, e sim, tudo que diz respeito à vítima.

Para esse fim, dividimos o conjunto criminoso/arma em quatro Momentos como será descrito a seguir.

MOMENTO 1 – o criminoso estava se aproximando da vítima, porém sem exibir arma ou objeto na mão;

MOMENTO 2 – o criminoso abordou a vítima exibiu a arma ou objeto e em seguida manteve sob as vestes, ou seja, não a ostentava na mão;

MOMENTO 3 – o criminoso aproximou-se ou abordou a vítima exibindo uma arma ou objeto na mão;

MOMENTO 4 – o criminoso foge diante da vítima exibindo arma ou objeto na mão.

Fizemos então uma primeira análise dos casos em que a vítima decidiu reagir, usando a luta corporal ou a arma de fogo que portava inicialmente, correlacionando apenas as variáveis Momento da reação e resultado à integridade física dela, vítima, sem considerar outras circunstâncias.

Tabela 3 - Vítima de roubo tentado ou consumado, de acordo com o momento da reação e consequência à integridade física, Brasil, 2010-20.

Consequência/Momento Reação	Momento 1	Momento 2	Momento 3	Momento 4	Não Visualizado	Total
Ileso	4	16	71	2	7	100
Morte	0	0	34	1	4	39
Ferido	0	2	25	0	0	27
Total	4	18	130	3	11	166

Fonte: Os autores.

Com os dados da tabela acima, constatamos que o Momento mais perigo para a vítima esboçar ou praticar uma reação independentemente de quaisquer outras variáveis, embora, lembramos, estava portando arma de fogo, foi o terceiro conforme descrição anterior. As mortes das vítimas ocorreram, em **26%** (34) dos casos ocorridos somente neste Momento. Em relação ao total (166), o Momento 3 impactou em **20,5%**. Praticamente, todos os casos de vitimização fatal ocorreram no Momento em comento. O único caso de morte ocorrido no Momento 4, deu-se na cidade de Alagoa Grande-PB quando um policial penal do Rio Grande do Norte presenciou dois criminosos em fuga após terem praticado um roubo, sacou sua arma de fogo e perseguiu-os no centro da cidade a pé. Em determinado momento da cena, um dos criminosos, armado com uma faca, retorna da fuga e vai na direção do agente da lei que estava fora de serviço, golpeando-o várias vezes e levando-o ao óbito. Um policial militar paraibano que presenciou a cena, e estava fora de serviço e com roupas civis, interveio e matou o criminoso.

De modo contrário, a taxa de sucesso pleno, considerando o aspecto sobrevivência da vítima independentemente se lesionada ou não, ocorreram nos Momentos 1 e 2. O Momento 1 podemos entender como a proatividade, a antecipação da vítima aos acontecimentos futuros. O Momento 2 compreenderemos como o de 'leitura de cenário', pois a vítima, embora constatando o perigo iminente, aguardou o

que explicaremos mais adiante como 'janela de oportunidade', ou seja, um breve momento em que o criminoso dá um 'vacilo' para só então, efetivar a reação seja ela com a arma de fogo ou luta corporal no primeiro instante.

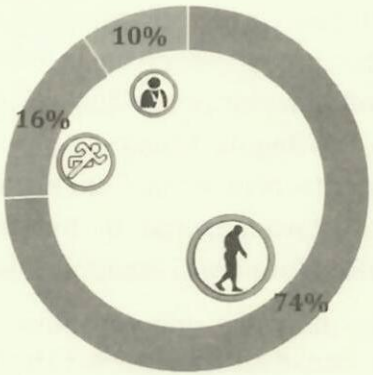
Esmiuçamos então para os cenários em que as vítimas decidiram reagir exibindo/empregando ou fazendo menção de usar a arma de fogo que portavam, no momento inicial da abordagem criminosa. De forma que investigamos qual foi esse momento, bem como a consequência à integridade física dela.

Para esse fim, filtramos dos **167** (cento e sessenta e sete) vídeos da amostragem, apenas aqueles em que as vítimas: **1]** fizeram menção de sacar ou **2]** sacaram a arma, não necessariamente que efetuaram disparos para rechaçar a atual ou iminente e injusta agressão, bem como o criminoso estava com arma real ou simulacro, ou ainda outro objeto na mão, ou seja, estava no Momento 3 acima descrito. Assim, encontramos **112** (cento e doze) vídeos com esse perfil.

Então, dos **112** (cento e doze) vídeos com o perfil mencionado acima, as vítimas saíram ilesas em **58%** (65) dos casos, seguido de **23%** (26) de mortes e **19%** (21) de feridos.

Aprofundando e detalhando ainda mais essas variáveis, fizemos a investigação quanto a uma espécie de 'duelo', ou seja, vítima e criminoso em iguais condições no tocante a portarem arma de fogo real. O gráfico seguinte mostra o resultado à integridade física da vítima.

Gráfico 6 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e reagindo contra um criminoso, ambos com arma de fogo real, no momento 3 e o resultado à integridade física, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

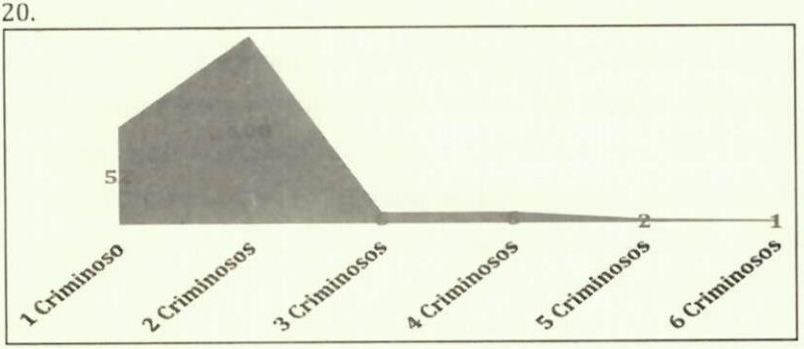
Do total de **31** (trinta e um) vídeos com o perfil estabelecido para essa correlação, ou seja, que a reação tenha sido no Momento 3 e o criminoso sozinho estava com arma de fogo real na mão, em 23 (**74%**) deles a vítima saiu ilesa, 5 (**16%**) infelizmente morreu e 3 (**10%**) finalizou ferida. Quando comparamos, por exemplo, com os 04 (quatro) casos no mesmo perfil ocorridos no Momento 2, constatamos que todas as vítimas saíram ilesas, ou seja, isso demonstra a necessidade de aguardar o que chamaremos mais adiante de 'janela da oportunidade' para ter o risco de morte diminuído consideravelmente durante a decisão de reagir.

3.9 Quanto à quantidade de criminosos

De forma similar aos capítulos anteriores, analisamos também no tocante à quantidade de criminosos visíveis nas imagens. Reforçamos a advertência feita quando da análise desta variável anteriormente que, constamos apenas o que estava visível no ângulo da câmera que registrou a cena. Pode, provavelmente, ocorrer que em alguns dos casos em que o criminoso estava 'sozinho' na imagem, ter um comparsa aguardando-o fora do(s) ângulo(s) da(s) câmera(s).

Assim, as imagens que continham explicitamente dois criminosos, constituíram 59,9% (100), seguido de um criminoso com 31,1% (52) e três ou quatro criminosos com 3,6% (6) respectivamente. No instante em que somamos os casos em que tínhamos dois ou mais criminosos, esse índice alcança 68,9% (115). É importante frisar que, embora tenhamos constatado nas cenas, a maioria, com a presença de pelo menos dois criminosos, nem todos eles estavam com arma (de fogo ou branca) ou outro objeto para ameaçar a vítima.

Gráfico 7 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com a quantidade de criminosos visíveis, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Quando aplicamos o filtro na planilha para a presença de dois ou mais criminosos, constatamos que em **91,3%** (105) a cena mostrou pelo menos um deles com uma arma de fogo. Salientamos que em virtude de alguns desses vídeos não terem os áudios, não podemos afirmar que todas eram reais, porém foram exibidas diante das câmeras. Em cinco casos não visualizamos a presença de arma na imagem, embora os criminosos tenham feito a insinuação de pegar alguma 'coisa' sob a camisa, essa 'coisa' não foi exposta. Em dois casos, respectivamente, os criminosos exibiram armas brancas ou simulacros. Em apenas um caso os dois criminosos que se aproximaram da vítima numa motocicleta, estavam desarmados quando foram revistados por ela própria que imobiliza-os apontando-lhes uma pistola.

Ainda relacionando com o comportamento do criminoso na cena, algo que nos chamou a atenção foi no tocante aos que tínhamos pelo menos dois deles, a conduta do(s) comparsa(s) quando a vítima reagiu ou houve um disparo de arma de fogo independentemente de quem o efetuou.

Dos **115** (cento e quinze) vídeos que nas imagens são possíveis visualizar mais de um criminoso, ou seja, o principal e o(s) comparsa(s), em **68%** (78) o(s) companheiro(s) de empreitada criminosa ao ver a reação da vítima decidiu por fugir do local como primeira atitude, os que apenas observaram, depois fugiram ou atacaram, constituíram **17%** (20) e, por fim, os que também atacaram a vítima imediatamente ajudando o seu companheiro, foram **15%** (17).

Gráfico 8 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com a primeira reação do(s) comparsa(s) ao visualizar a reação da vítima ou disparo, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Deixamos bem fixado que esta variável analisada, levou em conta a conduta do comparsa no exato momento em que a vítima reagiu usando a arma de fogo que portava ou a luta corporal. Em poucos casos, os comparsas embora tenham fugido no primeiro momento, esperaram o outro criminoso ou retornaram para ajudá-lo.

Com relação ao gênero dos criminosos, do total de **310** (trezentos e dez) que estavam visíveis nas imagens, **309** (trezentos e nove) eram masculinos e encontramos apenas uma mulher envolvida na cena criminosa ora estudada.

Verificamos também a mão forte dos criminosos que, no momento da abordagem contra a vítima, exibiam a arma de fogo, arma branca, simulacro ou objeto. Desse modo localizamos o total de **155** (cento e cinquenta e cinco)

vídeos com esse perfil. Desses, **92%** (142) o criminoso era destro, **6%** (10) era canhoto e em **2%** (3) o ângulo da câmera não mostrou o criminoso que efetuou os disparos contra as vítimas. Em dois desses, um em São Paulo e outro na Paraíba, as vítimas, policiais militares, foram a óbito. No outro caso, em Teresina-PI, a vítima também policial militar, ficou ferida.

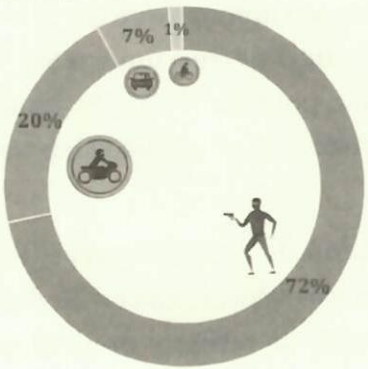
Esse achado de pesquisa serve, entre outras, para orientar os instrutores/professores de defesa pessoal, por exemplo, no sentido de práticas de desarme do criminoso serem feitas em mais de 90% das vezes para destros e uma parte da carga-horária, bem menor mas necessária, para treinar o aluno a desarmar pessoas canhotas.

3.10 Quanto ao meio de aproximação usado pelo criminoso

Seguindo o padrão dos capítulos 1, 2 e 3, averiguamos também no tocante ao meio de transporte, por assim dizer, que o criminoso usou para se aproximar da vítima.

Esse tipo de investigação correlacionando com a variável quantidade de criminosos, se mostra salutar no sentido de orientar e direcionar o leitor no tocante a comportamentos preventivos e proativos quando estiverem, por exemplo, transitando nas vias públicas e prestarem mais atenção às pessoas em volta e que se aproximam; principalmente em duplas ou mais.

Gráfico 9 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com a primeira reação do(s) comparsa(s) ao visualizar a reação da vítima, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.

Conforme mostra o gráfico acima, **72%** (120) dos cenários o criminoso se aproximou da vítima a pé. Isso não implica dizer que ele estava de fato, na chegada e na fuga, a pé. Ocorreram casos em que o comparsa aguardava-o numa motocicleta. Em **20%** (34) a abordagem foi feita com o criminoso ainda em cima de uma motocicleta, estando sozinho[90] ou com companheiro. Os que se aproximaram estando inicialmente em carro, foram **7%** (11) e **1%** (2) o criminoso estava numa bicicleta.

Via de regra, de posse desses dados, o leitor já pode desenvolver e aperfeiçoar seu próprio método de prevenção e, caso seja vítima do crime ora estudado, de reação no

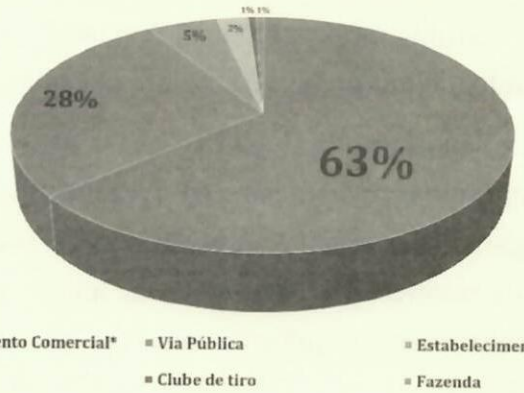
[90] Disponível em: https://ndmais.com.br/seguranca/policia/video-policial-militar-de-santa-catarina-reage-a-assalto-em-curitiba-durante-folga/. Acesso em: 06 mar. 2020.

sentido de se comportar diante da cena. A reação à qual nos referimos vai na direção de inclusive ficar quieta, parada, para melhor julgamento do contexto.

3.11 Quanto ao local do crime

Também investigamos os locais onde as vítimas estavam no exato momento da abordagem criminosa. Decidimos por agrupar/aglutinar os **28** (vinte e oito) locais distintos para diminuir a quantidade de divisões na montagem do gráfico.

Gráfico 10 – Vítima de roubo tentado ou consumado, estando a pé e armada, de acordo com o local do fato, Brasil, 2010-20.



Fonte: Os autores.
* lojas, farmácias, postos de combustíveis, bares/lanchonetes/restaurantes/pizzarias, supermercados/mercadinhos, correios, etc.
** bancos, caixas eletrônicos e lotéricas.

Assim, podemos constatar que os estabelecimentos comerciais, nas mais diversas configurações, foram os locais na amostragem que mais ocorreram registros, alcançando

63% (106) das imagens. A via pública, incluindo nela os que ocorreram numa parada de ônibus, atingiu **28%** (46), seguida ainda de estabelecimento financeiro **5%** (9), residência **2%** (4) e clube de tiro ou fazenda com **1%** (1) respectivamente.

O caso ocorrido no interior de um clube de tiro[91] na cidade de Manaus-AM, nos chamou a atenção tendo em vista a peculiaridade do local, ou seja, se presume que todos ou a maioria dos que ali estão presentes, portam arma de fogo. Esse fator não intimidou o criminoso que, sozinho nas imagens, roubou um militar que lá se encontrava e o feriu com um tiro após a vítima ter reagido inicialmente com luta corporal e, quando o bandido fugia, efetuou disparos.

Esse fato ocorrido no clube de tiro, reforça a necessidade de fazer um *upgrade* no *mindset* para imaginar que em qualquer lugar, dia da semana ou horário as pessoas podem ser vítimas de crimes com características iniciais de roubo, embora encontramos frequências maiores em estabelecimentos comerciais e vias públicas como um todo, mas vale aqui lembrar outro adágio popular que diz 'todo cuidado ainda é pouco', sobretudo em se tratando de sobrevivência.

---

[91] Disponível em: https://reportermanaos.com.br/vvvideo-coronel-do-exercito-e-baleado-por-bandidos-no-clube-de-tiro-do-amazonas/. Acesso em 03 nov. 2020.

Podemos diante dos dados apresentados inferir que, se uma pessoa portar arma de fogo e tiver o devido treinamento para a situação criminosa aqui pesquisada, ou seja, crime com característica inicial de roubo, ela terá suas chances de sobreviver aumentadas. Para isto acontecer, entendemos que outros vetores que serão detalhados no capítulo FATORES QUE INFLUENCIAM NA SOBREVIVÊNCIA, devem ser levados em conta nessa equação. De outro lado, também podemos afirmar que, só o fato de estar portando uma arma de fogo não implica na garantia de sobrevivência em todos os cenários. Os estudos de outros autores citados, mostram que vários policiais militares, por exemplo, morreram com tiros disparados da própria arma que portavam.

TIPOLOGIA DE VÍTIMAS POLICIAIS

Oficial da PM tenta reagir a assalto e acaba sendo baleado com 2 tiros [92]
Publicado em 03/02/2020 – Por Davi Sahid

O Oficial da Policia Militar Amarildo Carneiro da Costa, de 56 anos, foi ferido com dois tiros na noite desta segunda-feira (3) durante uma tentativa de assalto na rua Licênio de Azevedo Maia, no bairro Xavier Maia, em Rio Branco.

De acordo com informações da polícia repassadas à reportagem do ac24horas, Amarildo estava caminhando na rua quando dois homens não identificados, membros de organização criminosa se aproximaram em uma motocicleta e o garupa de posse arma de fogo anunciou o assalto. O policial tentou reagir puxando a pistola da cintura e no momento que estava pegando a arma, o criminoso efetuou dois tiros. Um dos projeteis atingiu o militar no abdômen e outro no braço. Em seguida os bandidos fugiram sem levar nada.

A ambulância do suporte avançado do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) foi acionada, prestou os primeiros atendimentos a vítima e a conduziu ao Pronto Socorro de Rio Branco. Segundo o médico do Samu, o oficial deu entrada no hospital em estado de saúde estável, podendo a situação se agravar.

---

[92] Disponível em: https://ac24horas.com/2020/02/03/oficial-da-policia-militar-tenta-reagir-a-assalto-e-acaba-sendo-baleado-com-dois-tiros/. Acesso em: 03 fev. 2020.

> Várias guarnição da Polícia Militar estiveram no local, colheram as características dos faccionários e em seguida fizeram várias rondas na região busca de prender a dupla motocicleta, mas ninguém foi encontrado.
> O caso segue sob investigação dos Agentes da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

"Não se admite mais, mediante toda a literatura existente, a ideia de que por vocação ou por treinamento, os agentes – mesmo os de grupos de elite – têm superpoderes"
(MINAYO, 2014, p.525[93])

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

É comum tomarmos conhecimento nos noticiários escritos e televisivos, principalmente, bem como nas 'conversas da caserna' relatando que um policial brasileiro (militar, civil, penal, federal, rodoviário federal, bombeiro militar ou guarda civil municipal) ou integrante das Forças Armadas, fora vítima de um crime violento de roubo[94] ou latrocínio[95] tentado ou consumado estando fora de serviço institucional, ainda que o fato tenha ocorrido no desloca-

---

[93] MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Vitimização Profissional. In: LIMA, Renato Sergio de. RATTON, José Luiz. AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. (Orgs.) **Crime, Polícia e Justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

[94] Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

[95] Art. 157 - § 3º Se da violência resulta: II – morte, a pena é de reclusão de 20 (vinte) a 30 (trinta) anos, e multa.

mento para assumir o plantão ou no seu retorno para à residência e, acrescido de, em alguns casos, estar usando a farda da corporação em que presta seu labor.

Há no senso comum o pensamento que o policial está de serviço 24 horas por dia, independentemente da situação e das condições em que se encontra. Esse pensamento em alguns momentos tem levado à vitimização por vezes desnecessária dos *law enforcement* brasileiros, sobretudo na condição de estarem fora de serviço. Numa consulta em grupos de aplicativo de mensagens *WhatsApp*, perguntamos aos policiais de todos os estados no tocante a existência de algum policial brasileiro condenado na justiça comum ou militar pelo crime de prevaricação[96][97] estando fora de serviço, presenciando um crime de roubo e não fazendo intervenção. A resposta foi de não terem registro de condenação nesse sentido.

Nesse sentido, os autores a partir do ano de 2015 iniciaram uma pesquisa catalogando notícias (escritas, vídeos e relatos pessoais) em que policiais foram vitimados fora de serviço, em particular dos crimes de roubo ou latrocínio, conforme foi detalhado no capítulo 1.

---

[96] Art. 319 (CPB) - Retardar ou deixar de praticar, indevidamente, ato de ofício, ou praticá-lo contra disposição expressa de lei, para satisfazer interesse ou sentimento pessoal: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

[97] Art. 319 (CPM) Retardar ou deixar de praticar, indevidamente, ato de ofício, ou praticá-lo contra expressa disposição de lei, para satisfazer interesse ou sentimento pessoal: Pena - detenção, de seis meses a dois anos.

Identificamos que em vários desses cenários, o policial inicialmente não era o alvo inicial/primário dos criminosos, ou seja, ele estava na cena/local (bar, lanchonete, casa lotérica, farmácia, ônibus, posto de combustível, parada de ônibus, supermercado/mercadinho, etc.), presenciou a ação dos criminosos contra as outras pessoas que ali estavam e tomou a decisão de fazer uma intervenção, na quase totalidade das vezes, armado.

Buscamos alguns teóricos no ramo da vitimologia e encontramos em Benjamin Medelsohn (1956), alguns conceitos que nos ajudaram a entender um pouco mais esse cenário de vitimização. Nesse sentido Medelsohn (1956) *apud* Minayo (2014, p. 520[98]) "cunhou a expressão 'vitimologia' como o estudo do processo que leva uma pessoa a ser vítima e a ciência que trata da *relação* entre vítima e agressor." Ainda na mesma seara Medelsohn (1956) *apud* Minayo (2014, p. 520[99]) estabeleceu a "expressão '**vítima precipitante**' referindo-se ao fato de que muitas pessoas têm uma atitude, talvez inconsciente, que as leva a serem lesionadas ou mortas." (grifamos).

E, por fim, Medelsohn (1956) *apud* Minayo[100] (2014) estabeleceu uma classificação das vítimas relacionada ao seu grau de inocência, em quatro tipos:

---

[98] *Op. Cit.*
[99] *Op. Cit.*
[100] *Op. Cit.*

1) a vítima totalmente isenta quando ignora a possibilidade de ser agredida;
2) a vítima tão culpada como o perpetrador, em situações em que compartilha com ele os resultados do dano;
3) a vítima mais culpada que o perpetrador por ter provocado a violência; e
4) vítima-culpada, ou seja, a que recebe o revide por seu ataque.

Assim, ao analisar de forma mais detalhada e crítica a vitimização dos policiais fora de serviço em contextos de roubos ou latrocínios, valendo-nos dos textos e, principalmente, de imagens em vídeos publicados no YouTube e redes sociais, constatamos que, em alguns casos, a decisão de ser vitimado partiu do próprio policial e não especificamente do criminoso. Deixamos evidente que, jurídica e eticamente falando, a culpa será sempre do criminoso que provocou o início do fato, porém, sob o ponto de vista de autoproteção, vitimização ou sobrevivência policial, o policial tem a faculdade, em dois cenários a seguir analisados, de entrar para as estatísticas e ser mais um 'número'.

Desse modo, analisando o acervo de reportagens, vídeos e relatos pessoais, estabelecemos quatro tipos de vítimas policiais fora de serviço em cenários de roubos ou latrocínios. Enfatizamos que essas classificações por nós desenvolvidas, tem como alicerce a condição de sobrevivência e apresentação do caso numa delegacia policial. Imaginemos então que o policial, ao se apresentar na delegacia de polícia após disparar e atingir um criminoso que acabara de roubar uma pessoa num estabelecimento comercial qual-

quer, narra o ocorrido. Numa primeira análise, ele foi o autor de um crime de lesão corporal, no entanto levando em consideração o contexto, o delegado habilmente o enquadrará como vítima, usando para tal, a excludente da legítima defesa. Assim, explicado, segue a classificação:

1 – VÍTIMA DIRETA

2 – VÍTIMA INDIRETA

3 – VÍTIMA DILIGENTE

4 – VÍTIMA VIGILANTE

5 – VÍTIMA DE CRIME EVITÁVEL

Após publicarmos a 2ª edição desta obra, constatamos que vários cidadãos e policiais estavam sendo vítimas de crimes por motivos aparentemente fúteis e banais, sem muita 'lógica' para sua ocorrência. Também verificamos, em reportagens e vídeos no YouTube e redes sociais, diversas imagens de fatos que rotulamos inicialmente como CRIME EVITÁVEL.

Para exemplificar essa assertiva, decidimos realizar uma busca no *Google* usando a expressão 'Homem é morto em discussão.' Filtrando apenas para as 'Notícias' e desconsiderando outras formas e formatos, podemos ler dezenas de reportagens escritas, como mostramos no quadro resumo abaixo.

Quadro 5.1 – Títulos de reportagens de vítimas após discussão.

Homem é morto a tiros após discussão em bar na zona Leste; corpo é encontrado por irmão
Homem é morto com golpe de faca após discussão em Campo Grande
Homem é morto a tiros após jogar salgado em dono de lanchonete
Homem é morto com golpes de porrete de madeira após discussão, na Paraíba
Por vaga de estacionamento
'Acordou e morreu', diz esposa de motorista morto em discussão com vizinho

Fonte: Os autores com *Google*.

Lendo o teor dessas e de outras centenas de matérias com conteúdo similar, constatamos que, na quase totalidade dos casos, os envolvidos eram pessoas sem nenhum antecedente criminal, ou seja, pessoas do 'bem' que, por um motivo banal ou fútil, acabaram se envolvendo em uma situação criminosa.

Avançando nas buscas e pesquisas por casos dessa natureza, decidimos então fazer algo similar para os policiais brasileiros.

Para isso, usamos as expressões 'Policial é morto após discussão' e 'Policial é morto após briga.' No quadro abaixo, demonstramos o resultado resumido de dezenas de matérias reportando ocorridos envolvendo esses profissionais de segurança pública.

Quadro 5.2 – Títulos de reportagens de vítimas policiais após discussão.

Policial é morto a tiros em briga de trânsito na Zona Norte do Rio
Policial penal é morto a tiros após discussão dentro de condomínio
Policial é morto a tiros após briga durante confraternização em bar na zona leste de SP
Policial militar é morto pelo irmão após discussão por cachorros em Arapiraca
Policial é morto com suposto tiro acidental disparado durante briga com a esposa em MT
Tenente da Polícia Militar é morto por policial da reserva durante briga de trânsito
Discussão acaba com policial civil morto a tiros por PM em delegacia no litoral paulista
Policial civil atira contra policial militar após ser flagrado agredindo homem
Policial penal do Pará é indiciado por tiroteio em Augustinópolis que deixou um PM morto e quatro pessoas feridas
Policial é internado após ser esfaqueado pela esposa em Sorocaba
Cabo é presa acusada de matar ex-marido, também PM, após encontrá-lo com outra mulher
Guarda municipal fica ferido ao trocar tiros com PM de folga, em Piraquara
RJ: policial militar atira na cabeça de sargento da PM em briga de trânsito
Policial militar foi espancado após discussão sobre som automotivo
Soldado da PM é preso por atirar contra tenente em briga de trânsito
PM mata a tiros outro policial após discussão em frente a bar no meio da rua no Recife

Fonte: Os autores com *Google*.

De modo similar aos cidadãos 'comuns', centenas de policiais também perderam suas vidas ou ficaram feridos após uma discussão 'banal ou fútil' com outro policial, amigo, cônjuge, enfim, pessoas aparentemente sem 'antecedentes criminais.'

Considerando que a essência desta obra é incentivar e estimular o(a) leitor(a) a SEMPRE VOLTAR VIVO(A) PARA CASA, decidimos acrescentar esse tipo de vítima policial que também se aplica a qualquer pessoa: VÍTIMA DE CRIME EVITÁVEL.

Assim, passamos a ter cinco tipos de vítimas policiais, doravante: Direta, Indireta, Vigilante, Diligente e de Crime Evitável.

2 VÍTIMA DIRETA

Quando ela está na cena inicial do crime, é abordada diretamente ou está na iminência de sê-lo pelo criminoso, mesmo havendo outras pessoas no cenário. Nesse contexto, a VÍTIMA DIRETA não tem escolhas. Ela está no *front*, ou seja, no 'centro do furacão.' Deve, então, valer-se do seu conhecimento e treinamento recebidos para sobressair ao perigo concreto à sua sobrevivência, ou seja, ela não tem a faculdade de intervir ou não.

Para ilustrar essa tipologia de vítima, reproduzimos essa reportagem:

> **Policial é assaltado enquanto pedalava em João Pessoa**[101]
> *Criminosos roubaram a bicicleta e uma pistola do policial.*
> Por Redação - 21 de dezembro de 2017
> Um oficial do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope) foi assaltado na manhã desta quinta-feira

[101] Disponível em: http://portalcorreio.com.br/policial-e-assaltado-enquanto-pedalava-em-joao-pessoa/. Acesso em: 21 dez. 2017.

> (21), na área entre Manaíra e o bairro São José, em João Pessoa.
> Os bandidos teriam saído de um matagal e o PM foi abordado quando passava de bicicleta pela área. O policial não pôde reagir e acabou rendido.
> Os criminosos roubaram a bicicleta e uma pistola do policial. Eles fugiram e até o fechamento desta matéria ainda não haviam sido presos.

Como visto, o policial militar foi abordado diretamente pelos criminosos. Dada as condições em que se encontrava, decidiu adotar uma conduta passiva, ou seja, não reativa e, desse modo, mesmo tendo a sua arma roubada, permaneceu vivo e ileso.

3 VÍTIMA INDIRETA

Quando ela está na cena inicial do crime, presencia os criminosos praticarem o roubo contra terceiros e toma a decisão de intervir, armado ou não. Nesse contexto, a VÍTIMA INDIRETA tem a opção, a faculdade de intervir. Além disso, tem a oportunidade de 'escolher' o momento para intervir.

Ilustramos essa tipologia com um fato lamentável ocorrido na cidade de João Pessoa-Paraíba no ano de 2018, onde os autores residem e tiveram acesso às imagens do Circuito Fechado de Televisão (CFTV) e relatórios sobre o ocorrido, conforme reportagem seguinte:

Policial militar morre após troca de tiros com assaltantes, em João Pessoa[102]

PM estava de folga quando presenciou tentativa de assalto a uma idosa e decidiu confrontar os suspeitos, mas foi baleado.

Por G1 PB 30/06/2018 18h53

Um policial militar morreu na tarde deste sábado (30), após troca de tiros com dois assaltantes no Centro de João Pessoa. De acordo com a assessoria de imprensa da Polícia Militar, o PM tentou impedir um assalto a uma mulher e foi baleado.

Segundo a assessoria, o policial Ewerton Fernandes Barros estava de folga quando passava na Avenida João Machado e presenciou uma tentativa de assalto a uma idosa que estava no local e decidiu confrontar os suspeitos.

Durante a troca de tiros, um dos assaltantes foi baleado pelo policial e morreu ainda no local. O outro suspeito conseguiu fugir.

O policial também foi atingido na troca de tiros e chegou a ser socorrido por uma equipe do Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu), mas não resistiu e morreu a caminho do Hospital de Trauma.

A assessoria informou que o corpo de Ewerton Fernandes está no Departamento de Medicina Legal (DML) de João Pessoa e o velório ainda não tem horário marcado. O policial militar atuava na PM há dois anos.

Constatamos pelas imagens de CFTV que o policial militar vítima, nesse fatídico dia, estava numa motocicleta transitando normalmente, momento em que visualizou uma senhora sendo vítima de roubo. Decidiu então fazer a inter-

[102] Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/policial-militar-morre-apos-troca-de-tiros-com-assaltantes-em-joao-pessoa.ghtml. Acesso em: 01 jul. 2018.

venção. Ao descer da sua motocicleta e anunciar que era 'polícia' recebeu como resposta do criminoso, tiros disparados que lhe atingiram e foram fatais mesmo sendo prontamente socorrido ao hospital. O criminoso, de igual modo, foi atingido e foi à óbito.

4 VÍTIMA DILIGENTE

Quando ela não está na cena inicial do crime e é informada por terceiros do ocorrido. Deixa o seu ambiente seguro, normalmente é a sua residência, e vai em diligência no sentido de localizar os criminosos.

Podemos ilustrar esse comportamento com o caso seguinte:

> **Policial Militar é baleado no bairro do Róger, em João Pessoa**[103]
>
> A vítima foi identificada como sub-tenente Levi, de 48 anos. Ele foi socorrido para o hospital de emergência e trauma da capital.
>
> *Por Redação ClickPB Publicado em 10.02.2020 às 21:49*
>
> Um sub-tenente da Polícia Militar foi baleado no início da noite desta segunda-feira (10) no bairro do Róger, região central de João Pessoa. De acordo com informações repassadas por um amigo da vítima, houve uma tentativa de assalto e o policial tentou evitar a fuga dos suspeitos.
>
> A vítima foi identificada como sub-tenente Levi, de 48 anos. Ele foi socorrido para o hospital de emergência e trauma da capital. O amigo do PM informou que ele foi socorrido consciente e orientado e foi atingido na perna. A

[103] Disponível em: https://www.clickpb.com.br/Policial/policial-militar-e-baleado-no-bairro-do-roger-em-joao-pessoa-277694.html. Acesso em: 10 fev. 2020.

> equipe da Polícia Militar que chegou primeiro ao local do crime estava fazendo rondas na área da 3ª Companhia quando receberam a informação de um PM baleado. Ao chegarem ao local os policiais foram informados que os tiros partiram de uma dupla que estava em uma moto. O agente teria sido atingido justamente no momento em que se identificou para os suspeitos como policial. Rondas foram feitas para tentar localizar algum suspeito. Um homem ferido foi deixado por um carro na uma Unidade de Pronto Atendimento, em Bayeux, região metropolitana de João Pessoa. A polícia desconfia de que ele seja suspeito do crime contra o policial e deve fazer o reconhecimento.
> O suspeito será transferido para o hospital de emergência e trauma. Familiares do sub-tenente se dirigiram para a unidade em busca de notícias. O PM não corre risco de morte.

Neste caso, como ocorreu na cidade onde os autores moram, tivemos acesso às imagens de Circuito Fechado de Televisão (CFTV), além do acesso ao relatório da ocorrência. Em verdade, o Subtenente vítima foi informado por um amigo que dois criminosos tinham roubado uma transeunte numa rua próxima onde estava o policial vítima. Esse, por sua vez, solicitou ao amigo que o acompanhasse na moto para identificar a referida dupla; o que ocorreu instantes depois considerando a proximidade do local, iniciando um tiroteio após a tentativa de abordagem aos dois criminosos por parte do Sargento e finalizando, pelas imagens, com ele e um dos criminosos ferido. O outro criminoso fugiu ileso.

Constatamos que o 'alvo' primário dos criminosos não era o policial vítima reportado no texto, e sim uma mulher transeunte. Por alguma razão, ele decidiu sair da sua

zona de segurança e intervir armado. Nesse cenário ele tinha a opção de ligar para o número de emergência 190, solicitar e aguardar o apoio de outros policiais militares, fazer um acompanhamento a distância e mantendo a central de emergência informada permanentemente do trajeto ou ainda escolher o momento 'menos inseguro' para realizar a intervenção. Ou seja, ele teve a faculdade de ser vítima.

Ainda podemos usar uma estória anedótica de guerra. Assim, vejamos as condições de um soldado nas trincheiras, um piloto de caça e um general no posto de comando.

No cenário de uma guerra hipotética, os soldados estando cercados pelo inimigo são o que estamos classificando de **VÍTIMA DIRETA**; eles não têm a faculdade de ser ou não a vítima. Intervir ou não. Devem usar seus conhecimentos e treinamentos pertinentes para sobreviverem.

Ainda nessa mesma guerra imaginária, temos o piloto de caça que visualiza a cena acima citada. Ele, numa análise primária e sem levar em conta os fatores éticos ou heroicos, tem a faculdade de ser uma **VÍTIMA INDIRETA** ao aproximar a sua aeronave, para salvar os soldados encurralados, do alcance dos tiros da artilharia inimiga.

O general, por seu turno que está localizado e seguro no posto de comando, recebe a informação do violento combate e por razões que não cabe aqui entrar no mérito ou

discussão pormenorizada, decide ir em auxílio às suas tropas, transformando-se potencialmente numa **VÍTIMA DILIGENTE**.

Desse modo, temos que a condição do piloto de caça e do general se enquadram nas duas últimas tipologias de vítima. Os soldados nas trincheiras estão, portanto, na primeira classificação, ou seja, já foi 'escolhida' pelo inimigo, e não possui mais a condição de escolher se vai participar do evento, ele já faz parte, portanto está no 'centro do furacão.' O que lhes resta é saber responder ao evento de modo que SOBREVIVA.

5 VÍTIMA VIGILANTE

Quando ela suspeita do comportamento de um indivíduo em determinado local. Faz um acompanhamento remoto e em certo momento decide fazer a abordagem, estando armado ou não. No caso dos policiais, também estão fora de serviço. Ao realizar essa abordagem encontra, por exemplo, uma arma de fogo não registrada. Não se pode afirmar que o indivíduo iria praticar mais um crime qualquer em seguida (roubo, estupro, homicídio, latrocínio etc.), além do já existente, porém sob o ponto de vista da sobrevivência da vítima ela tinha a opção de participar ou não do 'combate.' Ademais, caso o indivíduo abordado praticasse uma reação e viesse, por exemplo, a matar a pessoa que o abordou, ela seria o que chamamos de VÍTIMA VIGILANTE, pois

estava atenta (vigilante, atenta, focada etc.) ao que se passava em volta do cenário onde se encontrava.

Ilustramos esse tipo de VÍTIMA VIGILANTE com o caso de um Sargento da Polícia Militar da Paraíba, aluno no nosso Workshop de Proteção Pessoa (WPP), que ao caminhar numa das ruas de um bairro da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, percebeu um indivíduo com comportamento destoante das demais pessoas que estavam próximas a um estabelecimento comercial. Decidiu abordar e, no momento que se identificou como policial militar, o indivíduo iniciou uma fuga a pé, entrando em residências e saltando muros. Em dado momento, o Sargento conseguiu prender o fugitivo e com ele encontrou um revólver. O Sargento, VÍTIMA VIGILANTE, acionou o número de emergência 190, e solicitou a presença das viaturas ostensivas para a condução da ocorrência à delegacia.

Com relação as VÍTIMAS INDIRETAS, DILIGENTES e VIGILANTES, foi possível constatar que essas tinham a oportunidade de escolher se: iriam participar naquele momento, como iriam participar e até mesmo se solicitariam reforços de outras pessoas ou acionando o número de emergência e gratuito,190.

6 VÍTIMA DE CRIME EVITÁVEL

Conforme mencionamos, após a publicação da 2ª edição desta obra, constatamos dezenas de casos em que

policiais eram feridos ou mortos por outros policiais, estando em serviço ou fora dele, bem como por pessoas do seu círculo de amizade.

Considerando que o propósito dos autores é estimular e incentivar a vítima a sempre voltar viva para casa, independentemente do meio utilizado, decidimos acrescentar esse tipo de vítima policial: Vítima de Crime Evitável.

Partimos do pressuposto de que não faz sentido um profissional de segurança pública, devidamente treinado, remunerado e com presumível equilíbrio emocional, se envolver em fatos de natureza banal ou fútil a ponto de finalizar na condição de vítima ou autor de um fato plenamente evitável.

Para ilustrar nossa assertiva, mostramos a seguir uma reportagem sobre a morte de um soldado da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), perpetrada por outro soldado, sendo o segundo integrante da Polícia Militar do Tocantins (PMTO).

> **Policial militar da Paraíba morre após ser baleado por outro PM em um bar, no Tocantins**[104]
> Ele foi baleado em um bar na cidade de Palmas, no estado do Tocantins. De acordo com a PM, testemunhas disseram que houve uma confusão e em seguida os tiros foram disparados
> Redação 15/04/2024 16:19

[104] Disponível em: https://portalcorreio.com.br/policial-militar-da-paraiba-morre-apos-ser-baleado-por-outro-pm-em-um-bar-no-tocantins/. Acesso em: 15 abr.2024.

> Morreu, na tarde desta segunda-feira (15), o policial militar da Paraíba, Eltas Max Barbosa, de 33 anos. Ele foi baleado em um bar na cidade de Palmas, no estado do Tocantins. De acordo com a PM, testemunhas disseram que houve uma confusão e em seguida os tiros foram disparados.
> O principal suspeito do crime é o também policial militar, Antônio Ezequiel de Souza Santos, de 24 anos. Ele se apresentou pela manhã e foi ouvido em uma delegacia da Polícia Civil do estado e foi liberado para responder em liberdade.
> A confusão aconteceu na madrugada desta segunda-feira (15) em um bar em Palmas. Eltas estava internado no Hospital Geral de Palmas (HGP) e não resistiu aos ferimentos. Como não se trata de um crime militar, o caso será investigado na esfera civil. A PM de Tocantins adotou medidas preliminares para apuração interna do ocorrido. Ainda não há informações sobre o velório e sepultamento do militar paraibano.
> Em nota, a Polícia Militar da Paraíba lamentou a morte precoce do oficial.

No caso exposto, entendemos que não haveria necessidade alguma desse óbito. Ambos os policiais militares estavam fora de zona de combate ou hostil para a qual são muito bem treinados ao longo da carreira. Dizendo de outra forma, é uma morte totalmente evitável.

Outro caso que teve grande repercussão na imprensa nacional e entre os profissionais de segurança pública ocorreu no interior de um batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), onde um capitão atirou e matou um sargento durante o expediente. Vejamos uma das matérias.

Corpo de sargento da PM morto a tiros por colega dentro de quartel será enterrado em Franca, SP[105]
Rulian Ricardo da Silva teria se envolvido em discussão com capitão da PM e sacado uma arma. Capitão disse que atirou em legítima defesa.
Por EPTV 06/04/2023 12h47

O corpo do sargento da Polícia Militar Rulian Ricardo da Silva vai ser enterrado na tarde desta quinta-feira (6) no Cemitério Santo Agostinho em Franca (SP). Rulian morreu baleado dentro do quartel da PM em São Paulo (SP) ao se envolver em uma discussão com colegas.
De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado de São Paulo, os tiros foram disparados pelo capitão da PM Francisco Laroca.
A Corregedoria da PM acompanha o caso.
Segundo informações apuradas pela EPTV, afiliada da TV Globo, o crime ocorreu após uma discussão por causa de uma escala de plantão em razão do feriado da Páscoa.
De acordo com o Comando da PM, o sargento Rulian teria questionado o capitão Laroca porque queria passar o feriado em Franca com a família, e os dois começaram a discutir.
O Comando informou que Rulian sacou uma arma, e Laroca, que também estava armado, acabou atirando três vezes para se defender. O motorista do capitão também atirou uma vez contra o sargento.
Rulian foi atingido no pescoço e na barriga. Ele morreu dentro do alojamento da PM.
As armas dos três policiais foram apreendidas.

Novamente, insistimos que o óbito do Sargento era plenamente evitável. Sem entrar no mérito específico de

---

[105] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2023/04/06/corpo-de-sargento-da-pm-morto-a-tiros-por-colega-dentro-de-quartel-sera-enterrado-em-franca-sp.ghtml. Acesso em: 6 abr. 2023.

cada caso, que caberá ao Poder Judiciário, limitamo-nos a afirmar que todos e quaisquer casos envolvendo pessoas sem antecedentes criminais, de boa índole, que possuem emprego, moradia, grau de escolaridade etc., são plenamente evitáveis, necessitando, entre outras atitudes, de uma capacidade de resiliência e controle emocional no ápice da fúria ou frustração.

Essas descobertas têm direcionado os autores ao desenvolvimento de uma metodologia de Treinamento Baseado em Evidências (TBE), no sentido de propiciar aos discentes, independentemente de serem policiais ou não, a capacidade de distinguir o tipo de vítima que possam vir a ser, e assim contribuir para PRESERVAR VIDAS inocentes.

Por fim, para cada contexto, o *mindset* escolhido influenciará de algum modo na sobrevivência da vítima, seja o *Calmness*, *Survival*, *Respect* ou *Warrior*, como descrevem Alexis Artwohl e Loren W. Christensen[106].

E você, será algum dos tipos de vítimas elencadas ou uma testemunha qualificada?

---

[106] ARTWOHL, Alexis; CHISTENSEN, Loren W. **Deadly Force/ Encounters**: Cops and Citizens Defending Themselves and Others. 2 ed. Publicação Independente, 2019.

NA HORA DA VERDADE SOBREVIVI

Policial sequestrado reage, fere um bandido e mata outro, no banco Santander do Retão de Manaíra[107]

18/09/13 - 11:39 - Atualizado em 18/09/13 - 15:16

Um dos assaltantes morreu, outro está em estado grave - perdeu massa encefálica - e o terceiro foi capturado pela polícia.

No final da manhã desta quarta-feira (18), o cabo Bandeira, da Polícia Militar, foi sequestrado por três elementos e levado até à agência do Banco Santander, no Retão de Manaíra, em João Pessoa, para sacar uma quantia em dinheiro. Na ocasião, o policial estava à paisana, porém armado. E, em um momento de distração de seus sequestradores, efetuou disparos; matando um e ferindo outro.

Os criminosos são do bairro São José e desconheciam o envolvimento de Bandeira com a polícia. Na entrada da agência, o PM reagiu rapidamente e matou um dos homens. Outro foi atingido na cabeça por uma bala e perdeu massa encefálica; ele ainda está vivo, mas perdeu um olho e possui poucas chances de

---

[107] Disponível em: http://www.wscom.com.br/noticia/policial/pm+reage+a+sequestro+e+mata+1+bandido-157074. Acesso em: 20 set. 2013.

sobreviver. O terceiro, não atingido pelo refém, foi preso e encaminhado para a Central de Polícia.
Os três assaltantes ainda não foram identificados.

1 O TEATRO DOS HORRORES

A história que iremos contar agora foi vivenciada por um dos coautores desta obra, Valdomiro Bandeira de Sousa Neto, que foi vítima de um sequestro no ano de 2013, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. Ter na equipe alguém que passou por uma situação tão cruel acabou possibilitando uma análise mais aprofundada da realidade vivenciada por uma vítima de roubo, em especial um policial paisano (vestido em trajes civis), que foi escolhido como vítima por três criminosos. O sequestro de Bandeira acabou se tornando um dos pontos de partida para a realização de nosso trabalho.

Vivemos um momento em que a violência se apresenta como algo que faz parte do cotidiano, afetando a sociedade de tal maneira que, ou já fomos vítimas de um crime violento, ou conhecemos alguém que foi, ou pior, temos a desesperadora sensação de que mais cedo ou mais tarde seremos uma vítima. Constantemente nos deparamos com notícias trágicas de pessoas que perderam a vida em virtude de ações criminosas, sejam em roubos, sequestros, estupros ou homicídios. Os crimes violentos entraram de vez no dia a dia da sociedade, seja pelas nossas experiências ou pela mídia.

Ou a violência dá muita audiência ou é a única matéria que nos interessa. É essa a impressão que temos quando ligamos uma TV, um rádio ou interagimos pelas redes sociais. De um modo geral, nos mostra um mundo de crueldades, são histórias de pessoas com as vidas destruídas por ações criminosas, cidadãos comuns que, na qualidade de vítimas, parecem realmente gozar do princípio constitucional da isonomia: 'todos são iguais'. Os criminosos parecem respeitar bem esse princípio, pois, nos dias de hoje, ninguém escapa do crime. O criminoso não faz distinção de raça, credo, classe social, idade ou profissão; a violência alcança a todos: homens, mulheres, brancos, negros, índios, cristãos, evangélicos, ateus, jovens, velhos, pobres e ricos. Todos são tratados de forma igual, somos apenas mais uma vítima para o criminoso.

O comportamento violento dos criminosos é uma demonstração clara de total desrespeito para com o seu semelhante. Não é possível entender, muito menos aceitar, os motivos que levam uma pessoa a tirar a vida de outra apenas para roubar objetos como celulares, relógios e carteiras. A banalização da vida, único bem insubstituível, é nítida e causa um estado de temor na sociedade, fazendo com que o homem passe a ser refém do medo, vivendo em um universo de insegurança que aumenta ainda mais a sensação de que seremos a próxima vítima. Muros altos, carros blindados, cercas elétricas, câmeras, seguranças particulares, nada disso parece ser suficiente para aplacar a sensação de que nesta 'selva' somos a caça. Então, o que resta? Como sobreviver neste ambiente tão hostil? O que fazer para voltar para casa no fim do dia?

Temos que viver um dia por vez, vigiando para não sermos surpreendidos pelo voraz predador e, principalmente, sobrevivendo ao seu feroz ataque.

No dia 18 de setembro de 2013, por volta das 10h35min, meu mundo parou. Fiquei cara a cara com a morte e vivi na pele a terrível experiência de ser uma vítima da violência urbana. Confesso que não foi a primeira vez que fui vítima, mas, naquele dia, a coisa era diferente. Sou policial militar desde 2002 e, naquele fatídico dia, encontrava-me a serviço do Grupo de Atuação Especializada Contra o Crime Organizado (GAECO), um grupo especial do Ministério Público da Paraíba, trabalhando como agente de operações de inteligência, e tinha como função monitorar alvos de investigações daquela instituição. Por se tratar de um órgão de inteligência, não usamos fardas, distintivos, armas ostensivas ou qualquer identificação visual sobre nosso trabalho.

Sempre trabalhei nas ruas, no *front*. A maior parte dos mais de 11 anos foi dedicada ao Serviço de Inteligência da Polícia Militar da Paraíba, conhecido popularmente como 'P2'[108], o que me levou a ser convidado a fazer parte do GAECO. Sempre fui apaixonado pelo serviço de Inteligência e é onde me sinto realizado profissionalmente. Estava acostumado a trabalhar sozinho e sempre usar o 'fator surpresa' a meu favor. Minha ficha é repleta de medalhas e referências elogiosas, um total de 45 até aquela data, tudo fruto de serviços prestados à sociedade, mas naquele dia fui rendido,

---

[108] Refere-se ao indicativo da Seção do Estado-Maior adotado pelas polícias militares do Brasil. Geralmente P/1 cuida de pessoal, P/2 inteligência, P/3 planejamento de operações, P/4 logística e P/5 comunicação social.

dominado por três criminosos armados e dispostos a tirar a minha vida. Naquele dia, eu era apenas a vítima.

Estacionei o veículo em frente a um edifício, próximo ao *shopping center* mais movimentado de João Pessoa, pois havia naquele local um alvo de uma operação a ser identificado. Usando meu celular, tirei uma foto do prédio, reuni alguns pertences e abri a porta do carro. Nesse momento, um homem segurou meu braço e, exibindo um revólver, ordenou que saísse do veículo, um Chevrolet Corsa, que, embora de propriedade do Ministério Público da Paraíba, não possuía qualquer identificação daquele órgão. Falei para ele: "Tudo bem, pode levar o carro!" Em verdade, eu queria mesmo era sair daquela situação. Ao sair do veículo, me deparei com outro criminoso, e este também estava com a arma na mão, um revólver, o qual abriu a porta traseira do carro e me empurrou dizendo: "Levar o carro que nada, você vai também."

Foi terrível, você não sabe o que fazer, sua mente não entende o que está acontecendo; leva um tempo para digerir mentalmente o impacto. Ao ser empurrado para o interior do veículo, sentei-me no banco traseiro e perguntei aos criminosos o que estava acontecendo. Neste momento, um terceiro criminoso abriu a porta da frente, do lado do carona, e entrou no veículo.

O primeiro criminoso, o que me abordou, assumiu o volante do carro, apontou sua arma para minha cabeça e disse: 'É um assalto.' Meu Deus! Não acredito que isso está acontecendo comigo! pensava eu. Estávamos ali, no interior daquele veículo, eu, um policial à paisana, armado com três

criminosos também armados, um cenário de filme de terror que a cada instante só piorava.

O criminoso que me empurrou para o interior do veículo sentou-se ao meu lado e passou a mão na minha cintura, verificando se eu estava armado. Ele me revistou na frente e nas costas, e por um milagre não achou minha arma, uma pistola calibre .40 (ponto quarenta). Apesar do medo, não pensei duas vezes e comecei a passar todos os meus pertences: carteira de cédulas, relógio, aliança e celulares (um pessoal e outro institucional). Informei que também possuía um notebook, que estava em uma mochila que uso para trabalhar. Abri a mochila e mostrei o aparelho, e logo em seguida fui perguntado pelo criminoso que dirigia o carro: 'Você tem dinheiro no banco?' Respondi que sim, que possuía conta bancária e que era possível realizar um saque no valor de R$ 1.000,00 (mil reais).

Nesse momento, o criminoso que estava no banco do motorista me pediu o cartão do banco. Pedi a ele que devolvesse minha carteira. Retirei o cartão e guardei a carteira de cédulas. Logo em seguida, ele ordenou que eu anotasse o número da senha e me entregou uma caneta e um pedaço de papel. Com as mãos trêmulas, anotei a senha.

É incrível como algumas coisas acontecem, e a única palavra que encontro para explicar é 'milagre'. Dentro da carteira de cédulas que entreguei aos criminosos estava minha carteira funcional, um documento que qualquer pessoa reconheceria na hora, pois nunca tive o costume de esconder minha identidade funcional na carteira de cédulas. É só abri-la e logo se constata que sou um policial militar.

O medo de ser identificado tomou conta de mim, sei bem o que acontece com policiais nesses casos e pra quem não sabe eu explico SÃO ASSASSINADOS. Vai além de sermos assassinados, somos humilhados, espancados, torturados sofremos toda sorte de violência antes de morrer, não é algo bonito de se ver muito menos de vivenciar, o fato de não querer morrer dessa forma só aumentava a minha angústia, pois era apenas uma questão de tempo até eles me identificarem.

O motorista colocou marcha à ré, manobrou o veículo e, em seguida, nos deslocamos em direção ao banco Santander, seguindo pela avenida Flávio Ribeiro Coutinho, também conhecida como 'Retão de Manaíra'. Foi um dos piores momentos do sequestro. Os três criminosos passaram a me ameaçar, dizendo que eram pessoas perigosas: 'Aqui é sinistro, boy! É sem perdão! Se vacilar, morre', e que eu não reagisse, pois eles não tinham nada a perder e me matariam brincando. O criminoso que sentou no banco do carona, bem na minha frente, olhou para mim e disse que não adiantava eu tentar fugir, pois ele não erraria o tiro e acertaria bem na minha cabeça. Não tem como descrever a sensação que senti: o medo de morrer e de deixar a minha esposa e meus filhos. Minha filhinha tinha apenas quatro anos. Não sou a melhor pessoa do mundo, mas amo muito minha família e sei o quanto eles me amam. Não queria morrer naquele dia e muito menos daquele jeito, sem sequer me despedir das pessoas que amo. Apenas tive forças para dizer: 'Não precisa me matar, sou um pai de família e não vou tentar fugir.' Como um sinal de que falava a verdade, avisei: 'Vou travar a porta do carro', e seguimos.

A Bíblia nos fala de um homem chamado Daniel, que foi lançado em uma cova para ser devorado por leões. Foi o que senti quando travei aquela porta; estava ali para ser devorado.

Ainda hoje me surpreendo com a quantidade de pensamentos negativos que invadiram minha mente. Durante o sequestro, lembrei-me de dois colegas da Polícia Militar que foram assassinados no mês anterior, ambos em situações parecidas, e eu tinha ido ao velório de um deles a menos de trinta dias. Era perturbadora aquela lembrança. Orei: 'Deus, não pode ser assim, não é justo.' 'Senhor, que hoje seja diferente, que a tua justiça seja feita.'

Seguíamos em direção ao banco quando o motorista me falou que iria levar o aparelho de som do carro e começou a tentar retirá-lo. Perguntou-me como era que se retirava. Informei que não sabia e que o carro não era meu, era emprestado. Seguia o que, para mim, parecia um cortejo fúnebre: lento, triste, desesperador.

No pior momento que já passei, surpreendido e dominado por criminosos armados, me vi diante de toda a minha fraqueza. Vi que não era nada, que não sabia de nada, vi toda a minha vida passar diante dos meus olhos. Percebi então que, mesmo possuindo algumas habilidades, tais como faixa preta de Judô, faixa preta de Jiu-jitsu, instrutor de Defesa Pessoal, formado em Direito, ex-'P/2', agente de inteligência do GAECO e armado, não possuía sequer forças para fazer algo. Descobri da pior forma possível que não estava preparado para aquilo.

Só me restou orar: 'Deus, tem misericórdia de mim e me deixa viver. Eu não quero morrer aqui no interior deste carro, eu preciso rever minha família. Senhor meu Deus, me deixa sair daqui.' Foi então que percebi o que estava ocorrendo. Naquele momento, percebi o que Deus estava me mostrando: 'Filho, você está vendo que Eu sou o dono da sua vida? Olha onde você está agora: indefeso, impotente, cercado, e só o que te resta é a Minha ajuda. Eu, o Senhor teu Deus, sou o único que pode te ajudar. Sou Eu quem vai determinar o que vai acontecer agora no interior deste veículo. Sua vida está em Minhas mãos.'

Era necessário entender o que Deus estava fazendo, comecei a perceber os 'milagres.' E foram vários. Fui revistado por um criminoso que não achou minha arma. Tive minha carteira, onde se encontrava minha identidade policial, nas mãos de dois dos criminosos, sem que nenhum deles a tivesse encontrado. Outro criminoso, mesmo de posse de documentos que me identificavam como policial, não me identificou. Deus cegou meus inimigos e, mesmo assim, confesso que senti inveja de Daniel. Ele sim teve fé, mesmo diante dos leões, orou a Deus e foi dormir. Daniel sabia que sairia vivo daquela cova. Porém, eu, apenas um homem de pouca fé, queria que aquilo acabasse logo, e não sabia quanto tempo mais a minha identidade estaria secreta.

Seguimos pelo 'Retão' de Manaíra. Passei a negociar com Deus como seria a minha saída daquele veículo. Afinal, eram três criminosos contra um policial tomado pelo medo, em um ambiente confinado, um carro popular e em movimento — um pesadelo tático na linguagem policial. O risco

de ser identificado era cada vez maior. Os criminosos vasculhavam cada canto do carro, documentos do GAECO que também revelavam quem eu era estavam sendo manuseados. O clima ficou tenso, tudo corria contra mim. Sabia que estava prestes a ser descoberto. Me senti como um animal encurralado. Reagir deixou de ser uma opção, era a única alternativa.

Não podia me dar ao luxo que teve Daniel, que dormiu. Minha fé seria testada em combate, mas como reagir contra três criminosos? Por onde começar? O que vai acontecer após o primeiro disparo? O carro vai colidir? Serei baleado? Vou morrer? Meu Deus, quantas perguntas, e a minha mente, dominada pelo medo, só me dava uma resposta: 'vai dar errado.'

Planejava mentalmente uma forma de sair daquele sequestro e o final era sempre trágico. Sem muitas opções, decidi ficar com a alternativa menos trágica: um plano onde, durante a reação, eu seria baleado. Cheguei a pedir a Deus que me desse forças para abrir a porta do veículo após levar os tiros e que Ele enviasse alguém para me socorrer. Pronto, já estava decidido: 'É isso, vou levar alguns tiros e me arrastar para fora do carro.' Sei que Deus deve ter zombado do meu plano, mas era o que a minha capacidade humana tinha para o momento. Baixei minha cabeça e olhava para minhas mãos que não paravam de tremer. Era aterrorizante saber que precisava reagir e me ver naquelas condições: trêmulo, ofegante, o coração querendo sair do peito, o medo tentando dominar meus pensamentos. Decidi esperar.

Apesar de ter montado um 'plano', eu ainda tinha um grande problema: por onde começar a reação? Eram três criminosos: um ao meu lado segurando o revólver, um dirigindo o veículo com a mão direita no volante e apontando uma arma pra mim com a mão esquerda, e ao seu lado, o terceiro criminoso, que ameaçou atirar na minha cabeça. Pensei: 'Vou começar a reação pelo criminoso que me identificar primeiro. Meu Deus, por favor, me guia, estou em tuas mãos.'

Então era isso. Meu plano estava completo: eu iniciaria a reação pelo criminoso que me identificasse como policial, teria uma troca de tiros dentro do veículo, e mesmo baleado eu sairia do veículo e Deus enviaria um anjo para me levar até o Hospital de Traumas, onde mais uma vez Ele colocaria a Sua mão sobre os médicos e me salvaria. Que plano!

Passávamos em frente à agência do Banco do Bradesco, que também fica no 'Retão' de Manaíra. Os criminosos começaram a fazer referência a uma 'parada' (assalto) que teriam realizado naquele estabelecimento. Passaram a brincar um com o outro e a zombar das vítimas. Por algum motivo, era como se eles tivessem ignorado minha presença, como se eu não estivesse ali. De repente, o que estava sentado no banco do carona, à minha frente, pediu que eu passasse para ele a minha mochila, a que estava o *notebook*.

Ao passar a mochila para o banco da frente, onde estava o criminoso, lembrei-me que na minha mochila eu sempre andava com dois carregadores da minha pistola. Eu tinha o costume de deixar os carregadores no primeiro

bolso da mochila. Minha mente deu o alerta: vai ser agora. Chegou a hora de colocar o plano em prática. Dai-me coragem, meu Deus!

O criminoso começou a vasculhar minha mochila. Sentado por trás dele, eu apenas baixei a cabeça, orei a Deus e me preparei para o pior. De repente, o criminoso gritou: 'Olha a arma desse boy.' Meu coração disparou, o corpo travou, eu não conseguia me mover. Meu plano de iniciar a reação estava indo por água abaixo. Em um esforço sobrenatural, consegui erguer a cabeça. Olhei rapidamente por cima do banco, temia ter sido descoberto. Imaginei que o criminoso havia achado os carregadores da pistola. Fiquei surpreso ao ver que o criminoso havia encontrado um canivete. Pegou-o em sua mão, abriu expondo sua lâmina e passou a zombar de mim: 'Olha mermo a arma do boy, tu ia fazer o que com essa faca, hein boy? Você ia nos matar com um canivete por acaso?' Não sei como, mas consegui falar. Respondi que era um presente e que não utilizava o canivete como arma. Pedi que ele guardasse aquilo, para que ninguém se machucasse.

Ufa, que alívio! Ainda não era chegada a hora. Mais uma vez, baixo minha cabeça, vejo minhas mãos ainda mais trêmulas, sinto meu corpo ainda mais travado e agradeço a Deus: 'Obrigado, Senhor, por adiar mais um pouco, eu ainda não estou pronto.' Quanto aos carregadores, eles estavam guardados em minha residência, pois tinha retirado-os da mochila para limpeza e, por providência divina, esqueci de colocá-los de volta. Mais um milagre.

Após uma manobra brusca, o carro parou. Levantei a cabeça e vi que estávamos em frente a uma agência do banco Santander que fica na mesma rua. O motorista estacionou em cima da calçada, desligou o carro e passou sua arma de fogo para o comparsa que estava no banco do carona. Os criminosos discutiram sobre quem iria até a agência para realizar o saque. Ficou decidido que seria o motorista. Antes de deixar o veículo, ordenou ao criminoso que se encontrava comigo no banco traseiro que colocasse a arma encostada em meu abdômen e, se eu fizesse qualquer movimento, era para disparar em mim: 'Bota a arma na barriga desse misera. Se ele se mexer, mete bala.' Senti o cano da arma encostando em minhas costelas. Lembrei-me de um colega de trabalho que gosta de dizer: 'Nada está tão ruim que não possa piorar.'

O motorista deixou o veículo e seguiu em direção à agência. Nesse momento, falei com o criminoso que me ameaçava e pedi que retirasse a arma do meu tórax, pois aquilo era desnecessário, já que eu estava colaborando. Graças a Deus, o criminoso me ouviu e colocou a arma próximo à sua cintura, voltando sua atenção para um agasalho que se encontrava sobre a tampa do porta-malas, e decidiu pegá-lo.

Mais uma vez, observei apenas o agir de Deus. Assim como Daniel, me vi preso em uma cova e lançado aos leões. Mas confesso: uma paz divina encheu meu coração. Senti que Deus me devolveu minhas forças, era o sinal pra que eu agisse. Era como se Deus falasse: 'Eu, o Senhor teu Deus, te garanto a vitória. Vá e, sem medo, enfrente a batalha.' Confesso que, apesar de convertido ao evangelho, mi-

nha fé era pequena. Minha mente humana tentava fazer cálculos, imaginar hipóteses, queria responder às mesmas perguntas: o que fazer? Há um criminoso ao meu lado e outro sentado à minha frente, por onde começar? Verbalizar ou atirar? Eu tinha apenas uma certeza: tenho que lutar, não dá pra fugir e, se ficar parado, vou ser identificado e morto. Ah, como gostaria de ter a fé que teve Davi, outro personagem bíblico, que olhou para o gigante Golias e, mesmo diante daquela circunstância, sem qualquer treinamento, sem armadura, sem escudo e sem espada, munido apenas da promessa de Deus, jamais duvidou da vitória. Não é fácil iniciar um combate, muito menos naquelas condições. Apesar de um dos bandidos ter deixado o carro, ainda eram dois contra um. Me vi diante de meu Golias.

Treino artes marciais desde a minha infância. Iniciei no judô aos 10 anos de idade, sempre participei de competições e, por mais que você treine, sempre dá um frio na barriga quando vai começar o combate. Estava acostumado a participar de campeonatos, a me testar perante os adversários. Porém, desta vez era diferente. O judô sempre me ensinou a levantar depois da queda, a tirar lições de minhas derrotas, a aprender tanto com os erros como com os acertos. Fui ensinado a erguer a cabeça e seguir em frente buscando melhorar a cada dia, mas naquele dia era diferente. Não havia margem para erros, não havia medalha para o segundo lugar. Era minha vida que estava em jogo. Se caísse, não tinha mais como levantar. Era ganhar ou ganhar.

O criminoso que estava comigo no banco de trás pegou o agasalho. Era um vermelho de Técnico da Seleção Paraibana de Judô; gostava muito dele e o vestia com muito

orgulho. Só não sabia que um dia me ajudaria. O agasalho foi a distração que eu precisava. Enquanto o criminoso olhava para ele, tentando ler o que estava escrito, pensei: 'É agora.' Olhei novamente para minhas mãos; estavam firmes, o tremor havia passado. Não tenho dúvidas de que Deus operou um milagre em minha vida. Ainda não entendi o porquê, mas Ele me salvou.

Era chegada a hora e não tinha como adiar mais. Aproveitei o momento e saquei minha arma. Enquanto a levava em direção ao rosto do criminoso, tive que destravá-la. Aproximei-a do olho direito dele e, segurando-a com as minhas duas mãos, efetuei o primeiro disparo. O impacto da bala atingindo a cabeça foi algo que não esquecerei jamais. A cabeça foi arremessada contra a porta do carro com tamanha violência que parecia ter sido atingida por uma marreta.

Um zumbido tomou conta dos meus ouvidos. Você não faz ideia do tamanho do barulho que é o estampido de uma ponto 40 dentro de um carro todo fechado—é ensurdecedor. Virei-me em direção ao que estava sentado no banco da frente. Sabia que ele estava com uma arma de fogo e que, ao perceber o que estava ocorrendo, certamente iria tentar me matar.

Não deu tempo nem pensar. Hoje, acredito que Deus guiou minha mão. Posicionei a arma entre o encosto de cabeça do banco dianteiro e a coluna que separa as portas, e atirei. Mais uma vez, o barulho ensurdecedor tomou conta do veículo. Vi a cabeça do criminoso sendo arremessada em direção ao volante do carro, mas eu não sabia se o tinha acertado e, por medo da reação, disparei outras vezes.

Foi terrível. Era um ambiente pequeno, sem espaço sequer para fazer mira, em uma condição em que não podia errar. Percebi que o criminoso, mesmo quando era atingido, não se mexia, estava fora de combate. Foi então que pensei: 'Graças a Deus, vou poder sair deste carro.'

Abri a porta e me preparava para descer quando, de repente, fui agarrado pelo braço. Era o rapaz que estava no banco de trás comigo. Olhei e vi um buraco em seu rosto, jorrando sangue. Apesar de ferido, ele lutava e estava armado. Bum! Efetuei um segundo disparo. Desta vez, acertei dentro do olho direito. Pude ver o globo ocular explodir antes da cabeça ser arremessada contra a porta mais uma vez.

Não sei exatamente quanto tempo durou, creio que menos de dez segundos. Só sei que Deus segurou na minha mão e, em pouco tempo, o que vi foram dois criminosos que estavam armados, dispostos a tirar minha vida, amansados dentro daquela 'cova' (veículo). Deus guiou minha mão e salvou minha vida.

Consegui enfim abrir a porta e sair da minha prisão. Meu maior desejo era sair daquele lugar; senti a brisa divina da liberdade e o renovo. A Bíblia não relata o sentimento de Daniel quando foi retirado da cova, ou o que sentiram Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, os três jovens que foram lançados em uma fornalha, quando saíram ilesos daquela experiência. Relata apenas que eles confiaram no Senhor e nenhum mal lhes aconteceu. Hoje, posso imaginar o que esses 'Gigantes da fé' sentiram: alegria, paz, certeza de que estavam fazendo a coisa certa: confiar em Deus.

Deixo a fornalha, a cova, quero dizer, o veículo. Sei que ninguém teria me condenado se eu tivesse corrido para casa, é para onde toda vítima quer ir, para o aconchego daqueles que amamos. Mas algo em mim foi mais forte, sabia que ainda havia outro meliante que entrara no banco a fim de sacar dinheiro. Corri em direção ao interior da agência bancária.

Deus, mais uma vez, opera milagres em minha vida. Imaginem a cena: um homem, entrando em uma agência bancária, correndo com uma arma de fogo em mãos. O que todos iriam pensar? 'Trata-se de um criminoso que entrou na agência para roubar.' As portas da agência eram de vidro e não tinha como não notarem a minha presença. Eu não possuía nada que me identificasse como policial: não estava fardado, minha carteira se encontrava no interior do veículo, não possuía distintivo ou qualquer outra forma que me caracterizasse como agente da lei. Era apenas um homem comum com uma arma de fogo nas mãos.

Com fé em Deus, entrei e, de cara, vi o criminoso em pé em um terminal de autoatendimento. Percebi que, naquele local, estavam de serviço três vigilantes armados. Pensei: 'Meu Deus, vai começar tudo de novo? Três contra um, todos armados. Será que vão pensar que sou um assaltante? Será que vão atirar em mim?'

Por milagre, os seguranças não reagiram contra mim. Deus os acalmou. Fui até a porta detectora de metais e tentei manter contato com um dos vigilantes. Falei que era um policial e que estava sendo sequestrado pelo rapaz que

estava no caixa eletrônico. Hoje penso: 'Quem é que acreditaria nessa conversa?' Só sei que os vigilantes ficaram estáticos, não mexiam um músculo.

Me dirigi à parede de vidro que me separava do bandido. Bati naquela parede com a mão, o criminoso olhou para mim e, confesso, nunca vi um olhar de tamanho espanto. Era como se ele estivesse diante de algo do outro mundo. Deve ter passado por sua cabeça algo como: 'Não é possível, como pode? Eu deixei essa pessoa dentro de um carro com dois parceiros armados, e ele, do nada, aparece aqui!'

Mesmo sem acreditar no que via, obedeceu quando apontei minha arma em sua direção e falei: 'Hoje deu errado, pegaram a pessoa errada. Seus amigos estão mortos lá no carro, e você pode ir deitando no chão.' Após deitar-se, falei novamente com os seguranças: 'Sou da Polícia Militar, fui sequestrado por esse homem.' Os vigilantes permaneciam imóveis. Disse para um deles: 'Saque sua arma e aponte para o criminoso enquanto eu vou até o carro pegar minha carteira.' Percebi que era necessário provar quem eu era. Me coloquei no lugar daqueles seguranças que, acreditando em minhas palavras, me ajudaram.

Saí da agência correndo e fui até o carro pegar minha identidade funcional. Abri a porta traseira e tomei um susto: o rapaz que havia sido atingido por dois disparos na cabeça estava sentado. Dos seus olhos saíam jatos de sangue, era como se uma torneira estivesse aberta. Desta vez, era eu quem não acreditava no que via: o sangue jorrava por

onde deveria existir um olho e, por outro, um buraco na cabeça. Lembrei-me que aquele rapaz possuía uma arma em seu poder e me arrependo até hoje de perguntar por ela: 'Onde está a arma?'

Jamais esperei aquela reação. O criminoso sacou a arma e a apontou em minha direção. Tenho certeza de que ele não podia me ver; dos seus olhos saíam rios de sangue, não era possível. Só sei que, por milagre, pulei para dentro do carro e segurei a arma, pensando: 'Deus, isso vai ter fim?' Estávamos ali onde tudo havia começado. Com uma das mãos, segurava minha arma e, com a outra, segurava a arma daquele bandido para não ser baleado. Quando relato isso para as pessoas, sempre escuto a mesma coisa: 'Eu tinha era metido bala naquele safado.' Por algum motivo que não sei explicar, joguei minha arma no piso do carro; não queria mais atirar em ninguém naquele dia. Mesmo lutando contra um homem armado que a todo instante tentava disparar em mim, optei por desarmá-lo apenas com minhas mãos, utilizando uma técnica que ensino aos meus alunos nos cursos de defesa pessoal.

Retirar a arma das mãos daquele criminoso não foi fácil. Além da tensão, tinha todo aquele sangue que já havia coberto nossas mãos e a arma. Empurrei-o para trás; ele estava sentado em cima da minha carteira. Após pegá-la, abri a porta dianteira do carro. Queria retirar a arma das mãos do outro criminoso, não queria correr o mesmo risco que acabara de correr. O criminoso encontrava-se imóvel, deitado com a cabeça no banco do motorista. Vi que pedaços do seu cérebro também estavam em cima do banco. Ao procu-

rar a arma, fiquei surpreso ao ver que o dedo daquele criminoso estava no gatilho; ele estava pronto para atirar quando foi atingido. Ao ver aquilo, percebi que, se demoro um pouco mais, não estaria aqui para contar a história.

Ainda não era hora de analisar os fatos; tinha que retornar ao banco e me identificar. Tinha em minha mão esquerda minha carteira, com minha funcional, uma arma toda suja de sangue em minha cintura, outra arma debaixo do braço e, na mão direita, minha pistola. O corpo estava banhado em sangue — braços, pernas e meu rosto. Tinha sangue por todo lugar. Vestia uma camisa cinza de mangas longas que, agora, possuía duas cores: cinza e vermelho 'sangue'.

Ao retornar à agência, percebi que o criminoso não mais estava deitado no chão; se encontrava sentado em um banco. Apenas um dos vigilantes permanecia da mesma forma como eu tinha deixado, com a arma apontada para o criminoso. Foi então que pude me identificar. A essa altura, o tumulto já era grande no interior da agência: pessoas correndo, outras se escondendo, um verdadeiro caos.

Exibi minha identificação, e os seguranças do banco puderam constatar que eu estava dizendo a verdade. Infelizmente, o bandido também. Digo 'infelizmente' porque, mesmo naquela situação, o criminoso ainda tentou fugir. Correu em direção a um segurança para tomar-lhe a arma, depois correu em direção à porta giratória. Só não saiu porque consegui segurar a porta com o pé: 'Deita no chão, por aqui você não vai passar.' O criminoso ainda me provocou: 'Tu vai fazer o quê? Vai atirar em mim?' Respondi que não:

'Deita no chão, eu não quero ter que atirar em você.' Apesar de tudo que ele tinha me feito, não desejava fazer-lhe qualquer mal, pois eu já me sentia um vitorioso. O pior já havia passado, e, mesmo diante daquele quadro, algo divino me controlava.

Hoje vejo o que Deus queria me mostrar: bastava um disparo naquele criminoso desarmado e eu seria massacrado pelos representantes dos criminosos. Já vejo até as manchetes: 'Policial despreparado assassina jovem vítima da sociedade,' 'Jovem vítima da sociedade é brutalmente assassinado no interior de agência bancária; por pouco os clientes também não foram mortos,' 'Policial extermina jovem,' e por aí vai. Deus não permitiu.

Mas, voltemos ao jovem criminoso. Vendo que não passaria pela porta, falou com um dos vigilantes, dizendo que eu era o criminoso e que ele era quem estava sendo sequestrado: 'Atira nele, ele tá me sequestrando.' Não se conformando, correu em direção aos caixas do banco onde algumas pessoas estavam escondidas. Agarrou uma senhora pelo pescoço e a fez refém. A porta do banco não permitia que eu entrasse, só podia assistir pelo vidro. Por sorte, Deus mandou seus anjos: alguns clientes que presenciaram a cena heroicamente partiram para cima do criminoso, livraram a vítima e, após uma intensa luta corporal, o dominaram.

Graças a Deus, os três criminosos estavam fora de combate. Podia, enfim, pedir ajuda, chamar a 'Cavalaria', a Polícia Militar. Saí do banco novamente e, confesso, não sabia o que fazer, ficando um pouco agitado. Acho que foram

os hormônios que nosso corpo produz em momentos de estresse. Lembro que corri até o carro e abri a porta. Olhei o criminoso baleado na cabeça, espirrando sangue por todo o lugar, e outro aparentemente morto no banco da frente. Olhei-me todo sujo de sangue; não sabia se corria ou se chorava. Um milhão de coisas passavam por minha cabeça naquela hora: família, minha esposa, minha filha, colegas de trabalho, meu chefe. 'Deus, preciso me controlar.' Foi então que vi um senhor parado próximo ao carro. Pedi que ligasse para a polícia; sabia que tinha de avisar aos meus superiores no GAECO.

Vi uma viatura da Polícia Militar chegando ao local. Por Deus, como foi bom ver a polícia. Espiritualmente, eu tinha tudo que precisava: 'Deus esteve comigo o tempo todo.' Mas, ao ver a farda da polícia militar, era como se Deus tivesse enviado seus anjos em meu auxílio. Penso ser esse o sentimento de toda vítima. Uma tenente que comandava a guarnição se aproximou e perguntou o que tinha ocorrido. Abri a porta do carro e mostrei a ela a cena: 'Fui sequestrado! Por pouco não fui morto.' Ela perguntou, espantada: 'Você está bem? Esse sangue é seu?' Respondi: 'Estou bem, Deus não permitiu que me ferissem. Tem outro criminoso dentro da agência bancária.' De imediato, as equipes da Polícia Militar entraram no banco e prenderam o criminoso.

Não paravam de chegar viaturas. Pedi um celular emprestado a um colega da polícia militar, pois meus celulares estavam de posse dos criminosos, e eu precisava ligar para o GAECO. Então, liguei para o Coordenador, Octávio Paulo Neto, um Promotor de Justiça que, apesar de jovem, era experiente. Ele é uma pessoa que me ajudou num dos

piores momentos da minha vida, alguém que aprendi a respeitar pela sua sabedoria e hombridade. Um homem honesto, de poucas palavras e muita atitude. Temia pela sua reação, afinal, eu estava no GAECO há apenas seis meses. Minha ida para o Ministério Público foi um pouco conturbada. Sabia que aquele Promotor, mesmo sem me conhecer, apostou em mim, comprou uma briga ao me levar para trabalhar com ele. Várias pessoas torciam para que eu o decepcionasse. Quando contei o ocorrido, ele perguntou se eu estava bem e se precisava de socorro. Pediu para eu ficar tranquilo, pois ele estava indo para o local.

Lembro-me bem do momento de sua chegada. Eu estava dentro do banheiro da agência me lavando em uma pia, tentando retirar um pouco de todo aquele sangue. Lavei meus braços, minhas mãos e meu rosto. Alguns colegas da polícia militar estavam parados em pé na porta do banheiro; não falavam nada, apenas assistiam à cena. Ao sair do banheiro, avistei o promotor. Aproximei-me e, apesar de tudo o que havia ocorrido, eu ainda temia por conta do diálogo que viria, não o conhecia o suficiente para saber qual seria sua reação. Hoje sou grato a Deus pelas palavras que ouvi naquele instante. O apoio que recebi foi algo espetacular; tive a certeza de que estava exatamente onde Deus queria e trabalhando com as pessoas certas.

No dia 18 de setembro de 2013, eu optei por ficar vivo e, pela graça de Deus, isso foi possível. Sobrevivi mesmo quando parecia impossível sobreviver. Mesmo em total desvantagem, agi dentro da legalidade e usei a força de forma proporcional à ameaça sofrida. Não me orgulho do

que fiz; acredito que Deus não criou o homem para essa finalidade. Também não me considero herói, como assim fui tratado. Sei que não fui a primeira vítima de sequestro e que, infelizmente, não serei a última, mas espero que eu possa de alguma forma ajudar a sociedade a viver em paz. Espero, de alguma forma, retribuir o apoio e o carinho que recebi. Sou grato a Deus pela Sua graça, por poder estar com a minha família, pelas homenagens prestadas, por cada dia de vida, pelas pessoas que Ele tem colocado em meu convívio. Amém.

Naquele dia, eu pude voltar vivo para casa e ser recebido pela minha amada esposa e minha filha de apenas quatro anos de idade. Isso me mostrou o real sentido de tudo o que havia ocorrido horas antes. Lembro-me de não ter conseguido dormir naquela noite, porém, foi maravilhoso passar a noite acordado ao lado de quem amo.

Passado o sofrimento, na primeira oportunidade que tive, abri a Bíblia e DEUS me mostra a seguinte palavra:

- EU, o SENHOR Deus, digo que eu mesmo procurarei e buscarei as minhas ovelhas. (EZEQUIEL 34:11).

Obrigado, DEUS, pelo milagre!

DEUS É BOM.

FATORES QUE INFLUENCIAM PARA SOBREVIVÊNCIA

PM reage, mata suspeito e deixa outro ferido em suposta tentativa de assalto[109]

Segundo a PM, policial seguia de Mari a Sapé para plantão quando percebeu que era seguido por uma dupla

Polícia | Em 14/10/17 às 12h12, atualizado em 14/10/17 às 12h28 | Por Redação

Um suspeito morreu e outro de 33 anos ficou ferido após tentarem assaltar um policial militar, na região da Mata paraibana, na noite dessa sexta-feira (13). O policial não sofreu ferimentos.

Conforme apuração da TV Correio, o policial seguia da cidade de Mari para Sapé, onde iria para o plantão, mas percebeu que era seguido por uma dupla de moto.

Em uma parte do percurso, a dupla conseguiu abordar o PM, que reagiu com tiros. Um suspeito morreu a caminho do hospital e o outro foi ferido na perna. Ele foi socorrido para o Ortotrauma de Mangabeira, em João Pessoa, onde ficou sob custódia da polícia.

---

[109] Disponível em: http://portalcorreio.com.br/noticias/policia/crime/2017/10/14/nws,303594,8,153,noticias,2190-pm-reage-mata-suspeito-outro-ferido-suposta-tentativa-assalto.aspx. Acesso em: 16 out. 2017.

> A Polícia Militar informou que os dois suspeitos estavam armados e o que sobreviveu teria dito que queria apenas assaltar o policial, sem intenção de matá-lo.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo é o que vamos chamar de a 'cereja do bolo' de todo o acervo de material que conseguimos catalogar, sistematizar, analisar e, agora, publicar compartilhando um pouco mais de cinco anos desse trabalho. Essencialmente vamos tratar aqui dos nossos 'achados de pesquisa' aglutinando informações de mais de 500 (quinhentos) vídeos, reportagens escritas diversas (ultrapassamos a marca de mil e quinhentos) e diálogos com pessoas que foram vítimas de crimes com caractarísitcas iniciais de roubo tentado ou consumado.

Optamos por elencar vários fatores e não apenas um, por entender que um conjunto de coisas, contribui para se chegar à qualquer fenômeno estudado. Por exemplo, ao realizar uma perícia de acidentes aéreos, geralmente se chega a conclusão que mais de um fator influenciou no resultado trágico.

De modo similar, no (des) encontro entre criminoso e vítima, quando o resultado é a sobrevivência/morte da vítima, reiteramos, no nosso entendimento é que um conjunto e não apenas um fator de forma isolada contribuiu para o final do ocorrido.

Assim, ao analisar os casos que geraram nossas inquietudes iniciais para o desenvolvimento deste livro,

bem como para o *Workshop* de Proteção Pessoal (WPP), vide o Anexo A, que ministramos na Polícia Militar da Paraíba (PMPB) desde o ano de 2017, percebemos que um fator que influenciou em um caso específico, não se mostrou preponderante noutro. Daí nossa premissa ser em termos de um conjunto e não apenas um fator, embora, possamos encontrar uma preponderância de um ou mais deles.

Buscando uma melhor compreensão do fenômeno da criminalidade violenta, em particular os cenários de roubo/latrocínio tentado ou consumado, surgiu a curiosidade de identificar o por quê/como algumas pessoas sobrevivem (ilesas ou não) e outras não? Que fatores podem ter influenciado na ação da vítima, para ter o desfecho viver/morrer após ser alvo de um criminoso? Estar portando e usar arma de fogo sempre será garantia de êxito na reação? De modo contrário, nunca reagir é certeza que sempre a vítima permanecerá viva e ilesa? Essas e outras inquietações nos impulsionaram a chegar aonde chegamos.

Destacamos, portanto, que os fatores elencados a seguir constituem-se a colheita da semente plantada e cuidada com muito amor e carinho ao longo desses anos buscando contribuir para debates e discussões, bem como ampliar o universo da pesquisa com um só escopo: a SOBREVIVÊNCIA DA VÍTIMA.

Afinal, quais são esses fatores que, ao nosso ver, influenciam para que a vítima tenha maiores e melhores chances de sobreviver nos casos de crimes violentos inicialmente com caractarísticas de roubo tentado ou

consumado (ou roubo com resultado morte – latrocínio), ou mesmo outros crimes violentos? São eles:

1) SORTE

2) TREINAMENTO MENTAL

3) INVERSÃO DA SURPRESA

4) TREINAMENTO PRÁTICO

Alguns desses fatores podem ser observados em vídeos que mostram em detalhes a ação criminosa violenta. A SORTE, e INVERSÃO DA SURPRESA, por exemplo. Já os outros fatores como TREINAMENTO MENTAL e TREINAMENTO PRÁTICO, são sugestões dos autores, com bases nos estudos e pesquisas apresentados nesta obra, além da experiência em campo, como forma de auxiliar a vítima na sobrevivência. Alguns fatores podem se manifestar em conjunto ou até mesmo isoladamente, de modo que estão intimamente relacionados ao comportamento do criminoso, da vítima, da dinâmica do evento, de falhas no armamento, de falhas na munição, entre outros.

De modo que passaremos a analisar, sob nossa ótica, esses fatores de forma detalhada a seguir.

2 SORTE

Nossos estudos mostraram que algumas vítimas sobreviveram graças a um conjunto de eventos fora do seu controle direto, algo alheio à vontade do criminoso ou do controle da vítima, mas que, de alguma forma, se manifestou durante a ação criminosa. Ilustramos nesse diapasão, por exemplo, uma arma de fogo que falha, uma munição que não deflagra, o criminoso que erra o tiro ainda que a vítima esteja à curta distância, a vítima que sofre vários ferimentos por projétil de arma de fogo e nenhum deles é fatal, ou seja, algo deu 'errado' para o criminoso, ou nesse caso, algo deu certo em favor da vítima, mesmo que ela não tenha realizado qualquer ação, como dizem alguns religiosos "foi um milagre." Para outros, foi "obra do destino." De qualquer modo, ter sobrevivido estava muito mais ligado ao que aqui vamos nominar de 'sorte' do que a uma ação consciente, planejada e deliberada por parte da vítima. As reportagens seguintes nos ilustram de forma cristalina as premissas que elencamos acima.

> **Homem é morto após tentar assaltar policial militar, em João Pessoa**
> Suspeito tentou atirar três vezes contra policial, mas a arma falhou, diz polícia.[110]
> Por G1 PB 01/10/2018 08h04
>
> Um homem foi morto na noite deste domingo (30) depois de tentar assaltar um policial militar, no bairro das Indústrias,

---

110 Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/10/01/homem-e-morto-apos-tentar-assaltar-policial-militar-em-joao-pessoa.ghtml. Acesso em: 01 out. 2018.

> em João Pessoa. De acordo com a Polícia Civil, a vítima chegou a dizer que era policial e o suspeito tentou atirar contra ele.
> Conforme explica o delegado Canrobert, **o suspeito tentou atirar três vezes contra o homem, mas a arma falhou**. O policial reagiu e atingiu o suspeito com um tiro. Ele caiu e morreu ainda no local.
> O assaltante estava com outro suspeito no momento que abordou o policial. Ele desceu da moto e, após os disparos, o que estava pilotando a moto fugiu. Até a manhã desta segunda-feira (1º), ele não havia sido preso. (grifamos).
>
> **PM escapa da morte após arma de assaltante falhar**[111]
> 05/01/2016 • 19:27
>
> O policial militar estava de folga e sobreviveu ao assalto. Ao revistarem a vítima e acharem uma arma, os assaltantes começaram a espancá-la. **Um dos criminosos tentou disparar contra o policial pelo menos quatro vezes, mas a arma falhou**. (grifamos).

Dos fatores observados nesses (des) encontros entre a vítima e o criminoso, a 'sorte', apesar de ter salvo diversas vidas, poderia ser classificado como um dos fatores menos desejado, pois a vítima não possui qualquer controle sobre ele. A 'sorte' acontece aleatoriamente, ainda que alguns possam pensar em treinar uma pessoa para tê-la. Embora o jogador de golfe Tiger Woods, um dos atletas mais premiados na história recente, tenha afirmado que "a sorte chegou para ele somente depois de treinar dez horas por

---

[111] Disponível em: https://www.band.uol.com.br/videos/pm-escapa-da-morte-apos-arma-de-assaltante-falhar-15726837. Acesso em 30 set. 2024.

dia"[112] os cenários são totalmente distintos entre um jogo/partida de golfe e uma ação criminosa violenta. Naquele, o nível de estresse pode ser considerado baixo levando em conta que a vida do jogador não está em risco atual ou iminente, no máximo a perda do título e alguma sensação de não ter sido o campeão da competição no que, pode tranquilamente, ser conquistado na próxima edição. Diferente do cenário de crimes com características iniciais de roubo, o estresse e o risco de morte à vítima são reais, atual e iminente.

Trazemos à tona o fato ocorrido com um policial militar do estado de São Paulo que também foi vítima de roubo quando estava fora de serviço, foi baleado pelo criminoso e sobreviveu. Os detalhes e narrativas estão disponíveis no YouTube[113]. Em resumo, segundo o policial militar, ele tinha sacado a quantia de seis mil reais numa agência bancária. Dividiu o montante em dois maços de notas, um com cinco mil e outro com mil reais e colocou ambos no bolso da jaqueta de motociclista que usava no momento, tendo em vista que estava numa motocicleta. Narra o policial militar que percebeu que estava sendo seguindo por um criminoso também numa motocicleta. Algumas ruas distante do banco, ele foi abordado e o criminoso lhe obrigou a entregar o dinheiro que acabara de sacar. O policial militar passou o maço que continha os mil reais. Sendo que nesse momento, o criminoso efetuou um

---

[112] Disponível em: https://motivacaoemusculacao.com.br/. Acesso em: 20 jun. 2020.

[113] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e92jOQ2XFrw. Acesso em: 25 jun. 2020.

disparo à queima roupa. Esse disparo atingiu o maço de cédulas (cinco mil reais dobrados no bolso da jequeta), e desviou a trajetória do coração e indo parar na região da coxa. O policial acrescenta que naquele momento estava portando três armas de fogo. Após ser ferido, pediu apoio por telefone a outros policiais militares amigos que chegaram ao local e, em seguida, o conduziram para o hospital mais próximo.

Com o resumo da narrativa acima, vamos refletir no seguinte sentido: que fatores impediram o criminoso de executar o policial militar vítima? Que fatores impediram de o tiro do criminoso não ter sido na cabeça da vítima? Que fatores impediram de, após baleado e ao solo, o policial militar vítima não ter sido executado pelo criminoso? São indagações nesse sentido que nós atribuímos a fatores que fogem ao controle direto da vítima e que, aqui, chamamos de fator 'sorte.'

Imaginamos que Tiger Wood quis dizer que suas conquistas eram frutos da sua dedicação e não dependiam de sorte. Lucio Anneo Seneca por sua vez, diz que "Sorte é o que acontece quando capacidade encontra-se com oportunidade[114]", ou seja, dizem que quando o momento chega, um concurso público por exemplo, você estava capacitado e estudando há anos, então a 'sorte' estará ao seu lado, conseguindo a aprovação e realização do sonho. Entendemos, no entanto, que no caso dos concursos públicos não se trata de sorte e sim de dedicação. Porém,

---

[114] Disponível em: https://kdfrases.com/frase/141386. Acesso em: 20 jun. 2020.

visualizamos que não temos como treinar para fazer a arma ou munição do criminoso falharem, treinar para o criminoso errar os disparos, ou ainda treinar para sobreviver a um disparo de arma de fogo, isso é com você e Deus, ou como diz na franquia do filme *Star War*[115] "que a força esteja com você", no nosso caso de crimes violentos dizemos "que a SORTE esteja com você."

3 TREINAMENTO MENTAL

O treinamento mental é a imaginação, é a resposta psicológica à pergunta "se acontecesse comigo um roubo quando eu estivesse na farmácia, na casa lotérica, num bar, no carro, andando, na moto ou noutro cenário, o que eu faria nos primeiros segundos?"

Para Strong[116] (2000, p. 37), quando aborda o preparo mental contra crimes violentos, afirma que "O princípio básico para sobreviver à violência é a preparação mental, não o preparo físico, nem as armas. Consiste em visualizar uma cena de crime e ensaiar mentalmente uma reação."

Na mesma direção de Strong, por sua vez Oliveira[117] (2013, p. 237), diz que "o treinamento mental ocorre

---

[115] Disponível em: https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/que-forca-esteja-com-voce-as-10-melhores-frases-de-star-wars/. Acesso em: 20 jun. 2020.

[116] STRONG, Sanford. **Defenda-se:** Um manual de sobrevivência ao crime urbano com regras que protegem você e sua família. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Harbra, 2000.

[117] OLIVEIRA, Humberto Wendling Simões de. **Autodefesa Contra o Crime e a Violência:** Um guia para civis e policiais. São Paulo: Baraúna, 2013.

quando você imagina e ensaia sua reação mentalmente, em relação à opção de resposta adequada ao momento crítico."

Segundo Ripley[118] (2008), o cérebro humano identifica padrões para, usando as informações do passado, compreender o que está acontecendo no presente para prover o futuro. É nessa linha de pensamento que o treinamento mental se encaixa muito bem para o propósito deste livro, como sendo, a preparação das pessoas para sobreviverem aos (des) encontros criminosos violentos, com destaque para o roubo.

Nessa mesma esteira, o neurocientista Miguel Nicolélis (*apud* Joaquim[119], 2017), metaforiza sobre a natureza funcional do cérebro como um "simulador", ou seja, sendo capaz de representar ou reproduzir um comportamento, uma realidade imaginária ou processo no qual se deseja compreender a dinâmica a fim de ensinar a utilização.

Para Eagleman[120] (2012, p. 16), "quase tudo o que acontece em nossa vida mental não está sob o nosso controle consciente". E prossegue com a assertiva que a parte consciente dos nossos comportamentos é a menor parte do que se revela em nosso cérebro.

---

118 RIPLEY, Amanda. **Impensável:** Como e por que as pessoas sobrevivem a desastres. Tradução Helena Londres. São Paulo: Globo, 2008.

119 JOAQUIM, Rui Mateus. **O Cérebro que Aprendeu a Mentir**. Araçatuba: Beto Gráfica, 2017.

120 EAGLEMAN, David. **Incógnito:** As vidas secretas dos cérebros. Tradução Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Murphy[121] (2002), assevera que a mente inconsciente não diferencia entre realidade imaginada e realidade concreta. Podemos então usar essa assertiva e reforçar a necessidade e importância do treinamento mental para abastecer nossa memória de respostas no intuito de eliciá-las nos momentos de risco e medo que passamos no cotidiano nas urbes brasileiras ou ainda em outros países.

Afirma por sua vez Trevisan[122] (1980, p. 16), que "o pensamento é uma realidade mental que atrai a realidade física." Desse modo podemos direcionar o pensamento no sentido de que o treinamento mental é uma estratégia útil para qualquer pessoa adotar buscando melhorar seu desempenho quando estiver envolvido numa situação de extremo perigo, como é o caso dos crimes com características iniciais de roubo.

Continua afirmando Trevisan (1980), que a mente humana é única, porém dividida em duas funções ou características: 1] a mente consciente (racional, objetiva, analisa, raciocina, seleciona, deduz, tira conclusões e imagina) e 2] mente subconsciente (subjetiva, não seletiva, impessoal, cumpre as ordens da mente consciente sem questionar). Portanto, o que colocarmos (pensamentos) em nossas mentes, em algum momento isso será materializado desde que seja constantemente repetido e alimentado. Com isso em mente, preparar-se mentalmente para encontrar a

---

[121] MURPHY, Joseph. **O Poder do Subconsciente**. 47 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

[122] TREVISAN, Lauro. **O Poder Infinito da sua Mente**. Santa Maria: Editora da Mente, 1980.

conduta mais adequado a ser empregada quando estiver na condição de vítima de roubo, é uma medida que se apresenta como oportuna e necessária para qualquer cidadão brasileiro adotar, quando o quesito é a sobrevivência nos crimes violentos (em destaque o roubo).

Corroborando com as assertivas de Trevisan, Murphy[123] (2002) também reconhece que a mente é uma só, porém dividida em duas funções: uma consciente e outra subconsciente. Ambas com as características já acima mencionadas. Focando na mente subconsciente, Murphy (2002, p. 39), assegura que

> A mente subconsciente não se empenha em provar se seus pensamentos são bons ou maus, verdadeiros ou falsos. Ela reage segundo a natureza de seus pensamentos ou sugestões. Se você aceita que alguma coisa é verdadeira, por exemplo, mesmo que possa ser falsa, o subconsciente agirá como verdadeira e agirá para produzir resultados que terão necessariamente que se seguir, *porque* a mente consciente aceitou-a como verdade.

O'Connor[124] (2003), também fazendo assertivas sobre a dualidade da mente em consciente e inconsciente, para ele o consciente é o que está na consciência do momento atual/presente, e o inconsciente é àquilo que não seja consciente, como por exemplo algumas crenças e alguns valores que guiam grande parte da vida das pessoas.

---

123 MURPHY, Joseph. **O Poder do Subconsciente**. Tradução de Ruy Jungmann. 47 ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

124 O'CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística:** PNL - um guia prático para alcançar os resultados que você quer. Tradução de Carlos Henrique Trieschmann. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

O mencionado autor usa uma metáfora do cavaleiro e do cavalo para ilustrar a diferença entre ambas. Assim, para O'Connor a mente consciente é o cavaleiro que guia o cavalo. A mente inconsciente por sua vez, é o cavalo que apenas obedece o que for determinado pelo cavaleiro, não se importando se a 'ordem' recebida é boa ou ruim, se trará bons ou maus resultados. Como dissemos, apenas executa o que foi pensado pelo consciente.

Oliveira[125] (2017, p. 29), mostra que o treinamento mental já é uma realidade para as forças de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos da América, dizendo que

> No documentário, intitulado *The Brain* (O Cérebro) exibido no canal de televisão por assinatura, *History Channe* [s.d], é mostrado um estudo sobre a necessidade do fortalecimento do treinamento de comunicação (verbal e não-verbal) para militares operadores de Forças Especiais dos Estados Unidos.
>
> O estudo foi desenvolvido pelas Forças de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos da América (*U.S Navy SEALs*), em que foram consultados neurocientistas no intuito de apresentar uma proposta para a elevação do número de candidatos aprovados no Curso de Operações Especiais daquela Força Militar Naval. De acordo com o documentário, o problema identificado pela Marinha americana residia no fato de que alguns candidatos mesmo possuidores de avantajadas estruturas e condicionamentos físicos não concluíam o referido Curso, enquanto que candidatos de frágil estrutura corpórea conseguiam vencer os

[125] OLIVEIRA, Onivan Elias de. **"Você sabe com quem está falando"?** Usando a programação neurolinguística na aplicação da lei. João Pessoa: Ideia, 2017.

> vários obstáculos físicos e mentais propostos durante o treinamento.
> Objetivando propor uma solução para o problema identificado pela *US Navy*, os neurocientistas, posteriormente submeteram os militares a uma série de testes, e apresentaram quatro estratégias mentais como solução, sendo elas:
> [1] Fixação de metas (*Goal setting*);
> [2] Ensaio mental (*Visualization*);
> [3] Conversa interna (*Self-talk*); e
> [4] Controle da excitação (*Arousol control*).
> No momento em que aplicaram as técnicas em novos candidatos, aumentou-se em 25% a quantidade de alunos aprovados em relação aos cursos realizados em que elas não foram empregadas.

Nós decidimos também fazer a união/junção de estratégias e estudos que dizem respeito ao pensamento consciente/inconsciente na tomada de decisão principalmentente sob estresse ou perigo iminente. Nesse sentido, no mundo da administração de empresas e dos negócios, muito se fala e pratica sobre as estratégias para a tomada de decisão, entre essas estão: análise SWOT[126] e o ciclo PDCA[127]. Mas existe um ciclo que também é muito usado quando precisamos tomar decisões rápidas e sob estresse, o nome dessa ferramenta é o Ciclo O.O.D.A.[128] um acrônimo

---

[126] *Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats* (Ameaças). Em português fala-se em Matriz FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças).
[127] Plan (Planejar) – Do (Executar) – Check (Checar) – Act/Adjust (Agir/Ajustar).
[128] Observe – Orient – Decide – Act.

que em tradução livre quer dizer Observar, Orientar, Decidir e Agir.

Vamos adaptar o conhecido ciclo O.O.D.A., desenvolvido pelo piloto de caças e coronel da Força Aérea norte-americana John Boyd, para a nossa temática. Desse modo, iremos empregar o ciclo O.O.D.A. detalhando-o num cenário em que a vítima esteja diante de um crime violento em andamento ou na iminência de acontecer.

3.1 Observar

Nessa etapa do ciclo e fazendo um paralelo com as situações de crimes violentos, em particular o roubo, entendemos que isso pode ser assimilado como a vítima fazer uma leitura de cenário, uma visualização do local e das pessoas que se encontram ali. Por exemplo, podemos considerar estranho num dia bastante ensolarado e quente, dois indivíduos se aproximarem de uma casa lotérica vestindo jaquetas de mangas longas com boné, ao passo que as demais pessoas na cena (ou na rua), estão com roupas mais leves. A vítima, em potencial, ao observar este cenário, deve acender a 'luz amarela' da sua intuição.

3.2 Orientar

Partindo da cena do item anterior, a atitude de orientar está direcionada para o planejamento mental de o que fazer para, caso seja de fato um roubo que será desencadeado pela dupla, potencializar as chances de 1] não ser vítima e 2] se for, sair viva. No orientar, do ciclo O.O.D.A., podem entrar vários fatores como treinamentos anteriores,

experiências de outras situações similares, bem como a criatividade. Tudo isso levando em conta a exequibilidade de qualquer atitude a ser implementada.

3.3 Decidir

Essa fase do ciclo vai consistir em a vítima tomar a decisão de qual direção vai seguir, ou seja, qual a conduta vai preferir adotar para resolver o problema detectado a partir da observação e da orientação. Caso a dupla do caso hipotético acima mencionada anuncie o roubo, a decisão a ser tomada será uma reação passiva (ficar quieta aguardando o desenrolar dos fatos) ou ativa (fugir, gritar ou atacar os criminosos)? Um conjunto de fatores, como os citados no item da orientação vão influenciar nesse momento.

3.4 Agir

A última fase que a vítima complementará no seu ciclo mental O.O.D.A. para a situação de crime violento (roubo), será justamente a implementação dos itens: observação, orientação e o decidir que compõem o ciclo acima elencados.

É o que chamamos de 'A Hora da Verdade', dizendo de outra maneira e usando uma expressão popular, é o momento em que "se correr o bicho pega e se ficar o bicho come."

Desse modo, entendemos que o ciclo O.O.D.A. auxilia na tomada de decisão sob estresse e risco de vida iminente e no aumento das chances de sobrevivência das

vítimas de crimes violentos, em particular os que inicialmente tem características de roubo. É importante que esse ciclo deve ser retroalimentado a cada segundo na cena, pois a decisão de, por exemplo fugir, que parecia viável num determinado momento da cena, noutro será uma forma *kamikaze* de agir. Daí a necessidade da permanente avaliação do contexto em que está inserido por parte da vítima para uma boa tomada de decisão quer seja ela congelar, lutar ou fugir.

Damos ênfase à tomada de decisão por parte da vítima a cada segundo que se passa quando ela está envolvida num (des) encontro criminoso violento como é o caso do roubo. As decisões, mesmo que inconscientes, são tomadas com base em padrões, perfis ou estratégias comumente adotadas pela vítima. Na programação neurolinguística (PNL), há uma estratégia fornecida para a tomada de decisão chamada de T.O.T.S. (**T**este – **O**peração – **T**este – **S**aída).

Para O´Connor[129] (2003), a estratégia T.O.T.S. inicia-se pelo resultado que a pessoa deseja atingir, ou seja, o que você quer num determinado momento da vida. Basicamente, o Teste significa a comparação do estado atual que a pessoa se encontra com o estado que ela pretende alcançar. A Operação consiste em praticar uma ação com o escopo de diminuir a diferença entre o estado atual do estado almejado. O outro Teste significa que novamente a

---

[129] O'CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística: PNL**: Um guia prático para alcançar os resultados que você quer. Tradução de Carlos Henrique Trieschmann. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

pessoa busca avaliar a diferença entre os estados já mencionados anteriormente. Sair significa que àquele objetivo inicial foi alcançado e, portanto, a pessoa parte para outros.

Aplicando a estratégia de tomada de decisão T.O.T.S. da PNL na cena de ação de um (des) encontro criminoso violento, podemos imaginar que a vítima tenha como objetivo sair rapidamente do cenário sem ser percebido pelo criminoso. Pensando assim, ela pratica uma ação e introjeta um *feedback* que mostrará se a operação reduziu a distância ou não, entre o estado atual (na cena e em perigo) e o estado desejado (longe do criminoso e sem ser percebido a fuga). Cada *feedback* dá a vítima informações sobre o que fazer em seguida, enfim, qual o próximo passo para conseguir sair do local o mais rápido e sem ser percebido pelo criminoso. A evidência final (fuga concretizada), dará a vítima a informação se o resultado foi alcançado, e então ela deixa (sair) o T.O.T.S. Caso ainda não tenha alcançado, então inicia novamente o T.O.T.S. a partir do último momento.

Balizados pelos acima citados autores, podemos constatar facilmente que o preparo/treinamento mental deve fazer parte da 'caixa de ferramentas' do leitor, não só para ser empregado nas situações de violência que aqui evidenciamos, mas de igual modo, para o cotidiano das atividades laborais, familiares e interações sociais. Cuidemos pois dos nossos pensamentos.

4 TREINAMENTO PRÁTICO

O treinamento prático, ou seja, a repetição de movimentos para qualquer atividade humana é fundamental para alcançar altos níveis de proeficiência. Basta para entender essa premissa citar o exemplo dos atletas que são campeões mundiais e/ou olímpicos nas suas respectivas modalidades

O treinamento prático para a sobrevivência contra crimes violentos é a realização de exercícios em instituições policiais ou com policiais/civis que ministram cursos de autodefesa em empresas privadas, direcionados aos comportamentos conscientes e orientados às vítimas quando estiverem envolvidas nesses (des) encontros criminosos.

Na programação neurolinguística, entre outros, há um pressuposto que orienta no sentido de que modelar um desempenho bem sucedido conduz à excelência (O'CONNOR, 2003; BURTON e READY, 2009[130]). A pessoa buscando modelar/copiar/imitar práticas exitosas, terá uma boa chance de ao enfrentar um cenário parecido com o que outros passaram (foram modelados) e tiveram êxito, também alcançar escores similares. Então, estudar, visualizar, praticar treinamentos e condutas de pessoas que já passaram por situações de crimes violentos e sobressaíram, é uma forma por nós adotada e recomendada.

---

[130] BURTON, Kate; READY, Romilla. **Programação Neurolinguística para Leigos**. Tradução de Maria da Conceição. Rio de Janeiro: Alta Books, 2009.

Ripley[131] (2008), narra um tiroteio em que o policial do Departamento de Polícia de Nova York, Jim Cirillo, participara quando ao lado do seu companheiro, confrontou com três assaltantes durante uma operação de vigilância numa leiteria no bairro do Queens. No momento em que foram efetuados os primeiros disparos por parte dos criminosos, "o treinamento dele assumiu o controle, tendo a mira da pistola entrado em foco, fácil e segura, exatamente como no estande de tiros" (RIPLEY, 2008, p. 112).

De acordo com Mello[132] (2015, p.12), estudando as mortes de policiais militares do estado do Pará, afirma que morrem mais policiais de folga do que em serviço e que "**e a maioria das técnicas, procedimentos e comportamentos aprendidos nos cursos de formação e especialização não se aplicam a esta situação.**" Ainda afirma Mello (2015, p.12), que "todo treinamento aprendido tem pouca aplicabilidade no cenário onde ele será morto ou ferido." (grifamos)

No entendimento de Honing e Lewinski[133](2008), um cenário de treinamento baseado na realidade e comple-

---

131 *Op. Cit.*

132 MELLO, Cesar M. A. **"Mesmo com o Sacrifício da Própria Vida":** A multiplicidade dos riscos na profissão Policial Militar. Belém, 2015. 75 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública - PPGSP, Universidade Federal do Pará, 2015.

133 HONIG, Audrey. LEWINSKI, William. **A Survey of the Research on Human Factors Related to Lethal Force Encounters: Implications for Law Enforcement Training, Tactics, and Testimony.** Tradução

xidade que inclua várias tarefas físicas e mentais que um policial é obrigado a executar em um confronto mortal, até e inclusive a recordação e elaboração de relatórios com detalhes do cenário crítico, é essencial para melhorar o desempenho e resiliência de um policial após tais encontros. Repetição, então, aumenta a memória e o processamento mental, bem como fornece uma prática positiva dessas habilidades críticas perecíveis.

No tocante ao treinamento prático, nós desenvolvemos na Polícia Militar da Paraíba (PMPB), o que chamamos de *Workshop* de Proteção Pessoal (WPP), direcionado tanto para os policiais, estando fora de serviço e vítimas de crimes com características iniciais de roubo, quanto para a população em geral.

O WPP consiste em treinamento teórico e prático com 12 h/a, dividido da seguinte forma: 1] Neuropsicologia do Comportamento Humano (teórico 4 h/a); 2] Proteção Pessoal Desarmado (prático 4 h/a); e 3] Proteção Pessoal Armado (prático 4 h/a).

O que os autores fazem no WPP, é submeter o discente à reprodução dos casos constantes no nosso acervo de imagens (prioritariamente) e reportagens verificando qual o comportamento ele adotaria caso se encontrasse em cenário parecido. Com essa metodologia de treinamento em mente, estamos alcançando simultaneamente os dois tipos,

---

Onierbeth Elias de Oliveira. Disponível em: http://www.expertcop.com/Survey%20Research%20Human%20Factors%20Related%20To%20Lethal%20Force%20Encounters.pdf. Acesso em: 1 mar. 2010.

o mental e o prático. Pois, a partir da exibição dos casos em vídeos e da realização dos exercícios simulados na prática (sala de defesa pessoal e estande de tiro), estamos inserindo na memória do discente mais 'ferramentas' para serem escolhidas e usadas quando estiverem sob ameaça à sua sobrevivência.

Ilustraremos esses fatores acima mencionados, principalmente no tocante a tomada de decisão sob estresse/medo/perigo, com casos que infelizemente tiveram desfechos trágicos para os policiais envolvidos nas respectivas cenas. Desejamos com isso estar estimulando aos profissionais, instrutores, população em geral e alunos a lerem publicações científicas que tratam, entre outros, os fenômenos que ocorrem em nosso corpo e mente diante de uma situação considerada como de risco à sobrevivência. Então, aí estão alguns de vários casos que possuímos em arquivo e trabalhamos em nossas aulas e exposições outras.

> **Confundido com assaltante, PM é baleado dentro de transporte alternativo e morre em hospital de Caruaru**[134]
>
> Vítima trabalhava em Alagoas; autor do disparo é policial militar em Caruaru e mora na Paraíba.
>
> Por G1 Caruaru 28/10/2019 08h33
>
> Um policial militar que trabalhava em Alagoas foi morto a tiros após ter sido confundido com um assaltante no domingo (27) em Caruaru, no Agreste de Pernambuco. De

134 Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/10/28/confundido-com-assaltante-pm-e-baleado-dentro-de-veiculo-e-morre-em-hospital-de-caruaru.ghtml. Acesso em: 28 out. 2019.

acordo com o Batalhão Integrado Especializado de Policiamento (Biesp), William da Silva de Farias, de 25 anos, estava dentro de um carro de transporte alternativo com destino a Campina Grande, na Paraíba, quando o caso aconteceu.

O motorista do carro de transporte alternativo faz ponto na frente da Rodoviária de Caruaru e compartilha viagens através de aplicativos do gênero, conforme informou a polícia.

Ainda segundo o Biesp, um soldado da Polícia Militar de Caruaru, que mora em Campina Grande, foi quem efetuou os disparos de arma de fogo. Ele informou que suspeitou que a vítima fosse um assaltante e, por isso, atirou.

Ao Biesp, o soldado contou que William "apresentava uma atitude desconfiada, procurando observar tudo em sua volta e que estava trajando um casaco de frio num dia ensolarado, e de temperatura alta".

Após perceber que a vítima estava com uma arma de fogo, o soldado atirou, conforme informou o Biesp. Em seguida, William conseguiu se identificar como policial militar e disse que havia pego a arma para ajeitá-la na cintura.

Como o caso ocorreu próximo ao Hospital Mestre Vitalino, a vítima foi levada para a unidade de saúde, mas não resistiu aos ferimentos. Por meio de nota, o HMV destacou que foi realizado o atendimento emergencial e o paciente chegou a ser levado para o bloco cirúrgico.

O soldado que atirou se apresentou voluntariamente, prestou socorro e acionou o Biesp. Por meio de nota, a PMPE esclareceu que "disponibilizou assistência psicológica e de hospedagem à família do PM alagoano e instaurou, por parte do comando do 1º Biesp, um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar os fatos".

O velório de William vai acontecer em São Sebastião de Lagoa de Roça, no Agreste da Paraíba.

Policial tenta impedir assalto, é confundido com bandido e acaba baleado por tenente da reserva no AC[135]

Juscelino Queiros levou três tiros na noite deste sábado (16), ao tentar impedir assalto no bairro Isaura Parente, em Rio Branco. Tenente da reserva foi ouvido e liberado em seguida.

Por Aline Nascimento, G1 AC — Rio Branco 17/03/2019 13h12

O policial civil Juscelino Oliveira de Queiros levou três tiros ao ser confundido com um assaltante na noite deste sábado (16), no bairro Isaura Parente, em Rio Branco. Um tenente da reserva da Polícia Militar do Acre (PM-AC) teria feito os disparos.

Queiros foi levado em estado grave para o Hospital de Urgência e Emergência de Rio Branco (Huerb), onde passou por cirurgia. O militar prestou depoimento na Delegacia de Flagrantes (Defla) e foi liberado em seguida.

Ao **G1**, o delegado Jarlen Alexandre, que atendeu o caso na Defla, contou que dois criminosos tentavam assaltar um rapaz ao lado do restaurante onde o PM estava. O policial civil também estava próximo do local, percebeu a ação e atirou contra os bandidos.

"Foi tentar intervir, mas o policial [PM] achou que estava envolvido e acabou atirando nele. O policial civil também atirou e como estava próximo, o policial militar atirou também. Os bandidos fugiram", confirmou.

Ainda segundo o delegado, o PM acionou o socorro ao perceber que tinha acertado o colega. Além do tenente, testemunhas do caso também foram ouvidas na Defla.

"Foram ouvidas algumas pessoas e o PM liberado, depois vou mandar para corregedoria para distribuir, provavelmente para a DHPP para ouvir mais pessoas", destacou.

---

135 Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/03/17/policial-tenta-impedir-assalto-e-confundido-com-bandido-e-acaba-baleado-por-tenente-da-reserva-no-ac.ghtml. Acesso em: 17 mar. 2019.

Investigação
Por meio de nota, a Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Acre (Sejusp) lamentou o ocorrido e confirmou que o estado de saúde do policial ainda é grave.
A nota é assinada pelo comandante da PM-AC, coronel Mário Cézar Souza, secretário da Sejusp, coronel Paulo Cézar Rocha e pelo secretário de Polícia Civil, Rêmullo Diniz.
A Sejusp destacou também que as duas instituições estão apurando o ocorrido.

EM CUIABÁ
Policial da inteligência da PM é baleado e morto por colega ao ser confundido com bandido[136]
Única News - Da Redação – Sexta-feira, 29 de maio de 2020, 10:26
Um policial da inteligência da 21º Companhia Independente da Polícia Militar, identificado como Ricardo Ferreira de Azevedo, de 36 anos, morreu na noite dessa quinta-feira (28), ao ser confundido com bandido e ser baleado por um tenente da Força Tática, no pátio de um posto de gasolina, no cruzamento das avenidas Mato Grosso e CPA, em Cuiabá.
Segundo informações, por volta das 21h40, uma equipe da PM estava fazendo patrulhamento, quando recebeu um chamado via rádio para acompanhamento de quatro motocicletas na área central de Cuiabá, onde policiais do 1º Batalhão e da Ronda Ostensiva Tático Móvel (Rotam) preparavam um cerco aos suspeitos.
Imediatamente, os policiais seguiram para a avenida do CPA, quando na esquina, no pátio de um posto de combustível, flagraram dois homens em uma moto, um deles com arma em punho, apontando para outro homem, que estava em posição de rendição.

---

136 Disponível em: https://www.unicanews.com.br/artigosunicanews/policial-da-inteligencia-da-pm-e-baleado-e-morto-por-colega-ao-ser-confundido-com-bandido/50519. Acesso em: 29 maio 2020.

O tenente da Força Tática ordenou que eles soltassem as armas, o que não foi feito, assim, o tenente julgou necessário atirar contra um dos suspeitos, mas era Ricardo, que estava descaracterizado.

Após ser baleado, Ricardo se identificou como policial militar da inteligência da 21º Companhia da PM, que fica no Centro Histórico. Em seguida, os policiais fizeram a checagem e confirmaram que a vítima de fato era policial.

Ele foi socorrido em uma viatura e encaminhado para o Pronto-Socorro Municipal de Cuiabá, onde foi levado para a sala de cirurgia, mas não resistiu ao ferimento e acabou morrendo.

Por meio de nota, a Polícia Militar de Mato Grosso lamentou o ocorrido. Explicou que o soldado era do serviço de inteligência e trabalhava na coleta de informações sobre tráfico/uso de drogas, roubos, furtos e demais crimes na região central da capital.

"A Polícia Militar lamenta imensamente pela perda trágica e precoce do policial militar e informa que todas as medidas para apuração já estão sendo tomadas, inclusive com o afastamento preliminar dos envolvidos para atividades internas", declarou a corporação.

O caso já está sendo investigado pela Corregedoria da Polícia Militar. A PM afirmou que está dando atenção e assistência aos familiares do soldado morto.

5 INVERSÃO DA SURPRESA

Com o acesso as imagens de centenas de casos de roubos, principalmente daqueles em que a vítima reagiu ativamente (luta corporal, atirando ou fugindo), constatamos nitidamente que a inversão do fator surpresa foi preponderante na equação da sobrevivência.

As vítimas que sobreviveram após uma reação ativa, aguardaram (consciente ou inconscientemente) o

momento em que se abriu o que vamos chamar de 'janela de oportunidade.' Essa 'janela de oportunidade' é um instante em que o criminoso tira o foco da vítima mesmo que por alguns segundos, por exemplo, quando ele olha noutra direção da posição de onde a vítima está, ou ainda quando o criminoso sobe numa moto e tem as suas duas mãos ocupadas, impossibilitando o disparo da arma de fogo imediatamente; enfim, é um instante muito rápido em que se a vítima estiver totalmente atenta poderá implementar sua decisão, principalmente com o uso da arma de fogo.

Corroboramos e reforçamos a assertiva de Oliveira[137] (2013), quando aborda as cinco opções de resposta em uma situação de autodefesa (a obediência/congelamento/submissão, a desescalada, a intimidação, a fuga e o enfrentamento/luta).

Dessas opções de resposta acima citadas, vamos enfatizar a 'obediência/congelamento/submissão', para auxiliar na inversão da surpresa de acordo com as centenas de imagens que assistimos e que trouxeram êxito ou não quando a vítima decidiu reagir ativamente. Oliveira (2013, p. 132), prossegue dizendo que a obediência/congelamento/submissão, "trata-se da tática de odecer às determinações do criminoso, consistindo basicamente em não fazer nada a não ser aquilo que for ordenado."

Aqui nós vamos sintetizar usando a expressão 'obediência inteligente', ou seja, a vítima de forma consciente e planejada irá obedecer as ordens iniciais do criminoso com o foco de criar a 'janela de oportunidade'

---

[137] *Op. Cit.*

para uma possível reação ativa usando a luta corporal, a arma de fogo ou a fuga. Estamos seguros e tranquilos quando afirmamos que todas as inversões das surpresas nos casos exitosos, partiram da obediência inteligente por parte das vítimas, principalmente nos primeiros segundos da abordagem do criminoso.

De igual modo, constatamos que as vítimas, com destaque para os policiais fora de serviço e em trajes comuns, que foram feridas ou mortas nesses (des) encontros criminosos, fizeram a reação no momento em que o criminoso estava totalmente focado nela e o sistema sensorial em plena atividade (com destaque para a visão e a audição), ou seja, em alguns casos não adotaram a postura da 'obediência inteligente' que mencionamos acima. Foi comum encontrarmos nas reportagens escritas e nos vídeos, a expressão 'troca de tiros' para demonstrar que esse tiroteio resultou em 1] apenas morte da vítima (latrocínio), 2] morte de ambos, criminoso e vítima, e 3] ferimento na vítima e no criminoso.

Considerando que o nosso foco é a sobrevivência da vítima, preferencialmente ilesa, é imperioso que o nosso leitor assimile essa ideia da 'janela de oportunidade', sendo esse o fator preponderante para a inversão da surpresa se decidir por uma reação ativa (luta corporal, fuga ou uso da arma de fogo), pois partimos da lógica de que, geralmente, a vítima (desatenta) será surpreendida pelo ataque rápido (anúncio do roubo) e inesperado do criminoso.

Outro aspecto que enfatizamos é que para cada cenário deverá ter conhecimentos, habilidades e atitudes

específicas a serem desenvolvidas nos treinamentos. Explicamos melhor essa assertiva, o treinamento para situações em que a vítima está a pé e armada, deve ser diferente do contexto ela estando numa moto ou carro e armada. Nos cenários/contextos mencionados, nos referimos à técnica de portar a arma e, se decidir reagir, empregá-la.

Por fim, estamos convictos que a interação e conjugação desses quatro fatores acima mencionados (Sorte, Treinamento Mental, Inversão da Surpresa e Treinamento Prático), contribuirão decisivamente para a finalidade principal desse livro: a SOBREVIVÊNCIA da vítima quando ela se encontrar inserida numa situação de crime violento, com destaque para o roubo. Incentivamos e estimulamos ao leitor a usar da sua capacidade de adaptação, de flexibilidade, de resiliência e de criatividade, tanto quando estiver no 'olho do furacão', quanto antes e depois, para que possa transitar em qualquer urbe com a tranquilidade e a sensação de segurança (estar preparado) tão desejada para todo e qualquer cidadão brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literaturas dessa natureza são escassas em nosso país, ou seja, focando principalmente nas condutas dos policiais quando estão fora de serviço e sendo vítimas ou intervindo em cenários de crimes com características iniciais de roubo. Dessa forma, nos trouxe um desafio no campo das comparações e embasamento teórico para confirmar ou atualizar outros dados pertinentes ao crime em estudo, com as características inicialmente apresentadas: roubo estando a vítima a pé, numa motocicleta (parada, estacionada ou em deslocamento), no interior de um carro, quer esteja na via pública, numa garagem ou ainda num estabelecimento comercial qualquer.

Fizemos um esforço hercúleo para encontrar, catalogar, sistematizar e analisar os dados que compuseram esta obra. Como já mencionado nos respectivos capítulos, em resumo usamos duas fontes abertas, ou seja, de livre acesso: **1]** portais de notícias (textos) e **2]** vídeos. Ao tempo em que essas fontes também se constituem na principal limitação para a pesquisa, pois em virtude da ausência do áudio ou nitidez em alguns vídeos ou ainda mais detalhes colhidos pelo repórter que redigiu a matéria, algumas das variáveis elencadas para o estudo, ficaram prejudicadas no seu preenchimento pleno. Porém, devido ao ineditismo metodológico em obras sobre a temática, trouxe o brilhantismo

de eliciar novas visões para policiais, treinadores, estudiosos e população em geral.

Considerando a recomendação bastante difundida em entrevistas ou reportagens sobre o comportamento 'mais adequado' para a vítima nas situações de roubo, qual seja 'nunca reaja', na amostragem que utilizamos para analisar o fenômeno podemos constatar que, nos casos visualizados em vídeos de moto, carro ou a pé, as reações ativas trouxeram mais sucessos, ou seja, a sobrevivência da vítima do que reveses.

Vislumbramos com a análise dos achados das nossas pesquisas, que o treinamento policial para situações em que a vítima esteja fora de serviço, necessita de adequação à realidade aqui demonstrada, principalmente por se tratar de um cenário genuinamente brasileiro. Os exercícios propostos, devem partir de evidências empíricas mínimas que sejam, capacitando os profissionais de segurança pública ou detentores de porte e posse de arma de fogo, para uma REAÇÃO CONSCIENTE e ORIENTADA, seja ela uma reação ativa ou passiva/contemplativa, principalmente nos casos em que estejam em veículos que, de certo modo, têm uma proteção mínima para a vítima, e propicia nesse sentido, alguns segundos a mais para analisar o contexto e empregar a forma de agir mais adequada ao cenário vivenciado.

Podemos dizer ainda que é comum escutarmos jornalistas, profissionais de segurança (pública ou privada) ou pessoas leigas, quando abordam a temática de reagir ou não

durante o crime de roubo (que pode se transformar em latrocínio), recomendarem o famoso 'nunca reaja', alegando que a vantagem sempre será do criminoso. Em parte tem um certo sentido, pois o fator surpresa traz inicialmente uma relativa vantagem para o criminoso, no entanto, a depender de algumas condutas de ambos, vítima e criminoso, essa vantagem pode ser invertida em favor da vítima.

Aprofundando as análises de vídeos de crimes violentos com características iniciais de roubo, ocorridos no Brasil, bem como em outros países mesmo não sendo escopo das nossas pesquisas, percebemos que as vítimas que reagiram ativamente (luta corporal e/ou emprego de arma de fogo), e sobreviveram, adotaram consciente ou inconscientemente as condutas de: **1]** obediência inteligente – acatar inicialmente sem nenhum tipo de resistência as ordens do criminoso; **2]** controle passivo do cano da arma do criminoso – buscavam sair da linha de tiro da arma de fogo do criminoso para, num eventual disparo 'acidental', não serem feridas; **3]** aguardar a 'janela de oportunidade' – um brevíssimo momento de desatenção do criminoso e executaram a reação ativa já mencionada; e **4]** *mindset* de guerreiro – atacaram ferozmente o criminoso com todas as forças, energias e meios disponíveis naquele momento.

De modo que, ao debruçarmos com a análise dos dados, nos restou respondida a inquietude inicial, qual seja: em que medida o policial brasileiro (militar, civil, penal, federal ou rodoviário federal), sendo vítima de um crime inicialmente com características de roubo, estando no momento da abordagem criminosa e decidindo reagir armado ou não, tem a sua sobrevivência como resultado desse (des)

encontro? Na amostragem analisada, constatamos que reagir independente do meio utilizado, trouxe mais êxito (vida preservada) para o(a) policial vítima comparado ao revés (morte).

Porém, estamos deixando registrado que os seguintes cenários foram encontrados casos exemplificativos de cada um deles (em reportagens e/ou vídeos), no tocante à conduta da vítima e as consequências à sua integridade física:

Quadro 1 – Tipo de reação da vítima, de acordo com o fato de estar armada ou não e a consequência à sua integridade física, Brasil, 2017-2020.

Tipo de Reação	Forma/Consequência
1) REAÇÃO ATIVA	ARMADA ILESA ARMADA FERIDA/MORTA DESARMADA ILESA DESARMADA FERIDA/MORTA
2) REAÇÃO PASSIVA/CONTEMPLATIVA	ARMADA ILESA ARMADA FERIDA/MORTA DESARMADA ILESA DESARMADA FERIDA/MORTA

Fonte: Os autores.

Enfatizamos que há a necessidade do aprofundamento de estudos levando em consideração as características ambientais, geográficas e culturais de cada região/estado do Brasil, pois com as suas dimensões continentais que possuímos, não se pode atribuir de forma homogênea tanto o *modus operandi* dos criminosos quanto dos(as) policiais vítimas, considerando fatores como a formação inicial nas academias e centros de formação acrescido da conduta in-

dividualizada sendo afetada por fenômenos biopsicofisiológicos no momento do (des) encontro violento criminal ora abordado.

Porém, estamos convencidos que as condutas recomendadas por vários atores da população brasileira, ou seja, o 'nunca reaja' ou o 'sempre reaja', de forma isolada, não trazem a garantia do sucesso considerando isso como sendo a sobrevivência da vítima, mesmo ela estando armada.

É por demais importante destacar que existe a necessidade urgente de as instituições policiais investirem em treinamentos baseados em evidências para os seus integrantes, principalmente para os cenários em que se encontram fora de serviço e sendo vítimas de crimes violentos. Todos os levantamentos e pesquisas sobre vitimização no Brasil, mostram que é fora de serviço o maior número de policiais vitimados. Portanto, ao nosso entender não há mais o que se esperar para mitigar esse fenômeno ou mesmo 'epidemia' que passam os nossos policiais brasileiros.

Temos a esperança de que as várias instituições do sistema de segurança pública e defesa social estimulem a produção de relatórios circunstanciados sempre que seus integrantes estiverem envolvidos, na condição de vítima, estando fora ou em serviço, diante de cenários em que o uso da força ou arma de fogo foi necessário para preservar a sua própria vida ou a de outrem, com o escopo de aprimorar treinamentos e protocolos focados na **sobrevivência** dos inocentes.

Agradecemos muito por ter chegado até aqui. Os resultados que você obterá da descoberta dessas comprovadas análises lhe garantirão uma percepção mais diferenciada nos ambientes onde frequentar e, de algum modo, servir-lhe-ão para economizar dinheiro. As condutas abordadas ao longo do livro se mostram seguras e fáceis de usar, quando devidamente treinadas mental e fisicamente, tornando-o um novo indivíduo que gozará da sua saúde física, mental e espiritual e terá a oportunidade de compartilhar o amor com os que estão no âmbito de sua convivência familiar, social e profissional.

Portanto, incentivamos os policiais e cidadãos brasileiros a investirem em leituras, estudos, treinamentos, capacitações, enfim, tudo que possa agregar, que some na sua 'caixa de ferramentas' da **sobrevivência** do dia a dia.

#voltevivoeemliberdadeparacasa #sobreviva

"Chegará um dia que eu estarei cansado, meus ossos serão fracos, minha vontade será de ficar na cama e minha força será pouca. Mas todos os dias quando eu acordo, eu digo: HOJE NÃO É ESSE DIA!" (autor desconhecido)

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2018. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISSN 1983-7364 ano 12.

ARAÚJO, Leonardo Novo Oliveira Andrade de. **Direito Operacional**. São Paulo: Ícone, 2019.

ARTWOHL, Alexis; CHISTENSEN, Loren W. **Deadly Force Encounters:** Cops and Citizens Defending Themselves and Others. 2 ed. Publicação Independente, 2019.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

BONDARUK, Roberson Luiz. **A Prevenção do Crime Através do Desenho Urbano**. Curitiba: Edição do autor, 2007.

BURTON, Kate; READY, Romilla. **Programação Neurolinguística para Leigos**. Tradução de Maria da Conceição. Rio de Janeiro: Alta Books, 2009.

DINIZ, Gustavo Henrique Pereira. **Medidas de Autoproteção Face à Vitimização dos Policiais Militares de Minas Gerais, de Folga e em Trajes Civis**. 2018. Monografia (Curso de Especialização em Segurança Pública), Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2018.

DUARTE, Erika Natalie Pereira Miralha. **O Risco Não Cessa Quando o Turno Termina:** Um Estudo Sobre a Morte de Policiais Militares Fora do Serviço. 2019. 109f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública), PPGSP, Belém, Pará, Brasil, 2019.

FERNANDES, Alan. **Vitimização Policial:** Análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-2014). Rev. Bras. Segur. Pública | São Paulo v. 10, n. 2, 192-219, Ago/Set 2016.

Ferreira, R., Cabelho, V., & Rondon Filho, E. (2020). **Vitimização Policial**. *Revista Do Instituto Brasileiro De Segurança Pública (RIBSP)*, *3*(1), 9-52. https://doi.org/https://doi.org/10.36776/ribsp.v3i1.75.

GOMES, Sérgio Olímpio; BARROS, Ricardo Fernandes de; LEMOS, Márcio Tadeu Anhaia; SANTOS, Afonso César Evaristo; BORTOLETTO, Rogério da Rocha. **Reaja!:** Prepare-se para o Confronto: técnicas israelenses de combate. 3 ed. São Paulo: S. O. Gomes, 1998.

GRECO, Rogério. **Atividade Policial:** aspectos penais, processuais penais, administrativos e constitucionais. 8 ed. Niterói: Ímpetus, 2017.

HONIG, Audrey. LEWINSKI, William. **A Survey of the Research on Human Factors Related to Lethal Force Encounters: Implications for Law Enforcement Training, Tactics, and Testimony.** Tradução Onierbeth Elias de Oliveira. Disponível em: http://www.expertcop.com/Survey%20Research%20Human%20Factors%20Related%20To%20Lethal%20Force%20Encounters.pdf . Acesso em: 01 mar. 2010.

KAHN, Túlio. **Pesquisa de Vitimização 2002 e Avaliação do Plano de Prevenção da Violência Urbana – PIAPS.** Ilanud. FIA – USP. Gabinete de Segurança Institucional, 2002. Disponível em: http://wp.unil.ch/icvs/files/2012/11/Pesquisa-de-Vitimiza%C3%A7%C3%A3o-2002-e-avalia%C3%A7%C3%A3o-do-PIAPS.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

LIMA, Renato Sérgio de. SINHORETTO, Jacqueline. PIETROCOLLA, Luci Gati. "Também Morre Quem Atira". Risco de uma pessoa que possui arma de fogo ser vítima de um roubo. In: **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v.8, nº 29 (jan./mar.2000), p. 365-374.

LORDELLO, Jorge. RIBEIRO, Lair. **Como Conviver com a Violência**. São Paulo: Moderna, 1998.

MELLO, Cesar Maurício A. **"Mesmo com o Sacrifício da Própria Vida":** A multiplicidade dos riscos na profissão Policial Militar. Belém, 2015. 75 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública - PPGSP, Universidade Federal do Pará, 2015.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Vitimização Profissional. In: LIMA, Renato Sergio de. RATTON, José Luiz. AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. (Orgs.) Crime, **Polícia e Justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

MURPHY, Joseph. **O Poder do Subconsciente**. 47 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

O'CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística: PNL**: um guia prático para alcançar os resultados que você quer. Tradução de Carlos Henrique Trieschmann. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

OLIVEIRA, Humberto Wendling Simões de. **Autodefesa Contra o Crime e a Violência:** Um guia para civis e policiais. São Paulo: Baraúna, 2013.
OLIVEIRA, Onivan Elias de. **"Você sabe com quem está falando?"** usando a programação neurolinguística na aplicação da lei. João Pessoa: Ideia, 2017.
QUITSHAL, Marcus Vinícius. **A Necessidade de Treinamento de Tiro Defensivo na Preservação da Vida "Método Giraldi®" (Pista Policial Especial – PPE) ante a Análise da Vitimologia Policial Militar em Horário de Folga**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública), Academia de Polícia Militar do Barro Branco-CAES, São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.
STRONG, Sanford. **Defenda-se:** Um manual de sobrevivência ao crime urbano com regras que protegem você e sua família. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Harbra, 2000.
SUN TZU. **A Arte da Guerra**. Tradução de José Sanz. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
TATAGIBA, Magda Marcielle Kwirant. TOMAZI, Thalita. FERNANDES, Gleiciane Benfica. OLIVEIRA, Onivan Elias de. **A Vitimização dos Policiais Militares da Ativa no Estado de Rondônia:** Uma análise das mortes por crimes violentos entre 2010 e 2019. Artigo Científico apresentado ao Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Polícia Militar de Rondônia.

WEBSITES CONSULTADOS:

Disponível em: https://www.cadaminuto.com.br/noticia/298812/2017/02/01/nao-reaja-a-justificativa-do-bandido . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZDQyYWJmODctNDEwYy00MWQwLWFjOGQtZTZjYWRjYTRjZDhlIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9 . Acesso em: 12 fev. 2020.
Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf . Acesso em: 12 fev. 2020.
Disponível em: https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/pm-de-folga-reage-a-assalto-e-mata-suspeito-em-sal%C3%A3o-de-beleza-de-bh-veja-o-v%C3%ADdeo-1.674644 . Acesso em: 02 dez. 2018.

Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/12/03/um-policial-militar-e-morto-a-cada-5-dias-no-estado-de-sp-sao-1147-desde-2001.htm . Acesso em: 03 dez. 2017.
Disponível em: http://www.soudapaz.org/o-que-fazemos/documento/linha-de-frente-vitimizacao-e-letalidade-policial-na-cidade-de-sao-paulo . Acesso em 10 jan. 2017.
Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/latrocinio-e-principal-causa-de-morte-de-pms-no-rj-diz-estudo-do-mp.ghtml . Acesso em: 08 fev. 2018.
Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/02/14/numero-de-assassinatos-cai-19percent-no-brasil-em-2019-e-e-o-menor-da-serie-historica.ghtml . Acesso em 15 fev. 2020.
Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/19/numero-de-pessoas-mortas-pela-policia-no-brasil-cresce-em-2018-assassinatos-de-policiais-caem.ghtml . Acesso em: 20 abr. 2019.
Disponível em: http://g1.globo.com/ceara/noticia/policial-do-raio-e-morto-e-outro-baleado-em-tiroteio-em-russas.ghtml . Acesso em: 07 maio 2017.
Disponível em: https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2FmYWMyODItNDg1MS00N2M5LWE3NDktZDI4ZTRkNTI1YzE3IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9 . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: http://www2.pbagora.com.br/noticia/policial/20180523072207/homem-suspeito-de-tentar-assaltar-policial-do-goe-e-baleado-em-joao-pessoa . Acesso em: 23 maio 2018.
Disponível em: http://www.anfavea.com.br/ . Acesso em: 10 jun. 2020.
Disponível em: https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1/bi/dados-seguranca-publica . Acesso em: 10 jun. 2020.
Disponível em: http://nenoticias.com.br/110675_policial-militar-reage-a-assalto-e-alveja-um-homem-na-zona-norte-de-aracaju.html . Acesso em: 16 nov. 2018.
Disponível em: https://www.abraciclo.com.br/dados-do-setor/38-motocicleta/78-producao . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-seguranca-e-defesa-social/arquivos/Anuario_Seguranca_Publica_2019_.pdf . Acesso em: 20 jun. 2020.

Disponível em: http://radioimprensa.com.br/criminosos-levam-4-motos-por-hora-no-estado-de-sao-paulo/ . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/11/Relatorio-Pesquisa-Vitimizacao-SP-2018.pdf . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://www.noticiasautomotivas.com.br/motos-mais-roubadas-em-sao-paulo/#:~:text=Quarta%2Dfeira%20e%20quinta%2Dfeira,11%25%20dos%20roubos%20no%20total . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/10/29/homem-e-morto-a-tiros-em-shopping-de-salvador.ghtml . Acesso em: 29 out. 2019.
Disponível em: https://www.google.com.br/alerts . Acesso em: 20 jun. 2017.
Disponível em: http://portalcorreio.com.br/policial-e-assaltado-enquanto-pedalava-em-joao-pessoa/ . Acesso em: 21 dez. 2017.
Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/policial-militar-morre-apos-troca-de-tiros-com-assaltantes-em-joao-pessoa.ghtml . Acesso em: 01 jul. 2018.
Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/02/10/policial-militar-e-baleado-apos-tentar-impedir-assalto-em-joao-pessoa.ghtml . Acesso em: 11 fev. 2020.
Disponível em: http://www.wscom.com.br/noticia/policial/pm+reage+a+sequestro+e+mata+1+bandido-157074 . Acesso em: 20 set. 2013.
Disponível em: http://portalcorreio.com.br/noticias/policia/crime/2017/10/14/nws,303594,8,153,noticias,2190-pm-reage-mata-suspeito-outro-ferido-suposta-tentativa-assalto.aspx . Acesso em: 16 out. 2017.
Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/10/01/homem-e-morto-apos-tentar-assaltar-policial-militar-em-joao-pessoa.ghtml . Acesso em: 01 out. 2018.
Disponível em: https://motivacaoemusculacao.com.br/ . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e92jOQ2XFrw . Acesso em: 25 jun. 2020.
Disponível em: https://kdfrases.com/frase/141386 . Acesso em: 20 jun. 2020.

Disponível em: https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/que-forca-esteja-com-voce-as-10-melhores-frases-de-star-wars/ . Acesso em: 20 jun. 2020.
Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/10/28/confundido-com-assaltante-pm-e-baleado-dentro-de-veiculo-e-morre-em-hospital-de-caruaru.ghtml . Acesso em: 28 out. 2019.
Disponível em: https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/03/17/policial-tenta-impedir-assalto-e-confundido-com-bandido-e-acaba-baleado-por-tenente-da-reserva-no-ac.ghtml . Acesso em: 17 mar. 2019.
Disponível em: https://www.unicanews.com.br/artigosunica-news/policial-da-inteligencia-da-pm-e-baleado-e-morto-por-colega-ao-ser-confundido-com-bandido/50519 . Acesso em: 29 maio 2020.

VÍDEOS NO YouTube:

https://www.youtube.com/watch?v=JjpYx1U9NLE&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=1
https://www.youtube.com/watch?v=qjU-nYoWu20&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=3&t=0s
https://www.youtube.com/watch?v=eJQB-mZj1L2I&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=3
https://www.youtube.com/watch?v=3a4n1RYMDbI&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=4
https://www.youtube.com/watch?v=EpwwxK-FGK88&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=5
https://www.youtube.com/watch?v=XFRVo9oh-MWs&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=6
https://www.youtube.com/watch?v=xJNqAs-RyCvI&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=7
https://www.youtube.com/watch?v=rSo-zesq22KQ&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=8
https://www.youtube.com/watch?v=GC3ey4Z6Qts&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=9

https://www.youtube.com/watch?v=X3RJ2NO-JdJk&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=10
https://www.youtube.com/watch?v=bPac0me8YwI&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=11
https://www.youtube.com/watch?v=C-3Juf_iZR8&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=12
https://www.youtube.com/watch?v=ncNk38ncjIQ&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=13
https://www.youtube.com/watch?v=a7rouoYhs7A&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=14
https://www.youtube.com/watch?v=RdcD-qEYBoj8&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=15
https://www.youtube.com/watch?v=ljAeRkPa-jSs&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=16
https://www.youtube.com/watch?v=3K0Z3nxjhrA&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=17
https://www.youtube.com/watch?v=-KFup1VaI0A&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=18
https://www.youtube.com/watch?v=iuRwOS-RAyxc&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=19
https://www.youtube.com/watch?v=fnuqJNXT0Rc&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=20
https://www.youtube.com/watch?v=jo-jqk-FWpm0&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=21
https://www.youtube.com/watch?v=gHcxEQGI-Bec&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=23
https://www.youtube.com/watch?v=HV5J1Q78znU&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=24

https://www.youtube.com/watch?v=2Er4HHU-JDyM&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=25
https://www.youtube.com/watch?v=AKB-BcHeI6E&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=26
https://www.youtube.com/watch?v=uSs_Rsn9HhI&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=27
https://www.youtube.com/watch?v=UNuy2P2Vw3Y&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=29
https://www.youtube.com/watch?v=vyumo1su1Lg&list=PL4kycY3D4ryCL5rwp91Zw0O9Jd-CrfLpj&index=30
https://www.youtube.com/watch?v=kkPfORUu8g8&t=2s
https://www.youtube.com/watch?v=-6ETWL_oias
https://www.youtube.com/watch?v=N06jXHVIhBY
https://www.youtube.com/watch?v=5d5Cy-XcBho
https://www.youtube.com/watch?v=dKf7J7kjL6U

ANEXOS

ANEXO A
INSTITUCIONALIZAÇÃO DO *WOKSHOP* DE PROTEÇÃO PESSOAL

WORKSHOP - DIVULGAÇÃO - PROTEÇÃO PESSOAL

O DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR, no uso de suas atribuições, conferidas pela Lei Nº 5.264, de 18 de abril de 1990 (Sistema de Ensino da PMPB), c/c a Lei Complementar nº 87, de 02 de dezembro de 2008 (Organização Estrutural e Funcional da PMPB), bem como, RESOLVE:

1. Tornar público que será realizado um *Workshop* com o tema Segurança Pessoal, a ser ministrado pelo TC QOC Matr. 518.607-2 Onivan Elias de Oliveira, para os alunos do Curso de Formação de Sargentos - CFS e Curso de Formação de Cabos - CFC, no dia 20 de Maio de 2016 (sexta-feira), no horário das 07h30mim às 12h50min, na sala do CESP deste Centro de Educação.

2. Publique-se e registre-se.
João Pessoa-PB, 12 de Maio de 2016.
JOSÉ RONILDO SOUZA DA SILVA - Cel QOC
Diretor do Centro de Educação. (Nota nº 0121/2016-CEPM, de 12 Maio 2016).

BOL PM Nº 090 de 13 DE MAIO DE 2016 PÁGINA: 3631

WORKSHOP - DIVULGAÇÃO - PROTEÇÃO PESSOAL DESARMADO - Nível II

O DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR, no uso de suas atribuições, conferidas pela Lei Nº 5.264, de 18 de abril de 1990 (Sistema de Ensino da PMPB), c/c a Lei Complementar nº 87, de 02 de dezembro de 2008 (Organização Estrutural e Funcional da PMPB), RESOLVE:

1. Tornar público aos Policiais Militares e integrantes de Instituições do Sistema de Justiça Criminal, que estão abertas as inscrições para o Workshop Proteção Pessoal Desarmado - Nível II, a ser realizado neste Centro de Educação, em 03 (três) turmas com 20 (vinte) vagas cada, ministrado pelo CB QPC Matr. 521.547-1 Valdomiro Bandeira de Sousa Neto, nos dias 18, 19 e 20 de Julho de 2017, de acordo com o cronograma abaixo:

1ª TURMA
DATA: 18 de Julho de 2017 (terça-feira)
HORÁRIO: Das 08h00 às 12h00
Inscrições: Até as 16h00 do dia 17/07/2017 (segunda-feira)

2ª TURMA
DATA: 19 de Julho de 2017 (quarta-feira)
HORÁRIO: Das 08h00 às 12h00
Inscrições: Até as 16h00 do dia 18/07/2017 (terça-feira)

3ª TURMA
DATA: 20 de Julho de 2017 (quinta-feira)
HORÁRIO: Das 08h00 às 12h00
Inscrições: Até as 16h00 do dia 19/07/2017 (quarta-feira)

2. Os interessados deverão enviar os dados conforme a sequência do quadro abaixo, informando qual a turma que tem preferência em participar, para o email: depmpb@yahoo.com.br, até data limite estabelecida no cronograma acima;
POSTO/GRADUAÇÃO - MATRÍCULA - NOME - UNIDADE - TURMA - EMAIL -
CELULAR

3. A ocupação das vagas obedecerá, rigorosamente, a ordem de chegada de inscrição no email;

4. Os contemplados dentro do limite de vagas deverão trazer roupa civil para a prática dos exercícios propostos;

5. Publique-se, registre-se e cumpra-se.
João Pessoa-PB, 13 de Julho de 2017.

JOSÉ RONILDO SOUZA DA SILVA - Cel QOC
Diretor do Centro de Educação. (Nota nº 0149/2017-CEPM, de 13 Jul 2017)
BOL PM Nº 0131 de 14 DE JULHO DE 2017 PÁGINA: 5416

AUTORIZAÇÃO - WORKSHOP DE PROTEÇÃO PESSOAL - PMRN

O DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR, no uso de suas atribuições, conferidas pela Lei Nº 5.264, de 18 de abril de 1990 (Sistema de Ensino da PMPB), c/c a Lei Complementar nº 87, de 02 de dezembro de 2008 (Organização Estrutural e Funcional da PMPB), bem como, cumprindo diretrizes emanadas do Exmo. Senhor Cel QOC Comandante-Geral, RESOLVE:

1. Tornar público que o TC QOC Matr. 518.607-2 ONIVAN Elias de Oliveira, foi autorizado a ministrar WORKSHOP DE PROTEÇÃO PESSOAL, SEM ÔNUS AO ESTADO DA PARAÍBA, no período de 28 de Fevereiro à 02 de Março de 2018, na cidade de Natal-RN, cuja solicitação foi formalizada através do Ofício nº 012/2018-P/3-PMRN, datado de 20 de Fevereiro de 2018, da lavra do Cel QOPM Raimundo Aribaldo Mendes de Souza, Diretor de Ensino da PMRN.

2. Publique-se, registre-se e cumpra-se.
João Pessoa-PB, 26 de Fevereiro de 2018.
JOSÉ RONILDO SOUZA DA SILVA - Cel QOC
Diretor do Centro de Educação. (Nota nº 0029/2018-CEPM, de 26 Fev 2018).
BOL PM Nº 0038 de 26 DE FEVEREIRO DE 2018 PÁGINA: 1572

REGISTRO FOTOGRÁFICO *WORKSHOP* DE PROTEÇÃO PESSOAL NÍVEL I, NÍVEL II e NÍVEL III

Todas as fotos são do acervo dos Autores



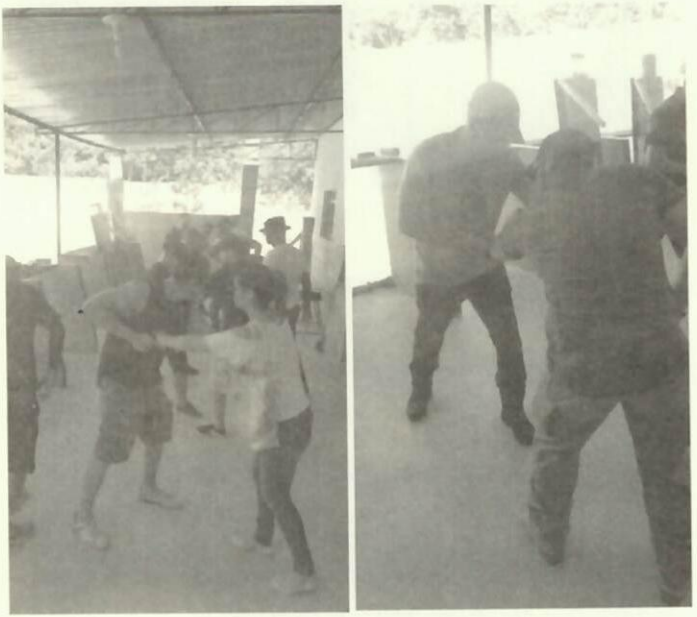
Nível I – João Pessoa.



Nível I – Campina Grande.



Nível I – Natal-RN.

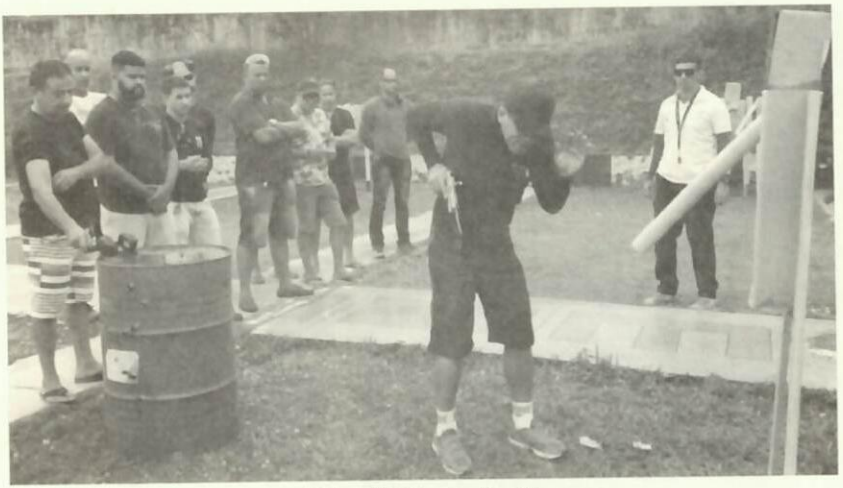


Nível III – João Pessoa.





Nível II – João Pessoa.



Nível III – João Pessoa.

ONIVAN ELIAS DE OLIVEIRA
Coronel da Reserva Remunerada da Polícia Militar da Paraíba; Doutor em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública; Bacharel em Segurança Pública; 1º Comandante do Grupamento de Ações Táticas Especiais; Comandante veterano da Companhia de Polícia de Choque; Comandante Veterano do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa.

ÁLVARO CAVALCANTE FILHO
Tenente Coronel da Polícia Militar da Paraíba; Especialista em Segurança Pública; Bacharel em Segurança Pública; Instrutor de Armamento, Munição e Tiro; Chefe do Departamento Especializado em Armamento e Tiro do Centro de Educação da Polícia Militar.
@linhadefrente.info

VALDOMIRO BANDEIRA DE SOUSA NETO
Sargento da Polícia Militar da Paraíba; Bacharel em Ciências Jurídicas; Instrutor de Defesa Pessoal; Faixa Preta de Judô; Faixa Preta de Jiu-Jitsu, integrante do Grupo de Atuação Especial contra o Crime Organizado - GAECO - MPPB.
@bandeira_b77

"É um Assalto! E se eu reagir? Um guia de sobrevivência" é um livro que aborda a vitimização policial e civil no Brasil, por meio da análise de dados provenientes de reportagens e vídeos de crimes. A obra classifica as vítimas em diferentes categorias – direta, indireta, vigilante, diligente e de crime evitável – e examina os fatores que podem influenciar a sobrevivência em situações de assalto, como sorte, treinamento mental e prático, além da inversão da surpresa.

Os autores apresentam pesquisas sobre as reações de policiais e cidadãos em situações de risco, enriquecidas por relatos detalhados de sobreviventes. A obra também aborda a relevância do preparo mental e do ciclo O.O.D.A. (Observar, Orientar, Decidir e Agir) como ferramenta essencial para a tomada de decisões sob condições de estresse.

O objetivo principal da obra é oferecer informações e estratégias para aumentar as chances de sobrevivência das vítimas de crimes violentos. O livro enfatiza que não existe uma abordagem única e que cada situação demanda uma análise cuidadosa e uma resposta personalizada. A base do conteúdo são dados empíricos, análises de casos reais e conhecimentos provenientes de áreas como neurociência, programação neurolinguística e artes marciais.

Nesta edição, atualizamos com:

Uma amostragem de 2.000 policiais e guardas municipais que foram vítimas de roubo/latrocínio entre os anos de 2017 e 2024, enquanto estavam fora de serviço no Brasil.

A inclusão de dados referentes às Mortes Violentas de Profissionais de Segurança Pública, publicados pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública no período de 2015 a 2024.

A adição de uma nova categoria de vítima policial: De Crime Evitável.

ISBN 978-65-5608-137-3
9 786556 081373